



**Universidade do Minho**  
Escola de Economia e Gestão

Ângela Catarina Serrão da Silva

**A Participação de atores externos na  
Guerra Civil Síria: uma Nova Guerra  
Fria no Médio Oriente?**





**Universidade do Minho**

Escola de Economia e Gestão

Ângela Catarina Serrão da Silva

**A participação de atores externos na  
Guerra Civil Síria: uma Nova Guerra Fria no  
Médio Oriente?**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Relações Internacionais

Trabalho elaborado sob a orientação da

**Professora Doutora Maria do Céu Pinto Arena**

junho de 2020

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença [abaixo](#) indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### *Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações  
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## **A Participação de Atores Externos na Guerra Civil Síria: Uma Nova Guerra Fria no Médio Oriente?**

### **Resumo**

O Médio Oriente é considerado uma das regiões mais complexas do globo, frequentemente assolada por momentos de tensão e guerras. Sendo uma região tão crucial, quer pela sua localização quer pelos seus recursos energéticos, são várias as potências do sistema internacional que se esforçam em preservar os seus interesses regionais. Uma das formas mais práticas para tal é através de guerras por procuração, em que os atores externos evitam o seu envolvimento direto, financiando as forças locais. Assim, tal como ocorreu durante a Guerra Fria, no século XX, assiste-se hoje a um conflito no Médio Oriente que envolve atores locais, regionais e globais, gerando uma complexa interdependência de interesses.

O principal objetivo da presente dissertação é analisar as atuais relações geopolíticas no Médio Oriente, resultantes da Primavera Árabe. Iniciando pela Guerra Fria, realiza-se um exercício de comparação deste momento histórico e da sua materialização no Médio Oriente, a “Guerra Fria Árabe”, conceito criado por Malcolm Kerr, com o cenário atual. De forma a aprofundar este estudo da Nova Guerra Fria do Médio Oriente, selecionou--se a Guerra Civil Síria como estudo de caso. Recorrendo ao quadro teórico-concetual do Neorrealismo, analisa-se o papel os atores mais relevantes neste conflito: os EUA, a Turquia, o Irão e a Rússia. O estudo conclui que a Guerra Civil Síria efetivamente abriu um novo capítulo nas relações na região do Médio Oriente e, conseqüentemente, no sistema internacional. As alterações foram ocorrendo ao longo do início do século XXI, a começar pela intervenção americana no Iraque e Afeganistão, desequilibrando a balança de poder. O fortalecimento da retórica política do Irão também levou ao aumento do sectarismo e conseqüente polarização do Médio Oriente, agravada pela eclosão da Guerra Civil Síria.

**Palavras-chave:** Nova Guerra Fria no Médio Oriente; Guerra Civil Síria; Primavera Árabe; Neorrealismo

## **The Participation of External Actors in the Syrian Civil War: A New Cold War in the Middle East?**

### **Abstract**

For decades, the Middle East has been considered one of the most complex regions of the globe, an area characterized by moments of tension and war. Several powers of the international system strive to keep their interests in the region, as it is so crucial due to its location and its resources. One of the easiest ways to defend their interests is through proxy wars, by financing local fighting groups, thus avoiding direct involvement. In this model of conflict, the main local fighters look for support from actors whose interests are at stake and are economically able to invest in a war. As seen during the 20<sup>th</sup> century Cold War, there is today a high number of clashes in the Middle East, involving local, regional and global actors and generating, thus, a complex interdependence of interests.

The main purpose of the present dissertation is to analyze the current geopolitical relations in the Middle East resulting from the Arab Spring, a set of popular upheaval felt in the region. Starting with the Cold War, a comparison is made of that historical moment and of its specific in the Middle East, the so-called “Arab Cold War”, a concept created by Malcolm Kerr, with the current scenario. In order to deepen this study of the New Cold War in the Middle East, the Syrian Civil War was selected as case study. Finally, the most important actors in this conflict, the USA, Turkey, Iran and Russia, were analyzed through the Neorealism lens. This study concludes that the Syrian Civil War did indeed open a new chapter in geopolitical relations in the Middle East and, consequently, in the international system. The modifications took place in the early 21<sup>st</sup> century, starting with the American interventions in Iraq and Afghanistan, upending the balance of power. The strengthening of Iran’s rhetorical policy also led an increase in sectarianism and the consequential political polarization of the Middle East, deepened by the outbreak of the Syrian Civil War.

**Keywords:** New Cold War in the Middle East; Syrian Civil War; Arab Spring; Neorealism

## Índice

Introdução .....	1
Objeto de Estudo, Justificativa e Hipótese .....	2
Metodologia .....	5
Estrutura do Trabalho.....	6
Principais Conceitos.....	7
As Abordagens Teóricas ao Estudo das Relações Internacionais no Médio Oriente .....	10
Apresentação do Modelo Teórico.....	10
Fundamentação e adequação da abordagem teórica ao tema de estudo .....	14
1. Enquadramento Histórico da Guerra Fria no Médio Oriente .....	17
1. 1. Objetivos do Capítulo .....	17
1. 2. As Ações Americanas e Soviéticas durante a Guerra Fria na Região do Médio Oriente .....	20
1. 3. A “Guerra Fria Árabe” – Conflitos Regionais ( <i>Proxy Wars</i> ) no Médio Oriente .....	26
1. 4. O Panorama da Região após a Queda da URSS – A <i>Pax Americana</i> .....	30
1. 5. Síntese Conclusiva .....	34
2. A Primavera Árabe – Mudanças Geopolíticas no Médio Oriente .....	38
2. 1. Objetivos do Capítulo .....	38
2. 2. A Primavera Árabe – Motivações e o seu Significado para a Política do Médio Oriente .....	41
2. 3. Uma Nova Guerra Fria no Médio Oriente.....	47
2. 4. Síntese Conclusiva .....	51
3. Estudo de Caso – A Guerra Civil Síria .....	54
3. 1. Objetivos do Capítulo .....	54
3. 2. Enquadramento da Guerra Civil Síria no Fenómeno da Primavera Árabe .....	56
3. 3. Estudo dos Atores Externos e das suas Tomadas de Decisão no Conflito.....	61
3. 3. 1. Os Estados Unidos da América.....	61
3. 3. 2. Turquia .....	71
3. 3. 3. O Irão.....	78
3. 3. 4. A Rússia.....	85
3. 4. O Panorama Atual da Guerra Civil Síria e os Processos de Paz.....	92
3. 4. 1. 2020 e a Guerra Civil Síria: Quem ficou a ganhar o quê? .....	92
3. 4. 2. O Processo de Paz de Astana .....	102
3. 4. 3. As Rondas de Negociações em Genebra .....	103
3. 4. Síntese Conclusiva .....	106



<b>4. Aplicação do Modelo Teórico ao Estudo de Caso</b> .....	109
<b>Considerações Finais</b> .....	124
<b>Anexos</b> .....	134
<b>Bibilografia</b> .....	135
<b>Artigos e Capítulos de Livros</b> .....	135
<b>Livros</b> .....	138
<i>Papers</i> e Relatórios.....	139

## Glossário

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AKP	Partido da Justiça e Desenvolvimento
EIIL/EI	Estado Islâmico do Iraque e do Levante/ Estado Islâmico
EUA	Estados Unidos da América
MENA	<i>Middle East and North Africa</i>
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
ONU	Organização das Nações Unidas
OSDH	Observatório Sírio dos Direitos Humanos
PYD	Partido da União Democrática
R2P	<i>Responsibility to Protect</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
YPG	Unidades de Proteção Popular

“Syria is the perfect example of a failed state occupying territory, subjected to the controversial ambitions of foreign powers.” – Serdar Güner e Dilan Ezgi Koc, 2017, “Shifting Balances of Power in the Syrian Conflict”.

## Introdução

Iniciada a 15 de março de 2011, a Guerra Civil Síria apresenta-se como uma das maiores crises humanitárias da atualidade. Em sob estado de emergência desde 1962, o aparelho estatal é caracterizado pela existência de um sistema unipartidário, onde o partido político Ba’ath é a encarnação do próprio regime. Através de um golpe de Estado, Hafez al-Assad tomou o poder na Síria governando, nestes moldes, durante trinta anos. A opressão foi sentida a vários níveis - politicamente, ao proibir a criação de partidos, daí a hegemonia de Ba’ath (um fenómeno a que se assistiu também noutros Estados árabes), assim como em termos religiosos, sendo al-Assad alauita<sup>1</sup>, uma minoria da população síria.

A economia síria é dominada por uma série de grupos privilegiados com ligações políticas, dificultando a transparência e integridade do sistema. Em 2011, a Síria estava mergulhada em problemas de criação de emprego e com uma faixa etária jovem pobre e sem perspectivas de futuro.<sup>2</sup> Esta situação económica, associada a irregularidades constantes quanto à defesa dos Direitos Humanos, levou a que al-Assad anunciasse, a 31 de Janeiro de 2011, um conjunto de reformas, de forma a evitar o derrube do regime (algo a que já se tinha assistido na Tunísia e no Egito).

Apesar desta aparente vontade de mudança política por parte do governo sírio, os grupos de oposição criticaram a lentidão do processo e o não cumprimento de promessas que foram sendo anunciadas, levando a manifestações de rua em massa. As

---

<sup>1</sup> Os alauitas são um grupo étnico-religioso e estão presentes, maioritariamente, no território sírio. Considerados muçulmanos xiitas, representam cerca de 15% da população da Síria e, nas últimas décadas, têm assumido cargos de maior relevo no Estado. Sendo a família al-Assad, que governa a Síria desde 1971, alauita, este grupo étnico-religioso foi beneficiado por uma certa ascensão social, em comparação à população sunita, grupo maioritário no Estado sírio e anterior subordinante dos alauitas, subordinados.

<sup>2</sup> Relatório de referência para estas questões: N. Kabbani e N. Kamel (2007). *Youth Exclusion in Syria: Social, Economic, and Institutional Dimension*. Dubai: Wolfensohn Center for Development.

revoltas não foram lideradas por um conjunto de intelectuais, nem por uma oposição organizada e com claro apoio, tendo sido um aglomerado de manifestações espontâneas iniciadas pela população e apoiadas por líderes tribais sunitas. A maioria destas manifestações foram reprimidas pelo Estado.

Inicialmente, as cidades com os confrontos mais violentos que se registaram foram Damasco, Alepo, Homs e sul de Daara, sendo que os momentos de tensão se intensificaram a partir de Abril de 2011, quando as autoridades sírias enviaram tropas e forças de segurança especiais para reprimirem as manifestações populares. Como Raymond Hinnebusch refere<sup>3</sup>, a Síria experienciou uma *double state failure*, ou seja, o Estado perdeu o monopólio do controlo do território e do uso da força, assim como perdeu também significativamente a capacidade de inclusão identitária. Esta falha verifica-se ao analisar ‘o outro lado da moeda’ – a identificação identitária que une uma população a um Estado perde-se.

### **Objeto de Estudo, Justificativa e Hipótese**

Segundo Coutinho, quando se fala de investigação científica “Duas questões muito simples ocorrem ao nosso espírito quando se fala de investigação científica. A primeira é: «Qual é o meu problema?» e a segunda: «Que devo fazer?».”<sup>4</sup>

Perante o cenário apresentado, esta investigação tem como tema principal as posições geopolíticas de atores externos, nomeadamente o Irão, a Turquia, os EUA e a Rússia, na Guerra Civil Síria. Analisando os atores selecionados, pretende-se concluir se esta guerra é efetivamente a consequência de um conflito maior – A “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”. Para estudar este conceito da área das Relações Internacionais no Médio Oriente, é necessário remeter para a “Guerra Fria Árabe”<sup>5</sup>, ocorrida entre 1952 a 1970 e que colocou em polos ideológicos opostos uma série de Estados da região – por

---

<sup>3</sup> Raymond Hinnebusch, “From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA: The Case of Syria”, *Small Wars and Insurgencies*, vol. 29, nº3, 2018, p. 397.

<sup>4</sup> Clara Pereira Coutinho, *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*, Coimbra, Almedina, 2015, p. 2.

<sup>5</sup> Conceito elaborado por Malcom Kerr (1965). *The Arab Cold War. A Study of Ideology in Politics, 1958-1964*. London: Chattam House Series, Oxford University Press.

um lado, as repúblicas árabes nacionalistas e, por outro, as monarquias conservadoras. Assim, este trabalho tem como foco temporal os primórdios da Guerra Civil Síria até ao presente, ainda que tenha sido feito um esforço inicial de enquadramento histórico relativamente ao tema abordado.

Após uma sucinta análise da geopolítica regional do Médio Oriente dos anos 50 até ao início do século XXI, passar-se-á para o estudo da atual situação política da região, utilizando a Guerra Civil Síria como estudo de caso. Assim, o trabalho investigativo pretende responder à seguinte pergunta: **a Guerra Civil Síria abriu um novo capítulo nas relações na região do Médio Oriente?** Ao anunciar um ‘novo capítulo’, está subentendido que uma mudança ocorreu entre estas duas fases da História do Médio Oriente – referimo-nos à retirada da URSS do cenário com o final da Guerra Fria. É na guerra civil utilizada neste estudo de caso, a Síria, em que as duas superpotências se reencontram – os EUA e, após a dissolução da URSS, a Rússia.

A escolha de atores justifica-se por todos estes Estados terem um papel importante na Guerra Civil Síria (ainda que de maior ou menor relevância) e, conseqüentemente, na “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”. O Irão e a Rússia demonstraram-se apoiantes do regime de Bashar al-Assad, ajudando financeiramente e militarmente; o que estes Estados também têm em comum é o facto de ambos não serem árabes e quererem aumentar a sua influência na região. Já a Turquia, apresenta-se como um ator cada vez mais central no Médio Oriente, sendo também igualmente não-árabe. Participa no processo de paz de Astana, que se pauta pela ausência dos EUA; é também um Estado que, fazendo fronteira com a Síria, tem um maior interesse em relação ao desfecho da guerra – quer pelo zelo dos seus limites territoriais devido ao elevado número de refugiados que transitam (e os próprios campos de refugiados que mantém no seu território), quer pelo papel dos Curdos neste confronto, um povo árabe sem pátria e com desejos independentistas.

Por fim, os EUA têm um papel preponderante no Médio Oriente desde o fim da URSS, levando a uma série de intervenções em Estados da região, conforme a sua agenda. Com a presidência de Barack Obama, os EUA assumiram a sua intenção de retirada da região, focando-se estrategicamente noutras zonas do globo, como o

Pacífico asiático. Esta retirada do Médio Oriente levou a que o Estado americano assumisse apenas a liderança de uma coligação contra o autoproclamado Estado Islâmico (EI), um grupo terrorista, que tentou criar um califado no território da Síria e do Iraque. Os EUA têm também um assento no outro processo de paz que prossegue lado a lado com o de Astana – o de Genebra, negociado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Perante esta interrogação, formulou-se uma hipótese de investigação, de forma a testar a sua veracidade e auxiliar na resposta à questão elencada. A hipótese é a seguinte: **estamos efetivamente perante uma “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”, com certos atores em comum com a “Guerra Fria Árabe”, ainda que, atualmente, apresentem graus de poder diferentes nos sistemas regional e internacional – esses atores tornaram a Guerra Civil Síria vítima do mecanismo de ataque de *hard power* através das guerras por procuração (*proxy wars*). Esta guerra tomou uma proporção que, provavelmente, não tomaria se não tivesse a participação de tantos atores externos, dispostos a investirem os seus bens materiais e a sua agenda política no terreno sírio.**

Para ajudar na resposta do ponto de pesquisa anteriormente levantado, assim como de forma a enriquecer a hipótese lançada, estruturaram-se quatro perguntas relativas aos Estados anteriormente elencados:

1. Quais foram os ganhos russos ao participar na guerra, defendendo o regime sírio?
2. Que tipo de dificuldades terá o governo turco de enfrentar relativamente aos Curdos e à vaga de refugiados no seu território?
3. O que é que os EUA perderam, em termos de geoestratégia, ao se limitarem, na Guerra Civil Síria, a considerarem, em 2014, o autoproclamado Estado Islâmico como principal alvo?
4. Qual é o novo mapa de ação externa iraniana que a Guerra Civil Síria potenciou?

A importância deste tema de investigação justifica-se pela sua atualidade, sendo uma guerra que ainda não findou. Uma série de atores externos que participam na

Guerra Civil Síria encontram-se também num momento de tensão diplomática que tem vindo a aumentar, como os EUA e o Irão, tornando-se pertinente compreender as divergências entre estas potências durante os últimos anos neste assunto regional. Por fim, há que salientar a relevância científica que a Guerra Civil Síria tem para compreender conceitos de maior escala, principalmente no âmbito da literatura académica portuguesa.

## **Metodologia**

Definidos os principais pontos de partida da investigação, é importante referir os procedimentos científicos seguidos.

Em termos de metodologia, existem dois grupos principais<sup>6</sup> que orientam as investigações – os métodos experimentais, baseados na análise extensiva e o estudo de caso, uma análise intensiva e, conseqüentemente, uma estratégia qualitativa. Num esforço de aproximação de uma realidade política, neste caso, no Médio Oriente, seguiu-se uma linha de estudo interpretativa. Segundo Strauss<sup>7</sup>, esta metodologia qualitativa é importante para compreender contextos estruturais, algo aplicável quando trabalhando com conceitos como a ‘Guerra Fria Árabe’.

O estudo de caso tem sido considerado um método menos eficaz pela sua falta de abrangência, visto que tem um maior foco intensivo, assim como as falácias que podem ocorrer aquando no planeamento de pesquisa para tal efeito. No entanto, assumindo os problemas de sistematização que ocorrem, o recurso a este mecanismo ajuda também a compreender a complexidade de âmbito transversal, que engloba várias áreas do conhecimento – essas áreas poderão ser aplicadas no estudo da Guerra Civil Síria, nomeadamente as Relações Internacionais, a História, a Geoestratégia e a Demografia. Como Boaventura de Sousa Santos refere, *“a ciência social será sempre*

---

<sup>6</sup> David Marsh e Gerry Stoker, 2002, *Theory and Methods in Political Science*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2002, pp. 231-248.

<sup>7</sup> Anselm L. Strauss, *Qualitative Analysis for Social Scientists*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

*uma ciência subjectiva e não objectiva como as ciências naturais”, porque “tem de compreender os fenómenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes ou actores conferem às suas acções (...)”<sup>8</sup>.*

Por fim, este estudo baseia-se, essencialmente, na análise documental de fontes secundárias, utilizada com base no método descritivo selecionado.

## **Estrutura do Trabalho**

A investigação encontra-se estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo é sobre o enquadramento histórico da “Guerra Fria Árabe”. Para tal, é necessário, inicialmente, abordar o conceito de Guerra Fria e inseri-lo na região do Médio Oriente, assim como analisá-lo sucintamente. Após esse passo, é possível abordar-se a “Guerra Fria Árabe”, caracterizada por conflitos regionais – seguindo a lógica desta pesquisa, o âmagu será a geoestratégia e geopolítica. A parte final do capítulo foca-se no panorama da região após a desconstrução da URSS e a posição unipolar americana.

Quanto ao segundo capítulo, intitulado “A Primavera Árabe – Mudanças Geopolíticas no Médio Oriente”, este centra-se na análise dos motivos que levaram à Primavera Árabe – motivos estes que estão inseridos num quadro pós-Guerra Fria e de *Pax Americana*. É ainda abordado o conceito “Nova Guerra Fria no Médio Oriente”, comparando-o com a “Guerra Fria Árabe”.

O capítulo seguinte incidirá sobre o estudo de caso escolhido para esta dissertação, a Guerra Civil Síria. O trabalho realizado para este estudo de caso reflete-se na análise das posições estratégicas tomadas pelos EUA, Turquia, Irão e Rússia, assim como os processos de paz e a implicação destes para o sistema regional árabe e a balança de poderes.

---

<sup>8</sup> B. d. Santos, 2007, cit. por. José Augusto do Vale Faria, “A Islamização da Europa: Do Al-Andaluz à Eurásia”, Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais, Escola de Economia e Gestão: Universidade do Minho, outubro 2011, p. 18.



O quarto e último capítulo focar-se-á na aplicação do modelo teórico a ser explicitado seguidamente, o Neorrealismo, e nos principais conceitos abordados, ao estudo de caso e resultantes conclusões.

### **Principais Conceitos**

Ao longo da dissertação, serão utilizados termos que importa serem definidos e explicitados para facilitar a compreensão da pesquisa realizada.

#### **- Guerra Fria**

Ainda que não seja uma palavra-chave para o cerne da questão, especialmente considerando o estudo de caso apresentado, é um conceito importante de se referir no sentido de preparar o leitor para o elemento primordial desta investigação: a 'Nova Guerra Fria no Médio Oriente.' A Guerra Fria caracteriza-se por um estado de hostilidade política sentido entre as duas superpotências que sobreviveram economicamente à Segunda Guerra Mundial – os EUA e a URSS; estes Estados encontravam-se em blocos ideologicamente opostos. O início da Guerra Fria pode ser considerado aquando da declaração da Doutrina Truman, em 1947, quando parecia possível propagação em larga escala do comunismo no sistema internacional.<sup>9</sup>

Esta guerra caracterizou-se pela utilização de meios que não a confrontação militar direta, como propaganda, compra massiva de armamento nuclear e participação indireta em várias guerras no globo. O braço de ferro durou até 1990, aquando da dissolução do Estado soviético.

---

<sup>9</sup> "The Cold War can be said to have begun in earnest in March, 1947 when the President issued his now famous Truman Doctrine. The Truman Doctrine was a declaration of war on communism throughout the globe in which encirclement of the Soviet Union was arrogantly proclaimed. This Doctrine in effect made the policy which Churchill had enunciated at Fulton, Missouri, a year earlier, the official policy of the United States Government." Em Alan Milchman, "D. F. Fleming on "The Origins of the Cold War"", *Left and Right*, nº1, Primavera 1965, p. 70.

## - Guerra Fria Árabe

Termo cunhado em 1965 por Malcolm Kerr, refere-se à instabilidade sentida no Médio Oriente, principalmente com a subida ao poder do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser. Considera-se que a Guerra Fria Árabe terminou após a morte de Nasser, em 1970 ou, pelo menos, ocorreu um arrefecimento do clima tenso da região. Durante o seu tempo de governação, houve um alinhamento dos Estados árabes em campos americano ou soviético<sup>10</sup>. Para além desta divisão bipolar, a tensão no Médio Oriente ganhou contornos próprios - por um lado, estavam as repúblicas socialistas, seculares e com um carácter revolucionário e Pan-Arabista, tendo como rosto o Presidente Nasser; por outro lado, encontravam-se as monarquias tradicionais e que pretendiam manter o seu estatuto e, conseqüentemente, a soberania dos seus Estados, sendo a Arábia Saudita do rei Faisal o melhor exemplo deste bloco.

O carácter excecional deste confronto encontra-se na importância que as médias potências regionais tiveram na tomada de decisões das grandes potências, tendo uma maior capacidade de negociação e conseguindo, por vezes, que entrassem em guerra. No sistema clientelar presente no Médio Oriente, é comum utilizar-se a expressão “não é apenas o cão que abana a cauda; a cauda também abana o cão”: *“The superpower rivalry that made local clients valuable actually gave regional states leverage over their patrons, even allowing the 'tail to wag the dog' over regional issues where the client's vital interest were more at stake than those of the global patron.”*<sup>11</sup>.

É também de relevo reforçar o papel das potências regionais. Denominam-se ‘média potência’ os Estados que não são suficientemente poderosos no sistema internacional para assumirem o papel de superpotências ou de grandes potências, contudo, ainda têm alguma margem de manobra nas suas tomadas de ação. Muitas destas potências são também relevantes no plano regional. Adam Chapnick apresenta três possíveis formas

---

<sup>10</sup> O Movimento dos Países Não-Alinhados pretendia evitar o envolvimento em guerras entre atores do sistema internacional com maior capacidade, levando a situações como guerras por procuração. Apesar do movimento reunir 115 Estados, o mesmo tem perdido fôlego pelo fato de vários Estados terem alinhado com os blocos, ainda que não abertamente, por motivos económicos ou de segurança, e também pela dissolução da URSS.

<sup>11</sup> Oran Young, “Political Discontinuities in the International System”, *World Politics*, vol. 20, nº3, Abril 1968, cit. por Raymond Hinnebusch e Anoushiravan Ehteshami (eds.) *The Foreign Policies of Middle East States*, Boulder, Lynne Rienner Publishers, 2002, p. 5.

de definir o que é uma potência média, sendo um destes modelos mais facilmente enquadrado no plano geoestratégico do Médio Oriente: *“The behavioural model also identifies middle powers by their expressed desire for greater international status. Bernard Wood has characterized middle powers as regional leaders, conflict managers, multilateral moral powers and status seekers (1988:19-20)”*.<sup>12</sup>

#### - A Nova Guerra Fria no Médio Oriente

O conceito remete igualmente para o modelo de guerra por procuração, desta vez estando o Irão e a Arábia Saudita em polos opostos. O objetivo centra-se na conquista de influência nos territórios à volta destes Estados do Médio Oriente, apoiando lados diferentes nas guerras existentes na região, como as guerras civis do Iraque, do Bahrain, do Líbano e, a que será estudada, a Síria. Este conflito ocorre em diversos níveis, principalmente geopolítico e económico, utilizando ferramentas políticas como o sectarismo para conseguirem a posição hegemónica no Médio Oriente.

Ainda que existisse uma clara tensão desde a Revolução Iraniana em 1979, a situação agravou-se ao longo dos anos devido a conflitos como a Guerra Irão-Iraque. Atualmente, a generalização do termo ‘Nova Guerra Fria do Médio Oriente’ deve-se à clara visibilidade e consequências regionais que as ações externas iranianas e sauditas têm.

De denotar que as diferenças entre a ‘Guerra Fria Árabe’ e a ‘Nova Guerra Fria do Médio Oriente’ centram-se na pluralidade e heterogeneidade de atores ativos, bem como nas temáticas em confronto - problemas como as divergências Sunismo-Xiismo têm ganho maior pujança, por exemplo. Nesta investigação, será testado se o estudo de caso se enquadra neste conceito e de que forma.

#### - Guerra por Procuração (*Proxy War*)

Denomina-se uma guerra por procuração um conflito no qual dois Estados que estão numa posição mais vantajosa no sistema internacional utilizam Estados terceiros (os *proxies*) como intermediários para a sua tensão, evitando confronto direto. De salientar que, para estes Estados aceitarem participar numa guerra, também têm

---

<sup>12</sup> Bernard Wood, *The Middle Powers and the General Interest*, Ottawa, The North-South Institute, 1988, cit. por Adam Chapnick, “The Middle Power”, *Canadian Foreign Policy*, vol. 7, nº2, Inverno 1999, p. 76.

interesses próprios a defender. Autores como Gurr<sup>13</sup> e Horowitz<sup>14</sup> estudaram que falhas estruturais estes Estados, durante a Guerra Fria, apresentam para entrarem neste estado político, tais como “*Many identified the lack of modernization as the problem, particularly problems associated with state making, the inability to generate economic development, the lack of democracy, and low state capacities for addressing political grievances.*”<sup>15</sup>.

Aplicando este conceito na investigação, será analisado se a Guerra Civil Síria efetivamente poderá ser considerada uma guerra por procuração, iniciada por movimentos sociais sírios, na busca da defesa dos seus interesses.

## **As Abordagens Teóricas ao Estudo das Relações Internacionais no Médio Oriente**

### **Apresentação do Modelo Teórico**

Para esta investigação, o quadro teórico-concetual assenta no Neorrealismo, proposto por Kenneth Waltz em 1979, com a obra *Theory of International Politics*. Este quadro deriva do Realismo, uma escola de pensamento que utiliza a definição de poder para explicar as Relações Internacionais.<sup>16</sup> Ainda que esta tradição possa remontar a Tucídides, Waltz<sup>17</sup> reformula a linha de pensamento de autores mais contemporâneos,

---

<sup>13</sup> Gurr publicou uma obra importante dentro desta temática: (1970) *Why Men Rebel*. Nova Iorque: Routledge.

<sup>14</sup> Anos mais tarde, Horowitz estudou as mecânicas de grupos étnicos em (1985) *Ethnic Groups in Conflict*. California: University of California Press.

<sup>15</sup> Indra De Soysa, *Proxy Wars: Implications of Great-Power Rivalry for the Onset and Duration of Civil War*, Trondheim, Norwegian University of Science and Technology, p. 3.

<sup>16</sup> Joshua S. Goldstein e Jon C. Pevehouse, “Realist Theories”, *International Relations*, Nova Jérsea, Pearson, 2014.

<sup>17</sup> Kenneth Waltz é considerado um dos mais importantes investigadores das Relações Internacionais, tendo-se destacado pelo seu papel no desenvolvimento do Neo-Realismo (ou Realismo Estrutural). A sua obra mais marcante intitula-se *Theory of International Politics* (1979). Nova Iorque, NY: McGraw-Hill.

como Edward Carr<sup>18</sup> e Hans Morgenthau<sup>19</sup>. De salientar que os termos ‘realista’ e ‘Realismo’ não podem ser utilizados para definir uma única teoria, mas sim três aspetos diferentes e igualmente importantes para as Relações Internacionais – uma tradição académica e política, um conjunto de escolas que se colocam sob esta tradição ‘guarda-chuva’ e, por fim, teorias e conceitos específicos do Realismo, que podem ser estudados individualmente.<sup>20</sup> Também não existe uma evolução da tradição escolar como se esta fosse um sistema coerente de teorias e todos os autores inseridos no Realismo a seguissem de forma homogénea - a forma mais correta de se analisar esta evolução é assumindo que existem múltiplas escolas dentro do Realismo, que tornam a teoria mais rica e capaz de responder aos fenómenos das Relações Internacionais<sup>21</sup>.

William C. Wohlforth<sup>22</sup> contribuiu para a definição de Realismo ao convergir a tradição construída ao longo dos séculos em quatro preposições centrais, sendo estas o **sentimento de grupo**, a **anarquia**, o **egoísmo** e a **power politics**. As duas primeiras preposições estão interligadas – a política ocorre sempre entre conjuntos de grupos e dentro destes mesmos, a vários níveis, o que leva à sua subsistência no sistema geral; paradoxalmente, esta interação poderá também gerar conflito com grupos externos motivados, principalmente, por interesses próprios<sup>23</sup>. O terceiro ponto, o egoísmo, está presente na natureza humana e reflete-se nas suas ações políticas; porém, este poderá ser limitado ou exacerbado, dependendo de fatores como a falta de um governo central no sistema internacional (ou seja, a anarquia). Por fim, a *power politics* refere-se à

---

<sup>18</sup> Edward Hallett Carr escreveu um livro que, posteriormente, foi considerado um dos primeiros textos realistas da contemporaneidade. A sua obra mais importante é *The Twenty Years' Crisis: 1919-1939: An Introduction to the Study of International Relations* (1964). Nova Iorque, NY: Harper Perennial.

<sup>19</sup> Hans Joachim Morgenthau consolidou a visão realista que Edward Carr retomou através da obra *Politics Among Nations*. A sua obra de referência é *Politics Among Nations – The Struggle for Power and Peace* (1948). Nova Iorque, NY: A.A. Knopf.

<sup>20</sup> Richard Ned Lebow, “Classical Realism”. Em Tim Dunne, Milja Kurki e Steve Smith (eds.), *International Relations Theories: Discipline and Diversity*, Oxford, Oxford University Press, 2013, p. 131.

<sup>21</sup> William C. Wohlforth, “Realism”. Em Christian Reus-Smit e Duncan Snidal (eds.) *The Oxford Handbook of International Relations*, Nova Iorque, Oxford University Press, 2008, p. 136.

<sup>22</sup> Wohlforth, *Realism*.

<sup>23</sup> Lebow, *Classical Realism*, p. 64, relativamente à universalidade do poder e à consequente balança do poder.

relação entre o poder social e o poder material, levando ao possível uso de uma força coerciva. Conforme Lebow explica<sup>24</sup>:

Once past the hunter-gatherer stage, human affairs are always marked by great inequalities of power in both senses of that term: social influence or control (some groups and individuals always have an outsized influence on politics) and resources (some groups and individuals are always disproportionately endowed with the material wherewithal to get what they want).

Adotando os pontos anteriormente apresentados em relação à natureza estatal, subentende-se que os Estados sigam a norma da soberania, ou seja, os governos têm o direito a uma série alargada de liberdades de ação dentro do seu território; a soberania significa também que os Estados não devem interferir nos assuntos internos dos outros.<sup>25</sup> Perante uma anarquia descentralizada, as posições dos Estados no sistema internacional são definidas pela sua distribuição de recursos e capacidade de defesa da soberania.

Uma das maiores divergências entre o Realismo e o Neorealismo é o facto de o último abandonar conceitos essencialistas como a “natureza humana” para descrever tomadas de decisão na política internacional. Para os investigadores que seguem esta linha de pensamento, o que restringe o poder de ação de um Estado, assim como o motiva nessa mesma ação, são as **condicionantes estruturais** que apresenta, não outros fatores como o egoísmo ou a estratégia. Os Estados são considerados semelhantes em relação às suas necessidades - o que os difere são os recursos que têm à sua disposição, levando a uma maior dificuldade na cooperação entre Estados.

Esta vontade de maximizar os benefícios individuais de cada unidade (os ganhos absolutos/relativos) deve-se à vontade dos Estados de acumularem poder. Segundo Mearsheimer<sup>26</sup>, existem cinco pontos que podem responder a esta questão: o fato de

---

<sup>24</sup> Wohlforth, *Realism*, p. 133.

<sup>25</sup> Goldstein e Pevehouse, *Realist Theories*, p. 50.

<sup>26</sup> John J. Mearsheimer, “Structural Realism”. Em Tim Dunne, Milja Kurki e Steve Smith (eds.) *International Relations Theories: Discipline and Diversity*, Oxford, Oxford University Press, 2013, p.67. Autor americano, conhecido pela sua contribuição para o desenvolvimento do Neorealismo, mais concretamente, o ramo

os atores principais no mundo político servirem as grandes potências, que operam num sistema anárquico; em segundo lugar, todos os Estados possuem alguma forma de capacidade militar ofensiva e, em terceiro lugar, estes mesmos Estados nunca têm a certeza em relação às intenções dos outros no sistema internacional. Os dois últimos aspetos relacionam-se com o objetivo de sobrevivência e a racionalidade dos Estados ao procurarem cumprir essa meta. Assim, a cooperação internacional é limitada pelo medo de quem não segue as regras internacionais e os ganhos relativos dos outros Estados pertencentes ao plano, surgindo o conceito de **balança de poder** e a distribuição desta (“If one state becomes especially powerful and if its location and behaviour feed threat perceptions (...) then balancing strategies will come to dominate their foreign policies.”)<sup>27</sup>. O desejo e a capacidade relativa de cada Estado limitam a dos outros através do equilíbrio de poder neste “dilema de segurança”.

Tal como os realistas, os neorrealistas também consideram de maior relevância distinguir os conceitos de *autoridade* e de *poder* – quando utilizado o termo ‘anarquia’, estão a referir-se à ausência de qualquer forma de estrutura e hierarquia legitimamente autoritária. Esta referência indica que realmente existe uma hierarquia nas Relações Internacionais, em termos de poder, mas que esta não corresponde a uma hierarquia de autoridade pois não há um ‘protocolo’ efetivo que consagre um poder central. As implicações da anarquia na análise do comportamento dos Estados no sistema internacional poderão ser vistas perante dois prismas<sup>28</sup> – por um lado, uma postura mais defensiva, apoiada por Kenneth Waltz, onde o autor assume que a prioridade dos Estados é a de manter a sua segurança, contudo, de forma contida e feita de forma a evitar que o aumento do poder gere mais hostilidade e insegurança. Por outro lado, Mearsheimer adota uma atitude mais ofensiva, defendendo que os Estados acreditam que apenas um estado de poder máximo poderá garantir a sobrevivência destes, sendo o objetivo final a posição hegemónica do sistema onde estão inseridos (ou seja, não há

---

ofensivo, e o estudo das relações de poder entre os Estados no Sistema internacional. A sua obra mais conhecida é *The Tragedy of Great Power Politics* (2001). Nova Iorque, NY: W.W. Norton & Company.

<sup>27</sup> Wohlforth, *Realism*, p. 142.

<sup>28</sup> J. Donnelly, “Realism”. Em S. Burchill, A. Linklater, R. Devetak, J. Donnelly, M. Paterson, C. Reus-Smit e J. True, (eds.), *Theories of International Relations*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2005, pp. 43-44.

garante real da paz duradoura). Com esta premissa em mente, os Estados tentam maximizar a sua força (ou enfraquecer a força de outros Estados), aumentando também a natureza competitiva sentida no estado anárquico do sistema internacional – para tal, há uma ‘despersonalização’ do Estado, ignorando questões ideológicas, religiosas, de política doméstica, entre outras.

Assim, se o Neorealismo utilizar o Estado como ‘medida’ social e política para analisar as relações no sistema internacional, possibilita-se a definição de quatro suposições em relação a este<sup>29</sup>: em primeiro lugar, os Estados são os atores mais importantes num sistema anárquico; são também atores unitários, ou seja, são uma unidade consagrada numa política comum. Este elemento do sistema é também racional, ao apresentar um propósito e ao utilizar as ferramentas das quais dispõe para maximizar os benefícios. Por fim, assume-se que tem uma hierarquia de assuntos, sendo crucial priorizá-los – dentro deste quadro teórico, a segurança nacional e defesa externa estão no topo, os assuntos considerados *high politics*.

### **Fundamentação e adequação da abordagem teórica ao tema de estudo**

Após a exposição dos pressupostos sobre a teoria Realista e a escola Neorealista, é permissível acomodar estes na abordagem que o tema de estudo tomará. O motivo pelo qual se opta, nesta investigação, pelo Neorealismo em detrimento do Realismo Clássico prende-se pelo facto desta escola explicar conceitos anteriormente trazidos que necessitavam de abandonar o seu carácter vago e, por vezes, contraditório. Ao explorar melhor os atributos dos Estados e o sistema de Estados em si – e não a natureza humana – consegue criar padrões dos eventos internacionais, propondo certas leis que expliquem os acontecimentos<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Paul R. Viotti e Mark V. Kauppi, “Realism: The State and The Balance of Power”. Em Paul R. Viotti e Mark V. Kauppi, *International Relations Theory*, Glenview, Longman, p. 39.

<sup>30</sup> Mearsheimer, *Structural Realism*, p. 67.



Esta interpretação sistémica provém, no seu âmago, da distribuição de poder no globo. Um sistema multipolar normalmente tem cinco a seis centros de poder, que não estão agrupados como alianças, ou seja, cada Estado participa de forma independente e com capacidades relativamente semelhantes. Neste sistema clássico de multipolaridade típica da balança do poder, a posição dos grandes poderes é instável e as guerras que ocorrem são no sentido de se ajustarem as relações de poder. (“For structural realists (...) human nature has little to do with why states want power. Instead, it is structure or architecture of the international system that forces states to pursue power.”).<sup>31</sup> Assim, considera-se que a bipolaridade é mais estável para o sistema internacional, pois as posições de cada Estado são mais óbvias e existe uma maior dificuldade na criação de alianças.

Analisando o Médio Oriente, caracterizado pela sua natureza especialmente fragmentada, torna-se necessário buscar premissas mais claras e capazes de descodificar o sistema de alianças que existe na região. Assumindo que todos estes Estados têm necessidades similares e, na sua grande maioria, foram formados na mesma época, é de relevo tentar perceber porque estão em patamares tão diferentes no sistema internacional, ainda que anárquico. Estas restrições estruturais prendem-se com questões como a densidade populacional, a quantidade de petróleo que cada Estado tem e a capacidade de exportação dos seus bens. Dependendo da riqueza e espaço de manobra que cada Estado apresenta, o Médio Oriente vai sendo moldado, muitas vezes recorrendo a ferramentas da política internacional, como o *bandwagoing*,<sup>32</sup> de forma mais recorrente comparativamente a outras regiões do globo.

---

<sup>31</sup> Op. cit., p. 78.

<sup>32</sup> *Bandwagoing* é um conceito da área das Relações Internacionais e refere-se a situações como o alinhamento de Estados com menos poder a Estados superiores, pois os custos de apresentar oposição não são compensatórios – é uma relação baseada na desigualdade, oposta à balança de poder. Estas ferramentas a que os Estados recorrem indicia que o fenómeno de contrabalançar, muitas vezes, é o que mantém a estabilidade no sistema - de salientar que estabilidade não é sinónimo de paz. É com base nesta ferramenta que surgem também as alianças, capazes de unirem Estados com interesses em comum (*burden sharing*), normalmente relacionados com a segurança. Também é possível que os Estados trabalhem para uma causa comum sem assinarem qualquer espécie de contrato, como se verifica nos alinhamentos regionais. Questões como o *bandwagoing* não entram em confronto com condutas éticas – há uma visão de que a defesa de princípios morais é puramente um movimento político tanto da parte

Outra questão que mostra a *expectations-reality gap* sentida da região, e que se liga ao Neorrealismo, é a não-interferência em assuntos internos de cada Estado, enquanto unidade soberana, devido à constante busca de acumulação de poder por parte de Estados de média potência e a desconfiança generalizada. Na prática, a maioria dos Estados têm cada vez mais dificuldade em não se envolverem nos assuntos internos uns dos outros, afetando questões como a proteção dos direitos humanos e o direito à autodeterminação, assuntos cruciais para a Organização das Nações Unidas (ONU).

---

de quem exerce o poder como sobre quem este é exercido. Ver: J.J. Mearsheimer, *The Tragedy of Great Power Politics*, (2001). Nova Iorque: W.W. Norton and Company.

## **1. Enquadramento Histórico da Guerra Fria no Médio Oriente**

### **1. 1. Objetivos do Capítulo**

Os mais recentes alinhamentos estratégicos visíveis na região, ainda que inseridos no atual cenário político-social, têm um enquadramento histórico que é importante de se referenciar - perante a hipótese de uma Nova Guerra Fria no Médio Oriente, é necessário analisar a Guerra Fria, salientando as suas especificidades na área. Assim, este capítulo concentrar-se-á nesta primeira fase da investigação – na definição de Guerra Fria e, conseqüentemente, nas tomadas de decisões por parte da URSS e dos EUA em relação ao Médio Oriente, afetando a balança de poder regional.

Após um conciso mapeamento histórico, analisar-se-á as características da ‘Guerra Fria Árabe’, conceito que remete para um conjunto de conflitos regionais que levaram a determinados posicionamentos políticos dos Estados do Médio Oriente – conflitos estes mobilizados por questões coloniais e que levaram a uma divisão de frentes. Por fim, será também abordado o período da *Pax Americana*, correspondente à dissolução da URSS e à força unipolar dos EUA no Médio Oriente, tornando-se o suposto regulador da paz regional por excelência.

É possível aferir que cada superpotência tentou aumentar a sua rede clientelar na área, prestando apoio aos Estados que necessitassem de fundos económicos e/ou proteção militar no Médio Oriente, de forma a garantirem uma manutenção da defesa dos seus interesses. Esta disputa mundial entre a URSS e EUA provou ser mais complexa no Médio Oriente devido ao papel central que certos Estados de média potência apresentavam para o equilíbrio da região, conforme abordado anteriormente. A importância destes Estados provinha maioritariamente de aspetos como as relações

económicas entre Estados Árabes,<sup>33</sup> a relevância histórica de certas áreas<sup>34</sup> e a defesa do Pan-Arabismo<sup>35</sup>. Com os interesses próprios das potências regionais a pesarem na balança de poder, por vezes, as superpotências não tinham as ferramentas necessárias para manterem o foco na defesa dos seus propósitos, acabando por serem arrastadas para outros conflitos.

Assim, outro ponto possível de se concluir é o facto destes momentos de tensão vividos no Médio Oriente, sob a denominação de ‘Guerra Fria Árabe’, terem delimitado o mapa geoestratégico, traçando as linhas de divisão entre os Estados da região. No final da Guerra Fria, os Estados que estavam protegidos pelo ‘guarda-chuva’ soviético viram a sua capacidade de resposta na área limitada drasticamente por falta de fundos, o que comprovou a falta de capacidade de certos Estados do Médio Oriente em emanciparem-se sem apoio de terceiros: “(...) middle powers are actually small powers of temporarily elevated stature. They lose their middle quality as soon as their ability to contribute to a given issue in international affairs decreases.”<sup>36</sup>.

Um dos Estados mais prejudicados por esta mudança de paradigma foi a Síria. Ao perder a proteção de um dos seus maiores aliados – e o mais capaz de investir na economia síria em larga escala – teve de se adaptar ao início da época *Pax Americana*, ou seja, à unipolaridade global. A possibilidade de existir apenas um Estado capaz de exercer a sua influência e que esteja recetível a negociações multilaterais prejudica a balança natural de poder pois uma série de atores estarão em constante vantagem económica e militar. As linhas políticas e diplomáticas criadas durante a Guerra Fria endureceram; apesar da instabilidade sentida durante as décadas de tensão entre os

---

<sup>33</sup> “The interests of the separate-Arab states are too intertwined - by labor supply, investment funds, security, water, communications routes, and the Palestine issue - for them to develop self-sufficient coherence.”. Em Tim Niblock, “The Need for a New Arab Order”, *Middle East International*, 12 outubro 1990, cit. por. Hinnebusch, *The Foreign Policies of the Middle East*, p. 30.

<sup>34</sup> Certos Estados árabes têm uma voz mais predominante pela sua importância na História da região, como a Arábia Saudita, território onde se encontram as cidades santas de Medina e Meca, e o Egito, ponte importante entre o Norte de África e o Médio Oriente, com uma cultura única.

<sup>35</sup> O Pan-Arabismo pode ser definido como “The idea of a political alliance or union of all the Arab nations.”. Em David Seddon, *A Political and Economic Dictionary of the Middle East*, Londres, Publications: Taylor & Francis Group, 2004, p. 536.

<sup>36</sup> Chapnick, *The Middle Power*, p. 75.

EUA e a URSS ter terminado, outros problemas, mais complexos e desafiantes, foram levantados devido ao poder unilateral de um ator e à falta de resposta de outras entidades do sistema internacional, como a ONU.

Inicialmente, durante a administração de George Bush e a ação americana no Kuwait, os EUA adotaram uma postura mais dura e focada na manutenção da sua rede de clientes, ainda que dissonante com os valores democráticos defendidos. Esta mudança de doutrina político-militar sagrou-se na totalidade duas administrações depois, com George W. Bush, como se verificou nas consecutivas ações militares americanas no Médio Oriente.:

During his administration, Bush pursued the doctrine of pre-emptive strikes, unilateralism democratic regime change and attacking countries that harbored terrorists. However, while Bush campaigned democracy in Iraq and Afghanistan, he continued to support repressive and undemocratic regimes in Egypt, Saudi Arabia, Jordan and in several countries in North Africa.<sup>37</sup>

Ao manter as relações com os seus aliados e, ao mesmo tempo, agir unilateralmente (e, por vezes, à revelia do Conselho de Segurança da ONU) em Estados da mesma região e com problemas semelhantes, apenas aumentou o sentimento de insegurança da população árabe e diminuiu a popularidade do Estado americano. Impressões desta natureza nunca são positivas em termos diplomáticos, pois distanciam os governos dos Estados, que querem manter-se no poder prolongadamente e não querem ser associados a uma imagem negativa. A *Pax Americana* não obteve os resultados desejados – a região não se pacificou, pelo contrário.

---

<sup>37</sup> Moses Yakubu, Adewunmi J Falode, Barr e Britto B. Remi, “The Pitfalls of Unilateralism: The United States in Syria”, *Global Journal of Human-Social Science (F)*, vol. 18, nº5, p. 13.

## 1. 2. As Ações Americanas e Soviéticas durante a Guerra Fria na Região do Médio Oriente

Ainda antes da Segunda Guerra Mundial findar, era já clara a existência de dois blocos que apresentavam linhas de pensamento antagónicas – por um lado, os EUA, liberal e capitalista e, por outro, a URSS, com um governo marxista-leninista e comunitarista. Apesar de serem aliados no confronto com os regimes fascistas europeus e também na defesa dos processos de descolonização, ambos apresentavam soluções divergentes para as negociações no pós-guerra. Estas diferenças ideológicas espelhadas em modelos políticos explicam o sistema (mundial) de Estados parceiros que se verificou nos anos seguintes<sup>38</sup>.

É a escalada de armamento de ambos os atores e essa mesma manutenção de um sistema de interdependência que definem, na generalidade, a Guerra Fria. Perante este cenário no sistema internacional, o possível quadro de poder tripartido entre a Grã-Bretanha, URSS e EUA (tendo a França um papel menor) vê-se alterado para uma ‘coexistência pacífica’ e de cooperação<sup>39</sup>; esta instabilidade, sentida a nível mundial, foi o centro da política internacional durante mais de quarenta anos.<sup>40</sup> De denotar que, anterior a esta escalada de violência, ocorreram três principais momentos de tensão que levaram a que a Guerra Fria, por fim, se catalisasse<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> “The need to predominate throughout the western hemisphere was not a result of deteriorating Soviet-American relations but a natural evolution of the Monroe Doctrine, accentuated by Axis aggression and new technological imperatives.”. Melvyn P. Leffler, “National Security and US Foreign Policy”. Em Melvyn P. Leffler e David S. Painter (eds.), *Origins of the Cold War: An International History*, Nova Iorque, Routledge, 1994, p. 19.

<sup>39</sup> Geoffrey Roberts, “Stalin and Soviet Foreign Policy”. Em Melvyn P. Leffler e David S. Painter (eds.), *Origins of the Cold War: An International History*, Nova Iorque, Routledge, 1994, p. 44.

<sup>40</sup> “In September 1947, the CIA concluded that the Soviets would not seek to conquer Western Europe for several reasons: they would recognize their inability to control hostile populations; they would fear triggering a war with the United States that could not be won; and they would prefer to gain hegemony by political and economic means.”. Leffler, *National Security and US Foreign Policy*, p. 23.

<sup>41</sup> “During the 1946 and early 1947, three crises helped to catalyse the Cold War. The first took place in Iran during the winter and spring of 1946 when the Soviets delayed the withdrawal of their troops. At almost the same time, the Soviets reiterated their desire for bases in the Turkish Straits or, at least, for an enlargement of their rights to guarantee and protect shipping from the Black Sea into the Mediterranean. At the same time, the Kremlin berated the British for their intervention in the civil war in Greece and communicated their sympathy for the Greek communists (...).” . Fernand Scheidt Raine, “The Iranian Crisis

As administrações americanas e os governos soviéticos tiveram sempre um plano de política externa bastante global e presente em todos os continentes, algo que caracterizou a guerra em si e que teve repercussões nas decisões que os Estados em regiões em vias de desenvolvimento tomaram. Contudo, no Médio Oriente, o sistema teve uma natureza diferente da verificada no resto do mundo político – sendo uma área de ação com uma série de Estados considerados médias potências e com relevância regional, os conflitos locais ganhavam uma importância capaz de envolver as superpotências, apesar lhes trazer desvantagens nos sistemas regional e internacional:

The result of this intersection between the advent of the Cold War and the security and needs of independent Arab states is that the region started to mimic the bipolar structure of the international system. Evidence of this was an Arab Cold War that mirrored the global superpower conflict. (...) For the United States and the Soviet Union, alliances in the region were seen largely as instruments for battling and containing each other.<sup>42</sup>

Os planos de política externa dos EUA e da URSS, durante a Guerra Fria, focaram-se em aspetos semelhantes. No caso dos EUA, o seu interesse focava-se, em particular, em manter o petróleo a baixo custo, velar pela segurança e defesa dos seus aliados (como armamento e treino militar) e promover a resolução da questão israelo-palestiniana. A defesa dos seus interesses na região fez-se tendo também em conta o controlo das zonas de influência Americana/Soviética. A ação direta americana ocorreu em 1945, ao envolver-se na questão palestiniana, após o incumprimento do mandato da Liga das Nações sobre este território.<sup>43</sup> O cumprimento provou-se impossível de ocorrer devido a uma série de acontecimentos históricos na região como “(...) o recrudescer dos conflitos entre Judeus e Árabes; a recusa britânica de continuar a

---

of 1946 and the Origins of Cold War”. Em Melvyn P. Leffler e David S. Painter (eds.), *Origins of the Cold War: An International History*, Nova Iorque, Routledge, 1994, p. 93.

<sup>42</sup> Ross Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power: An Historical Perspective*, Doha, Al Jazeera Centre for Studies, 2018, p. 5.

<sup>43</sup> Maria do Céu Pinto, *"Infiéis na Terra do Islão": Os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 71.

exercer o Mandato após a Primavera de 1948<sup>44</sup>(...)”<sup>45</sup>. Perante esta situação, a administração Truman concordou com o plano do Comité Especial das Nações Unidas para a Palestina<sup>46</sup>, assim como reconheceu imediatamente o Estado de Israel. É possível afirmar-se que, até ao conflito de Suez, a política externa americana pautou-se por uma maior imparcialidade em relação ao Médio Oriente<sup>47</sup>, como a sua oposição à invasão israelita do Egipto<sup>48</sup>. Porém, na década de 60, os EUA viram apenas a sua capacidade de dialogar com os atores árabes a deteriorar-se, aumentando a sua ligação político-económica com Israel.

Quanto à URSS, houve também um esforço inicial no sentido de manter a imparcialidade nas suas tomadas de decisão no Médio Oriente. Em assuntos como o conflito israelo-árabe, a União Soviética mostrou preferência pela fundação de um Estado que pudesse albergar judeus e muçulmanos, tendo sido um dos primeiros atores do sistema internacional a reconhecer o Estado de Israel, a 17 de maio de 1948. Só a partir de 1953 é que este ator pendeu drasticamente para a causa árabe realizando, por exemplo, um acordo de venda de armas ao Egipto, em 1955. Ao aceitar defender Estados árabes revolucionários, a URSS ficou mais à mercê das mudanças geopolíticas da região.

Apesar desta aproximação com o Egipto, Nasser nunca fez um pacto militar com a URSS e tentou evitar que os Estados árabes aderissem ao Comunismo. O melhor exemplo deste aparente distanciamento é o facto de Nasser ser o fundador do Movimento dos Não Alinhados. Em fevereiro de 1958, formou-se a República Árabe

---

<sup>44</sup> Esta data remete para a Guerra da Independência de Israel, denominada pelo povo árabe como ‘al Nakba’, ‘a Catástrofe’. Com a vitória desta guerra, Israel conseguiu assegurar a sua posição da região de uma forma mais proeminente e definitiva.

<sup>45</sup> Pinto, *"Infiéis na Terra do Islão"*, p. 71.

<sup>46</sup> O projeto propunha que o território fosse dividido pelos dois povos – os Árabes ficariam com 43% do espaço e o restante seria entregue aos Judeus, sendo que estes últimos, na altura, representavam menos de um terço da população da Palestina.

<sup>47</sup> Pinto, *"Infiéis na Terra do Islão"*, p. 74.

<sup>48</sup> A 29 de Outubro de 1956, Israel declarou guerra ao Egipto, iniciando-se a Crise do Suez, que durou até 7 de novembro desse mesmo ano. Com o apoio de França e do Reino Unido, o Estado israelita tentou impedir a nacionalização, por parte do Presidente Nasser, do canal do Suez. Neste esforço nacionalista, enquanto Nasser tomava conta dos investimentos ingleses e franceses, enviava também forças para bloquearem o Estreito de Tiran, a única saída de Israel para o Mar Vermelho. Os EUA conseguiram negociar um cessar-fogo e, em um mês, as tropas invasoras abandonaram a zona do Sinai.



Unida, constituída pelos Estados Egipto, Iraque e Síria, algo que criou uma nova instabilidade para a região e, conseqüentemente, para as relações soviético-árabe:

Mass support for Nasser's leadership of a united Arab world rose to unprecedented levels after the failure of the British-French-Israeli attack on Egypt in November 1956. (...) In Syria a Baathist (radical Pan-Arab) regime was faced with communist subversion from within and American-supported military threats from Turkey, Iraq, and Jordan. In February 1958 it dissolved itself and merged Syria into the Egyptian-dominated United Arab Republic (UAR). Nasser immediately invited all other Arab countries to become part of the single great Arab state he was constructing. (...).<sup>49</sup>

Em contrapartida às relações soviético-egípcias, as relações soviético-iraquianas, entre 1958 e 1990, foram bastante fortes, levando a acordos como o de 1967, onde o Estado iraquiano passou a ceder largas quantidades de petróleo à URSS em troca de armamento. Já a Síria, a partir de 1966, passou a receber da URSS a maior parte do seu armamento, levando a ceder, anos mais tarde, a base naval em Tartus à marinha soviética.

Um ponto crítico da Guerra Fria foi a Guerra dos Seis Dias,<sup>50</sup> gerando um trauma de guerra, a longo prazo, no Médio Oriente. A região esteve marcadamente instável e com grandes picos de violência – cenário este que a administração Nixon queria alterar, tornando-a a principal área de desenvolvimento de política externa americana. Esta administração ficou marcada pela forma de pensar politicamente de Henry Kissinger, primeiro Conselheiro para a Segurança Nacional:

According to the school of thought represented by Kissinger and other realists, the Cold War was not a unique phenomenon in itself, but only another phase in the

---

<sup>49</sup> Ian S. Lustick, "The Absence of Middle Eastern Great Powers: Political "Backwardness" in Historical Perspective", *International Organization*, 1997, vol. 51, nº4, pp. 668-669.

<sup>50</sup> Ocorreu em 1967 e resultou numa esmagadora vitória do Estado sionista, especialmente quando se compara os números de efetivos mobilizados: Israel tinha, aproximadamente, 250 000 soldados, contra mais de 500 000 por parte do bloco árabe. Esta frente beligerante contou com a participação ativa de quatro Estados (Egipto, Síria, Iraque e Jordânia) e com o apoio de mais de cinco atores internacionais. Os resultados económicos e diplomáticos, quer a nível das superpotências, quer em termos regionais, rapidamente se fizeram notar. A maior consequência foram os ganhos geoestratégicos israelitas: tomaram a Faixa de Gaza, a Península do Sinai, a Cisjordânia e os Montes Golã.

longue durée in the history of international politics and great power conflicts. (...) For others, however, the Cold War, with the dual appearance of previously unseen weapons of mass destruction and ideologues as driving forces of foreign policy, meant that the conflict was not just another cold war, but a Cold War with capital letters.<sup>51</sup>

Apesar da aparente vontade em diminuir a instabilidade sentida no Médio Oriente, o aumento dramático da venda de armamento a Israel por parte dos EUA apenas agravou a situação. As consequências não afetaram apenas os planos da diplomacia e da política externa, mas também, mais concretamente, o petrolífero<sup>52</sup>. Após o final da guerra, Kissinger iniciou um processo de *diplomacia shuttle*<sup>53</sup> com os vários intervenientes na guerra. Já para o seu antagonista, a URSS, Guerra de 1967 foi uma desilusão, em termos geopolíticos. Incapaz de levar à vitória os Estados que dependiam da sua ajuda militar, viu-se sobrecarregada com despesas e apoios. O seu aliado árabe com maior peso na balança de poder da época, o Egito, tentara evitar a derrota total da Síria, que estava em disputa na fronteira do território com Israel.<sup>54</sup> No final da guerra, o Egito perdera a Península do Sinai e a Síria os Montes Golã, fronteira natural que protegia o território sírio de possíveis invasões.

Na sua generalidade, a política soviética no Médio Oriente pautou-se pela cautela – apesar da fácil venda de armamento em larga escala, a URSS mostrava-se desinteressada em participar ativamente em qualquer guerra na área. Esse cuidado levou a que, por várias vezes, houvesse um choque entre as expectativas dos Estados árabes e a ajuda real que receberam. Por exemplo, aquando da Guerra dos Seis Dias, Khrushchev considerou mais sensato manter o estado de détente na região pois os seus

---

<sup>51</sup> P. Kettunen e J. Aunesluoma, *History in the Cold War and the Cold War in the Present*, Helsínquia, Universidade de Helsínquia, 2008, p. 11.

<sup>52</sup> Pinto, em "*Infiéis na Terra do Islão*" refere ainda: "A consequência da gigantesca operação de fornecimento militar a Israel e da iniciativa de Nixon, a 19 de Outubro, de solicitar ao congresso a concessão de 2,2 biliões de dólares em ajuda de emergência a Israel, foi o embargo de petróleo da OPEP.", p. 89.

<sup>53</sup> Termo trazido pela primeira vez por Kissinger, refere-se ao esforço do ator intermediário entre outros beligerantes em busca de um processo de paz bem-sucedido. A expressão *shuttle* está associada à movimentação dos negociadores.

<sup>54</sup> Ver: Y. Ro'i, Y e B. Morozov (2008). *The Soviet Union and the June 1967 Six Day War*. Stanford: Stanford University Press.

interesses estavam no facto da URSS estar numa fase de reformas estruturais<sup>55</sup> e necessitar de estabilidade económica. Também aquando da mudança radical<sup>56</sup> de regime na Síria, houve um mal-estar nas relações entre ambos os Estados, levando a atrasos no envio de armas para o território sírio. Ainda que fornecesse esse material, era claro que a URSS não queria que ocorresse uma guerra com Israel pois envolveria, inevitavelmente, a URSS.<sup>57</sup> Como Leffler se refere em relação às expetativas de uma URSS mais ativa no Médio Oriente:

Rather modest estimates of the Soviets' ability to wage war against the United States generated the widespread assumption that the Soviets would refrain from military aggression and seek to avoid war. Nevertheless, American defence officials remained greatly preoccupied with the geopolitical balance of power in Europe and Asia, because the balance seemed endangered by Communist exploitation of post-war economic dislocation and social and political unrest.<sup>58</sup>

Do lado americano, a ideia de confronto direto foi também colocada cada vez mais de parte. Durante a administração Reagan, iniciada em janeiro de 1981, o quadro estratégico da região sofrera alterações que eram necessários a ter em conta: a queda do regime do Xá no Irão, levando à Revolução Iraniana e consequente instauração de um regime islamista<sup>59</sup> e a invasão soviética ao Afeganistão em dezembro de 1979. Em termos diplomáticos, havia ainda o incidente da captura dos cidadãos americanos por

---

<sup>55</sup> Após a morte de Estaline, houve um esforço no sentido de eliminar o culto de personalidade realizado a este presidente da URSS. Este processo de “desestalinização” verificou-se na economia (diminuição dos campos de trabalhos forçados) e também politicamente, com a libertação de prisioneiros dos Gulags. Ver BBC News, “1965: Khrushchev lashes out on Staline”, site, 25 de fevereiro: [http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/25/newsid\\_2703000/2703581.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/25/newsid_2703000/2703581.stm) [Consultado a 15-07-2019].

<sup>56</sup> O partido Ba'ath da Síria separou-se do Partido Ba'ath em 1966, sendo que lidera a Síria desde 1963. A liderança surgiu através de um golpe de Estado, que contou com a colaboração de apoiantes de Nasser, guerrilheiros independentes e todas as forças de segurança da Síria, levando à subida de poder de Hafez al-Assad.

<sup>57</sup> Sobre as relações entre a Síria, Israel e a URSS, ver: G. Laron (2010). “Playing with fire: The Soviet-Syiran-Israeli triangle, 1965-1967”, *Cold War History*, nº10, pp. 163-184.

<sup>58</sup> Leffler, *National Security and US Foreign Policy*, p. 17.

<sup>59</sup> Ver: Al Jazeera, “Iran 1979: Anatomy of a Revolution”, site, 1 de fevereiro de 2019: <https://www.aljazeera.com/programmes/specialseries/2017/11/iran-1979-anatomy-revolution-171112085321494.html> [Consultado a 14-07-2019].

parte dos revolucionários iranianos.<sup>60</sup> Finalmente, o terrorismo ganhava cada vez mais visibilidade, em termos globais, sendo que Washington via Moscovo como o principal patrocinador desta ameaça.<sup>61</sup>

Apesar das superpotências terem evitado guerras em larga escala no Médio Oriente, o contínuo armamento da sua rede clientelar levou a que se gerasse uma constante sensação de medo do próximo, incluindo entre Estados inicialmente unidos pelo nacionalismo árabe. Em breve, vários Estados do Médio Oriente apenas teriam um elemento em comum – ódio pela existência do Estado de Israel.

### **1. 3. A “Guerra Fria Árabe” – Conflitos Regionais (*Proxy Wars*) no Médio Oriente**

Tendo já sido abordados os alinhamentos da URSS e dos EUA ao longo das décadas do século XX no Médio Oriente, torna-se necessário focar em que consiste a “Guerra Fria Árabe” e refletir sobre alguns momentos de tensão vividos na região nesta época. Aquando do fim do conflito mundial, o Médio Oriente, na generalidade, aproveitou as oportunidades que as superpotências lhes deram para fazerem uma melhor transição da estrutura colonial para um Estado independente.<sup>62</sup> Para a URSS e os EUA, esta vontade correspondia a um aumento do sistema clientelar, o que ia de encontro aos seus interesses. Para além do alargamento da interdependência entre Estados, que trazia benefícios económicos (exportação de bens) e político-diplomáticos, de salientar também a possibilidade de as superpotências se defrontarem através das guerras por

---

<sup>60</sup> Entre 4 de Novembro de 1979 e 20 de Janeiro de 1981, 52 americanos foram mantidos reféns por parte de um grupo de estudantes e militantes islâmicos, ao tomaram a embaixada americana na capital iraniana. Durante 444 dias, a crise diplomática entre o Irão e os EUA foi-se agravando, marcando também o início dos planos de sanções económicas unilaterais de Washington para o Teerão.

<sup>61</sup> Pinto, *“Infiéis na Terra do Islão”*, p. 99.

<sup>62</sup> Através de planos económicos, como o Plano Marshall para os parceiros americanos e a COMECON (Conselho para Assistência Económica Mútua) para os Estados socialistas, os EUA e a URSS pretendiam aumentar a rede clientelar. Ao investirem nos Estados, estes teriam certos deveres políticos e militares para com as superpotências.

procuração, tendo mais chances de avaliarem as suas capacidades – indiretamente e sem consequências no seu próprio território.

Estes dois campos surgem como uma nova estrutura de poder na região, composta pelo ‘bloco americano’ – Israel, Arábia Saudita, Jordânia, Emirados Árabes Unidos e Egito – e pelo lado revisionista, sendo o Irão e a Síria as vozes mais destacadas. De salientar também o carácter revolucionário de atores não estatais como o Hamas e o Hezbollah<sup>63</sup>. O ‘bloco revisionista’ caracterizava-se maioritariamente pela resistência que demonstravam à realização dos objetivos americanos no Médio Oriente,<sup>64</sup> preferindo a proteção dada por parte da URSS, de forma a contrariar a hegemonia americana na região. O receio de perder uma área tão importante em termos de matéria prima era real, nem que fosse pela proximidade geográfica da URSS comparativamente aos EUA, noutro continente: “Should nationalist uprisings persist, Communists seize power in underdeveloped countries, or Arabs revolt against American support of a Jewish state, the petroleum and raw materials of critical areas might be denied the West (...) the resources of Eurasia could fall under Russian control.”<sup>65</sup>

Para além desta divisão dos Estados do Médio Oriente em campos antagónicos, algo também característico da Guerra Fria Árabe é a dimensão árabe do conflito. Estes Estados estavam, principalmente, a debater-se sobre políticas domésticas sendo que, por vezes, as ferramentas de *soft power* (como a manipulação dos povos árabes) eram mais eficazes do que guerra armada. Valjborn e Bank<sup>66</sup> abordam esta dimensão árabe – mais concretamente, o Nacionalismo Árabe – e definem-no como a ideia de que existem laços

---

<sup>63</sup> O Hezbollah é um grupo paramilitar fundamentalista com também um ramo político, sendo representado, atualmente, por doze deputados no Parlamento do Líbano. Com uma base islâmica xiita, surgiu em 1982 como resposta à invasão de Israel ao Líbano, mantendo a sua atividade (considerada terrorista pela União Europeia, excetuando o partido político em si) e também a sua ideologia antiocidental, antisemita e a seguidora da ideologia fomentada pelo Ayatollah Khomeini. Com a mesma estrutura de ação (braços político e paramilitar) mas orientação sunita, é o Hamas. Sendo, atualmente, o movimento islamista de maior peso na Palestina e com afiliação à Irmandade Muçulmana, defende os exatos valores ideológicos-base, assim como o Nacionalismo Islâmico e o Fundamentalismo Islâmico; está também na “lista negra” da União Europeia relativa a terrorismo.

<sup>64</sup> Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, p. 8.

<sup>65</sup> Leffler, *National Security and US Foreign Policy*, p. 26.

<sup>66</sup> Morten Valjborn e André Bank, “The New Arab Cold War: Rediscovering the Arab Dimension of Middle East Regional Politics”, *Review of International Studies*, vol. 38, nº1, 2011, p. 7. Os autores diferenciam ainda o Pan-Arabismo, do Arabismo Político e, por fim do Arabismo Cultural.

especiais entre os povos que falam árabe, assumindo que todos desejam ser parte de uma única nação:

While being linked to the global Cold War, the Arab cold war held a distinctly Arab dimension. Much of the tension revolved around the question of special bonds linking Arabs, more specifically whether the notion of an Arab nation constituted by a common language, history and culture also entailed an aspiration for some sort of political unity. (...) The Arab cold war was marked by a complex interplay between regional and domestic politics, where “hard” military power was sometimes less threatening than the “soft power” of being able to monopolize the meaning of “the Arab interest”.<sup>67</sup>

O Nacionalismo Árabe enquanto elemento crucial para a dinâmica do Médio Oriente perdeu o seu fôlego na Guerra de 1967. Com a clara vitória militar israelita em detrimento das forças combinadas do Egipto, Síria, Jordânia e da OLP (Organização da Libertação da Palestina), os EUA sentiram maior confiança em consolidar a posição de Israel na região, que ia de encontro aos interesses americano podendo, assim, aumentar o seu espaço de manobra no Médio Oriente em relação à URSS. Ainda que existisse uma clara tentativa para evitar os mesmos cenários, todos os esforços realizados no sentido de impedir a supremacia militar israelita não funcionaram. Com a morte de Nasser, morreu também a ideia utópica do Pan-Arabismo<sup>68</sup> e a colocação dos interesses de uma comunidade árabe comum em detrimento da vontade de Estado e da soberania<sup>69</sup>. Apesar do financiamento destes Estados tivesse continuado até à dissolução da URSS (ainda que os pagamentos fossem cada vez menores e mais escassos), tornou-se cada

---

<sup>67</sup> Morten Valbjorn e André Bank, “Signs of a New Arab Cold War - The 2006 Lebanon War and the Sunni-Shi'i Divide”, *Middle East Report*, nº 242, Primavera 2007, p. 7.

<sup>68</sup> “Gamal Abdel Nasser, sought to establish a great Arab state, with Egypt as its military, cultural, and political core. He wrote that a world historic role existed for Egypt – a role as leader of the Muslim, Arab, and African worlds. (...) Evocations of a great, United Arab state, from the Atlantic to the Gulf, were a constant refrain in the popular Sawt el-Arab (Voice of the Arabs) transmissions from Cairo’s powerful new radio station (...)”. Em Lustick, *The Absence of Middle Eastern Great Powers*, p. 667.

<sup>69</sup> “The ‘Pan-Arab regime’ was facilitated by the shared identity of Arab elites and enforced by their fear of the internal opposition Nasser could mobilise against its violation. Nasser did not become the Bismarck of the Arab world but his Pan-Arab hegemony imposed some foreign policy coherence (...)”. Raymond Hinnebusch, “War and Order in the regional system”, em Raymond Hinnebusch, *The International Politics of the Middle East*, Manchester, Manchester University Press, 2015, p. 183.

vez mais improvável um investimento militar comum semelhante ao realizado durante a Guerra dos Seis Dias.<sup>70</sup>

Para além do desaparecimento lento, mas crescente do socialismo árabe no Médio Oriente, uma série de eventos aumentaram a tensão na região - enquanto Anwar Sadat, presidente do Egipto, assinava um acordo de paz com Israel, em 1978, ocorria a Revolução Iraniana em 1979. Porém, o evento que efetivamente definiu a nova ordem regional foi o colapso do modelo político-económico soviético, levando ao surgimento da unipolaridade como estrutura de divisão de poder no globo. Por um lado, os Estados árabes alinhados com a potência soviética foram limitados em matérias de política externa<sup>71</sup> e económica, trazendo à superfície um esforço maior no diálogo multilateral; por outro, os EUA puderam libertar-se (ainda que em parte) dos seus encargos na região – duas décadas mais tarde, com a Administração Obama, concretizou-se uma deslocação de poder, focando-se mais no Extremo Oriente.<sup>72</sup>

O final da Guerra Fria Árabe demonstrou como estes momentos de tensão no Médio Oriente foram bastante na base do simbolismo, sem grande risco em desenvolverem-se, na prática. A maioria dos momentos de atrito entre Estados árabes não tiveram grandes consequências, em termos de política doméstica, e as guerras israelo-árabes que ocorreram trouxeram altos custos políticos e económicos para estes. Foi o fim do estado de guerra no Médio Oriente pura e simplesmente pela ‘causa árabe’:

While the Arab cold war was to a large extent symbolic, seldom evolving into “hot” open warfare, the rivalry was nothing but meaningless. The two decades saw a series of coup attempts, revolts, and costly foreign policy adventures incompatible

---

<sup>70</sup> A Guerra de Yom Kippur, ocorreu em 1973, ou seja, foi posterior à Guerra dos Seis Dias. No entanto, foi uma coligação de operações em conjunto o entre o Iraque, Síria e Egipto. Já a Guerra dos Seis Dias, envolveu a participação de 4 Estados e o apoio de mais do dobro destes.

<sup>71</sup> Harrison fala ainda sobre o caso da Síria, nas páginas 6 e 7 – “Syria, for exemple, tried to make the transition from a sprawling public sector to a private-sector oriented economy (...) Because of the entrenched economic interests that had developed from the planned economy during the Cold War, Syria’s transition to a more market-oriented approach wasn’t as complete as those who saw Bashar Assad as a reformer would have liked. (...) Since Syria lost the Golan Heights to Israel during the 1967 war, it has tried to build enough leverage to negotiate a repatriation of this strategic territory. With the termination of the Cold War, the leverage Syria derived from its Soviet patron vis-à-vis Israel evaporated almost overnight.”.

<sup>72</sup> Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, pp. 5-6.

with strict *raison d'état* but sometimes necessary to counter charges of being in conflict with the “Arab cause”.<sup>73</sup>

#### **1. 4. O Panorama da Região após a Queda da URSS – A *Pax Americana***

Conforme referido anteriormente, com a dissolução da URSS, surgiu uma nova organização da balança de poder no Médio Oriente, a unipolaridade. A URSS dissolvida, agora representada como Rússia (e cada Estado que pertencia à União das Repúblicas como soberano) apresentava maiores problemas em termos internos comparativamente aos externos. Tendo Boris Ieltsin assumido o cargo de Presidente da Rússia em 1991, enfrentava as consequências do desmantelamento da estrutura tradicional soviética, processo este iniciado por Gorbatchev. Assim, durante estes primeiros anos após o fim da Guerra Fria, uma série de Estados no Médio Oriente perderam parte do espaço de manobra no sistema internacional, pois já não podiam contar com a ajuda soviética para aligeirar as falhas graves que apresentavam a níveis económicos e militares. Aliás, as dívidas e juros que apresentavam apenas dificultavam a manutenção das relações dentro dos mesmos moldes:

The collapse of the Soviet Union entailed the independence of the South Caucasus and central Asian republics and left Russia with no borders with the Middle East. Moscow's diminished capacities and ambitions during the 90s reduced its interests and presence in the region. (...) The region was no longer an area in which spread the geopolitical clout of Russia, but mainly a potential source of risks and threats for Russia herself. (...) The significant debts with the Soviet Union incurred by its traditional Arab partners – particularly, Iraq, Syria and Libya – burdened the bilateral relationship during this period.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Valbjorn e Bank, *Signs of a New Arab Cold War*, p .8.

<sup>74</sup> Nicolás de Pedro, “How Does Russia Conceive of the Mediterranean Spaces in Its Official Discourse and Narratives? A Critical Discourse Analysis”, em Anoushiravan Ehteshami, Daniela Huber e Maria Cristina



Após décadas de justificação da conflitualidade na região pela bipolaridade, depois desta ter findado, a tensão não diminuiu. A URSS desaparecera do plano geoestratégico do Médio Oriente, no entanto, o envolvimento americano aumentara. A *Pax Americana*, termo referente à hegemonia americana e ao seu papel enquanto ‘pacificador do mundo’, foi colocado em causa devido ao número de guerras ocorridas no Médio Oriente. Com a Guerra do Golfo<sup>75</sup>, iniciou-se uma nova fase da política externa americana na região, pautada por uma estratégia intitulada “Dual Containment”. Especialmente durante a Administração Clinton, os EUA fizeram um esforço em bloquear as ações do Irão e do Iraque, os maiores rivais de Israel no Médio Oriente, de forma a evitar que as suas vozes fossem ouvidas em assuntos como os acordos de paz israelo-árabes. Tendo visto estes dois Estados como pilares para a sua política externa em décadas anteriores, os EUA admitiam a hostilidade que tanto a Revolução Iraniana como as tentativas hegemónicas de Saddam Hussein apresentavam para os interesses americanos. Porém, o esforço coletivo realizado durante a Guerra do Golfo coloca-se na dúvida, em termos de justificação, ao analisar o real potencial do Iraque e do Irão para mudar o *status quo* da região: “Yet this policy of dual containment—and the effective abandonment of offshore balancing—was at best weakly justified. Iraq’s armed forces had been crushed during the Gulf War. The other target, Iran, was still suffering the horrendous costs of the eight-year Iran-Iraq war. (...)”<sup>76</sup>.

No final de 1991, o Estado iraquiano estava perto do colapso económico e social, demonstrando que Saddam Hussein não conseguira construir uma ordem árabe regional coincidente com a sua visão.<sup>77</sup> Um dos golpes mais duros neste conflito foi

---

Paciello (eds.), *The Mediterranean Reset: Geopolitics in a New Age*, West Sussex e Durham, Global Policy, 2017, p. 50.

<sup>75</sup> A Guerra do Golfo, ocorrida entre agosto de 1990 e fevereiro de 1991, consistiu num confronto entre o Iraque e uma coligação de Estados, liderada pelos EUA. Através da aprovação do Conselho de Segurança da ONU, orquestrou-se uma série de operações com o objetivo de libertar o Kuwait das tropas de Saddam Hussein, que invadiram território soberano.

<sup>76</sup> Emma Ashford, “Unbalanced: Rethinking America's Commitment to the Middle East”, *Strategic Studies Quarterly*, 2018, p. 130.

<sup>77</sup> “Saddam’s system of government, though brutally authoritarian at the top, was also based on offers of cultural autonomy to the Kurds and an extensive welfare state. (...) Saddam’s cultural policies celebrated his revival of the country’s world historic importance (...)” Em Lustick, *The Absence of Middle Eastern Great Powers*, p. 671.

também a coligação significativamente grande de Estados árabes que aceitaram financiar a ação da ONU, assim como ceder o seu território para estabelecimento de militares de outros Estados. Esta cooperação demonstrou como o socialismo árabe e os movimentos pan-Arabistas tinham fracassado.

Quaisquer dúvidas que existissem em relação à mudança de política externa americana no Médio Oriente foram dissipadas com o início da Guerra do Afeganistão. Este confronto, iniciado em 2001, opôs os EUA e um bloco de Estados ocidentais (como o Reino Unido e a França) e a Aliança do Norte<sup>78</sup> contra o regime talibã que governava este Estado. O fundamento encontrado para a invasão do Afeganistão encontra-se na guerra contra o terrorismo islâmico, após os atentados do 11 de Setembro<sup>79</sup>. Estado devastado pela primeira Guerra do Afeganistão<sup>80</sup> (por parte da URSS) e, ainda que o governo Talibã fosse apeteável em termos de estabilidade política, os EUA assumiram a postura de não perdoar quem protegesse grupos considerados terroristas, neste caso, a Al-Qaeda. A 1 de Maio de 2011, as autoridades americanas anunciaram terem capturado e morto Osama bin Laden. Mesmo considerando este evento uma vitória, na realidade, a morte do líder do grupo terrorista não levou a um abrandamento dos atentados no território afegão – só no ano seguinte à morte, contabilizaram-se 28 000 ataques realizados pelos insurgentes. Sendo o conflito mais longo dos EUA, o objetivo inicial desta operação – a queda do governo talibã, que apoiava a Al-Qaeda – não se

---

<sup>78</sup> Intitulada Frente Islâmica Unida para a Salvação do Afeganistão, esta organização congregou os grupos de combatentes que não se reviam no regime Talibã. O grupo está intrinsecamente ligado ao Estado Islâmico do Afeganistão, o nome oficial dado ao território afegão, posterior à queda do regime comunista e anterior à República Islâmica do Afeganistão. A Aliança do Norte apoiou também a intervenção americana no Afeganistão e ajudou nos seus objetivos de captura de bin Laden, ao não combaterem uns com os outros e contribuírem diretamente para a frente militar.

<sup>79</sup> No dia 11 de setembro de 2001, a Al-Qaeda organizou uma série de atentados terroristas suicidas contra o World Trade Center, o Pentágono e, possivelmente, a Casa Branca ou o Capitólio (o voo 93 não conseguiu terminar a trajetória). Este ataque resultou na morte de quase 3000 pessoas e na mudança da ação externa americana no Médio Oriente.

<sup>80</sup> A Guerra do Afeganistão de 1979-1989 (ou Guerra Afegã-Soviética) opôs a URSS e o governo marxista da República Democrática do Afeganistão a grupos guerrilheiros. Estes grupos guerrilheiros, intitulados de *mujahidins*, eram financiados por nações vizinhas, assim como pelos EUA; devido ao elevado investimento de vários Estados, a guerra prolongou-se durante uma década e teve um custo exacerbado nas contas da URSS, contribuindo para a queda desta, em 1991. Outra consequência a retirar do confronto que ficou conhecido como “A Guerra do Vietname da URSS” foi a fundação de grupos de *mujahidins* radicais altamente armados, tendo-se destacado a Al-Qaeda.

comprovou na totalidade. Ainda que removendo o movimento Talibã do poder e tendo capturado Osama Bin Laden, o movimento de insurgência manteve-se.

A intervenção americana no Iraque trouxe igualmente resultados pouco claros. À revelia da Organização das Nações Unidas, os EUA realizaram uma série de operações no território iraquiano, com o apoio de Estados ocidentais como o Reino Unido, Austrália e a Dinamarca. O conflito enquadrou-se na denominada “Guerra ao Terror”<sup>81</sup>, uma expressão utilizada durante a Administração W. Bush e que entra em choque com o caráter inicial apaziguador dos EUA no Médio Oriente. Iniciada a 20 de março de 2003, a Guerra do Iraque terminou a 18 de dezembro de 2011, com a retirada das tropas americanas do teatro de operações. Em termos de eficácia militar, a coligação conquistou o território em menos de um mês, depondo o governo Ba’thista e, três anos mais tarde, julgado e executado Saddam Hussein.

A intervenção por parte do bloco ocidental foi justificada de diversas formas: o desrespeito pelos Direitos Humanos que a população iraquiana sofria, a criação de armas de destruição maciça<sup>82</sup>, a ligação de Saddam Hussein a Al-Qaeda e a proteção que este dava a guerrilheiros do grupo terrorista. No final da guerra, comprovou-se que a suposta ligação entre o governo iraquiano e Al-Qaeda era falsa. Também não se encontraram provas claras quanto à criação dessas armas. A vitória focou-se no derrube de um regime ditatorial e o esforço realizado no sentido de convocar eleições democráticas. Nesse mesmo ano, membros da NATO, juntamente com a Jordânia, Qatar e os Emirados Árabes Unidos, concordaram com a Resolução 1973 da ONU<sup>83</sup> e,

---

<sup>81</sup> A expressão “Guerra ao Terror” foi trazida por George W. Bush, presidente dos Estados Unidos, após os atentados do 11 de Setembro. Enquadrada na Doutrina Bush, os EUA entraram em confrontação direta, sem o apoio da ONU, contra o “Eixo do Mal”. Dentro de uma narrativa sectária (Ocidente vs. Oriente), Bush considerou os governos iranianos, iraquianos e norte-coreanos hostis ao regime americano, acusando-os de apoiarem o terrorismo. Após este anúncio, as campanhas americanas no Médio Oriente iniciaram, começando no Afeganistão.

<sup>82</sup> Após a Guerra do Golfo, o Conselho de Segurança da ONU controlava o programa nuclear iraquiano ao realizar inspeções regularmente. Em 1998, os inspetores das Nações Unidas abandonaram o Iraque sem terem verificado se armas de destruição maciça tinham efetivamente sido destruídas, devido à falta de colaboração por parte do governo iraquiano.

<sup>83</sup> A 17 de março de 2011, foi aprovada a Resolução 1973 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com dez votos pró e cinco abstenções. A resolução é sobre a questão da Líbia, levando a que se autorizasse os Estados-membros a tomarem medidas no sentido de apoio e proteção da população líbia. A resolução busca um cessar-fogo imediato, de forma a evitar escalada da tensão vivida no Estado, ainda

consequentemente, intervieram militarmente na Líbia, apoiando a oposição popular que desejava o derrube de Muammar al-Gaddafi, presidente da Líbia. Liderando a Líbia durante 42 anos, era o chefe de Estado árabe no cargo há mais tempo e as reivindicações sociais fizeram-se ouvir aquando do início da Primavera Árabe, com as manifestações na Tunísia entre 2010 e 2011.

Apesar da grande eficiência desta coligação e da legitimidade que apresentou, o resultado não foi cumprido na totalidade. A morte de al-Gaddafi, não trouxe a desejada libertação da população e melhoria das condições básicas de vida; pelo contrário, a maior fonte de rendimento do território, a produção de petróleo, estagnou devido à falta de estruturas centrais para a manutenção, mergulhando a economia líbia numa crise. O território estava também, em grande parte, perdido para as milícias de insurgentes.

## **1. 5. Síntese Conclusiva**

Após esta análise, conclui-se que ambas as superpotências procuraram posicionar-se no Médio Oriente de forma a irem de encontro aos seus interesses, ainda que apresentem limitações de natureza diferente nas suas ações. Os EUA, apesar de vistos na região com uma certa desconfiança, construíram uma rede de apoio de Estados como a Jordânia, a Arábia Saudita e a Turquia, que se mostraram fiáveis, tendo ainda Israel como principal aliado. Já a URSS, antes da sua dissolução, tinha dois aliados importantes, a Síria e o Iraque - no entanto, décadas após a sua fundação, nenhum destes Estados está economicamente ou politicamente estável. A Síria sofreu um golpe de Estado em 1970 e esteve, desde então, em estado de emergência devido à tensão com Israel. Após o golpe, o Estado esteve empenhado no desenvolvimento e

---

que fosse uma decisão relativamente política em relação a medidas como a criação de uma zona de exclusão no espaço aéreo da Líbia.

consolidação de um aparelho de Estado de modelo socialista Ba'thista. Quanto ao Iraque, este ator apresentava graves problemas económicos crónicos devido ao constante ambiente de guerra com os Estados vizinhos.

É possível delimitar o fim do principal conflito analisado, a “Guerra Fria Árabe”, em duas fases – a primeira, com a morte de Nasser e a gradual valorização da soberania por parte dos Estados árabes em detrimento de valores como o Pan-Arabismo<sup>84</sup>; a segunda, com a dissolução da URSS e o fim do financiamento em larga escala a um grande número de Estados. Esta fase do término da “Guerra Fria Árabe” trouxe consequências sérias para o equilíbrio de uma região já debilitada pelas várias guerras e momentos de tensão durante o século XX. Para além da falta de financiamento, houve também uma automática desaceleração na venda de armas e investimento em programas de treinos militares na região, deixando estes Estados expostos a poderes externos e hostis, assim como internos – Estados do Médio Oriente de média potência e com ambições hegemónicas. O clima de medo instalou-se, assim como uma nova balança de poder, muito mais semelhante com um sistema regional, competindo por motivos nacionalistas e/ou identidades sectárias:

What unipolarity did was set up a new rivalrous power structure in the region. While during the Cold War, the Middle East reflected the bipolarity of the international system, what emerged following the Soviet collapse was much more an authentically regional system, defined by competing Iranian and Arab nationalisms and Sunni and Shi'i sectarian identities.<sup>85</sup>

Assim, o período pós-Guerra Fria agravou as divisões na região e o que, ainda que a custo, unia os Estados árabes anteriormente, já não tem essa capacidade, mesmo em prol dos interesses da comunidade árabe, a “*Umma Islâmica*”. Esta divisão não significa que a população se identificasse mais com o conceito de Estado; é sim alimentada pelo

---

<sup>84</sup> Barnett refere “Frequently the threat posed by Arab states was not militar but rather the successful portrayal of arrival role for the Arab state that potentially undermined the state’s internal and external basis of existence. By suggesting that the purpose of the Arab state was to work towards political unification and to safeguard the common interests of Arab states regardless of their citizenry, Pan Arabism, undermined the state’s internal and external sovereignty.”. Em Michael Barnett, “Institutions, Roles and Disorder: The Case of the Arab States System”, *International Studies Quarterly*, 1993, p. 277.

<sup>85</sup> Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, p. 9.

receio do próximo e pelas suas capacidades em manipular ideais como o Pan-Arabismo para proveito próprio, sendo que todos estes receios surgiram antes mesmo das intervenções americanas nos últimos anos. Até então, não surgiu uma solução árabe para a união de interesses e identidades no Médio Oriente.

Nos últimos anos, em matéria de política externa, a Rússia pendeu para uma visão Euroasiática<sup>86</sup>, criando a União Eurasiana em 2015. Também na fase inicial da ‘Guerra ao Terror’, o Estado russo apoiou os EUA, o que aliviou a tensão sentida na comunidade internacional, com a perspectiva de um acordo entre ambos os atores. Contudo, a NATO expandiu a sua área militarizada, aproximando-se das fronteiras russas e gerando receios por parte de Putin<sup>87</sup>. Aparente adepto do multilateralismo e do Direito Internacional, o Estado russo passou a atacar diretamente a política externa dos EUA e o seu uso excessivo de força em relação à real dimensão da ameaça árabe. Por exemplo, a Rússia condenou a intervenção militar na Líbia (especialmente as ações levadas a cabo pela NATO) e absteve-se da votação da Resolução na ONU. Aquando do conflito sírio, ameaçou vetar quaisquer sanções contra al-Assad, protegendo o seu governo.

Apesar destas notas de desaprovação e apoio no armamento militar dos Estados árabes, a Rússia não colocou o Médio Oriente como prioridade durante os primeiros anos após a dissolução da URSS, ocupando-se com a estabilidade interna e o estabelecimento de boas relações com as antigas Repúblicas Soviéticas. Utilizou também outros mecanismos que não o envio direto de tropas para o terreno, como a diplomacia e o seu lugar no Conselho de Segurança. Assim, vários Estados árabes encontraram-se sem a proteção total de uma superpotência e sem mecanismo de defesa contra as intervenções ocidentais durante a fase de *Pax Americana*.

A análise às intervenções americanas no Afeganistão, Iraque e Líbia demonstraram que a eficácia destas foi, por várias vezes, duvidosa. Ainda que militarmente os EUA

---

<sup>86</sup> O termo Euroasianismo refere-se a uma visão geopolítica diferente para a Rússia, não a enquadrando num contexto continental (“europeia” ou “asiática”). Este conceito está várias vezes associado à Rússia “Maior”, uma aspiração nacionalista na busca de reconquistar parte dos territórios perdidos aquando da dissolução da URSS.

<sup>87</sup> Ver: Rob Watson, “Putin’s Speech: Back to Cold War?”, site da BBC News, 10 de fevereiro de 2007: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/6350847.stm> . [Consultado a 11-07-2019].

tivessem conseguido os seus objetivos principais – como a queda do regime Talibã e a deposição de Hussein e al-Gaddafi – as consequências aparentes não compensaram os custos tomados. Estes Estados acabaram numa situação de guerra civil, caindo num quadro de Estado falhado<sup>88</sup>, o que gerou mais instabilidade na região quando comparando com a situação: pré-queda ditatorial. Estas intervenções levantaram também algumas questões financeiras, no entanto, a maior perda americana prende-se na sua posição no sistema internacional, que viu a sua reputação como defensor da democracia e dos Direitos Humanos ficar manchada. Ao desprezar os próprios conselhos dados pela ONU, organização onde é membro fundador, os EUA perderam parte da sua credibilidade numa região onde já estava posta em causa.

Por fim, a “Guerra Fria Árabe”, na sua génese, foi também relevante para as Relações Internacionais, em termos teóricos, pois permitiu uma melhor análise da estrutura hierárquica de Estados no sistema internacional. Ao existirem superpotências a atuarem numa região durante décadas, existe espaço para o conceito de potências médias, também capazes de agir:

Were it not for the Cold War, the hierarchical view could not have been called a model, since it would have excluded middle powers completely. The Cold War provided the international community with a tier of superpowers. (...) With this new differentiation, middle powers could exist. They became those non-superpowers that were recognized in the international community as tangibly different from the rest of the small states.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> Considera-se um Estado falhado aquele que não consegue manter controlo sobre o seu território através das suas forças de segurança e não apresenta um governo com eficácia. A ONG (organização não-governamental) *Fund for Peace* lança anualmente um ranking, tendo em conta fatores como crise económica crónica, movimentos de migração em massa, deterioração dos serviços públicos, violação dos Direitos Humanos, entre outros.

<sup>89</sup> Chapnick, *The Middle Power*, p. 78.

## 2. A Primavera Árabe – Mudanças Geopolíticas no Médio Oriente

### 2. 1. Objetivos do Capítulo

Após a fase da *Pax Americana*, que se estendeu durante mais de uma década, verificou-se uma multiplicação de conflitos no Médio Oriente, em 2011, sendo a base destas tensões os vários problemas domésticos árabes. O presente capítulo focar-se-á na análise da origem dessa onda de protestos, inicialmente pacíficos, assim como onde se enquadra a Guerra Civil Síria na Primavera Árabe. Por fim, serão também abordadas as mudanças políticas que ocorreram no Médio Oriente, após o término de parte desses protestos.

Iniciada na Tunísia, a Primavera Árabe é descrita como um fenómeno social *bottom-up*, ou seja, não foram as camadas sociais com maior poder político e/ou económico (como, por exemplo, a função pública ou as forças militares) que iniciaram a revolta, mas o resto da população, que sofria as consequências das altas taxas de desemprego, na sua generalidade. Algo também bastante característico deste movimento civil é o facto de ter recebido um grande apoio por parte de potências externas e atores não-estatais internacionais, financiando os grupos participantes.

No Médio Oriente verificou-se, um pouco por toda a região, um lento, mas paulatino declínio da retórica socialista árabe por parte das estruturas governamentais. Conforme referido anteriormente, uma série de Estados árabes viu instituído nos seus territórios regimes políticos que utilizavam elementos capazes de unir as populações árabes (como o Islão, o anticolonialismo e o conflito israelo-árabe), numa base socialista. Apesar do esforço agregador, os governos apresentavam erros comuns, sendo os mais preponderantes a corrupção e a má gestão dos ‘petrodólares’.

Apesar da aparente defesa dos interesses dos árabes, esta não se concretizou numa correta manutenção das instituições do Estado social e, com a proliferação de conflitos no Médio Oriente desde o início do século XXI, há uma constante insegurança sentida pelas populações. Tudo isto levou a um ponto de confronto direto com os governos



árabes, no entanto, é possível verificar que vários outros fatores convergiram para que este protesto geral ocorresse, como a cultura da vitimização árabe e a falta de mecanismos de organizações do foro regional e internacional em agir atempadamente e de forma assertiva nos momentos de tensão vividos no Médio Oriente.

Mesmo estando as populações no mundo árabe unidas por estes problemas domésticos, continua a não existir uma identidade comum estável e sólida que fosse capaz de mobilizar a onda de protestos, de forma eficaz. O pan-Arabismo é um conceito praticamente perdido durante a “Guerra Fria Árabe”, referente à cultura e etnia comuns em detrimento da delimitação de territórios<sup>90</sup> e, até então, não existe um movimento identitário árabe forte o suficiente para remeter a tal época histórica<sup>91</sup>. Apesar da agenda política comum, as populações não conseguiram, até agora, encontrar uma resposta final “árabe” – algo dissonante dos momentos de tensão anteriores, onde houve uma busca definitiva, como a fundação da República Árabe Unida. Como Valjborn e Bank avisam,

This is an identity-bounded enclave, internally open like the “vast sound chamber” but externally opaque because it is based on the Arabic language, an Arab-Islamic identity and a common political agenda. This common agenda defines a number of themes as “Arab issues” but does so without providing a final “Arab answer”, in contrast to the 1950s and 1960s, when transnational Arab media were also playing an important role.<sup>92</sup>

O significado que a Primavera Árabe tem para a ordem regional do Médio Oriente e o resultado das guerras civis que estão a decorrer irá decretar a nova balança

---

<sup>90</sup> “Based on common culture and ethnicity rather than on a defined territory – and interwoven with the struggle against foreign domination – pan-Arab nationalism assumed a romantic, populist, chauvinistic and compulsive nature, concerned with the politics of identity against the Western ‘others’ (...)”. Em Avraham Sela, “The Vicissitudes of the Arab States System: From its Emergence to the Arab Spring”, *India Quarterly*, vol. 73, nº2, 2017, p. 149.

<sup>91</sup> “As Meridi Nahas (1985) argues, the decline of Pan-Arabism made regimes especially vulnerable to revolutionary Islam because the same ills and identities that had fuelled the rise of Pan-Arabism persisted but the disaffected now turned to Islam because many states had appropriated Arab nationalism as their legitimating ideology (...)”. Raymond Hinnebusch, “War and Order in the regional system” em Raymond Hinnebusch, *The International Politics of the Middle East*, 2015, Manchester, Manchester University Press, p. 202.

<sup>92</sup> Valjborn e Bank, *Signs of a New Arab Cold War*, p. 9.

geopolítica na região. A divisão de poder está a ser moldada diariamente e há um grupo de Estados que estão em clara vantagem quanto à recolha de lucros – os Estados que se encontram nas periferias da região, especialmente os não-Árabes. Com fundações diferentes (como por exemplo, a Turquia, que deriva do Império Otomano), conseguem posicionar-se melhor nos conflitos - e nas rondas de negociações – comparativamente a Estados árabe mais fracos e instáveis.<sup>93</sup>

Findo os curtos momentos de tensão e tentativas de democratização em certos Estados árabes, os restantes Estados que atingiram uma larga escala de violência integram o conceito de ‘Inverno Árabe’<sup>94</sup>. Esta palavra-chave remete para a instabilidade que atualmente se sente na região, onde um conjunto de Estados passou por revoluções que rapidamente escalaram para uma guerra civil; para além desse cenário de guerra, os Estados que tiveram uma onda de protestos mais pacífica, mas não obtiveram os resultados esperados integram também o conceito. Em suma, apesar dos esforços das populações verificou-se, na grande maioria das revoluções sentidas no Médio Oriente durante a Primavera Árabe, um declínio económico<sup>95</sup> e o caos generalizado na sociedade: “The Arab Spring, the ensuing collapse of the Arab political order, and the ongoing civil wars, are the drivers of an emerging new Middle East political order.”<sup>96</sup>

---

<sup>93</sup> “Power imbalances were built into the very fabric of the regional system. The unevenness of state formation allowed states consolidated earlier to threaten late developers – notably, giving the non-Arab periphery the advantage over weaker, less developed Arab states”. Em Hinnebusch e Ehteshami, *The Foreign Policies of Middle East*, p. 20.

<sup>94</sup> Conceito trazido por Silvia Ferabolli, em 2015, através de *Arab Regionalism: A Post-Structural Perspective*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

<sup>95</sup> “The Arab Spring, which turned into the Arab Winter, has had huge costs. One estimate puts the loss at \$800 billion, but the real costs are likely to be higher and enduring. The most dramatic example is the destruction of the Syrian economy.”. Em Paul Rivlin, “\$800 Billion and Rising: The Costs of the Arab Winter”, *Middle East Economy*, 2014, p. 1.

<sup>96</sup> Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, p. 3.

## 2. 2. A Primavera Árabe – Motivações e o seu Significado para a Política do Médio Oriente

Estas vagas de protestos, intituladas Primavera Árabe, iniciaram-se na Tunísia, a 18 de dezembro de 2010 e espalharam-se pelos restantes Estados do *MENA*. As manifestações caracterizaram-se maioritariamente pela resistência civil e o uso de redes sociais como forma de propagação da mensagem pelos restantes povos árabes. Ainda que tendo resultados positivos na Tunísia, dada a rápida deposição do Presidente Zine Ben Ali, o mesmo não se comprovou em todos os casos da região. No Egito, foram necessárias duas deposições, de Hosni Mubarak, assim como de Mohamed Morsi, representante de um partido político da Irmandade Muçulmana.

Certos Estados não conseguiram evitar a guerra civil. O Iémen entrou num ambiente de guerra civil, opondo os Houthis,<sup>97</sup> leais ao presidente Saleh, às forças de Rabbuh Hadi.<sup>98</sup> Na Líbia, a Segunda Guerra Civil Líbia está em curso desde 2014, opondo cinco diferentes frentes em busca do poder e constituição do governo líbio.<sup>99</sup> O primeiro destes Estados a entrar em guerra civil foi a Síria, tendo a onda de manifestações iniciado em Janeiro de 2011.

Ainda que politicamente diferentes, a população árabe continua a ver-se como um todo, separada por linhas artificiais que não correspondem à sua vontade. A ideia de

---

<sup>97</sup> Os Houthis enquadram-se no Zaidismo, uma dissidência do Islão Xiita. Ainda que historicamente importantes, atualmente, encontram-se concentrados no noroeste do Iémen, estando em minoria no restante território iemenita.

<sup>98</sup> A Guerra Civil do Iémen iniciou em 2015, estando ativa até ao presente. Este conflito caracteriza-se pelo confronto direto entre os apoiantes de duas identidades, Abd Rabbuh Mansur Hadi e Ali Abdullah Saleh, e a reivindicação que cada um faz no sentido de constituir governo. Para além destes atores na guerra, a Al-Qaeda na Península Arábica e o autoproclamado Estado Islâmico têm também realizado ataques e conquistado partes do território. O Iémen sempre foi um Estado bastante dividido, tendo apenas sido unificado em 1990.

<sup>99</sup> Considera-se a Primeira Guerra Civil Líbia (ou Revolução Líbia) o conjunto de manifestações populares, em 2011, contra a ditadura de Muhammad al-Gadafi. Após alguns meses de contestação geral e confrontos com as forças de segurança, o povo líbio foi acudido pela ONU que, através da Resolução 1973, autorizou uma intervenção armada estrangeira no território. Com a retirada de Muhammad al-Gadafi do poder, instalou-se um clima anárquico e sem a identificação de uma real e unificada fonte de poder, capaz de governar. Em campo de batalha, estão 5 entidades: o governo da Câmara dos Representantes da Líbia, o Governo do Acordo Nacional, o governo do Novo Congresso Geral Nacional e o Conselho da Shura de Revolucionários de Benzagi. Para além destes órgãos líbios, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante tem uma frente ativa também na Líbia, alimentando o conflito armado.

pátria e a capacidade de um Estado incluir uma identidade nacional vincada na sua base cultural continua a ser uma miragem em certos casos. Parte dessa visão do Médio Oriente vinda da população árabe é também devido ao apelo feito por várias figuras de relevo na política da região, alimentando a ideia de que as linhas fronteiriças são consequência do colonialismo. Frequentemente, estas figuras discursavam sobre estes assuntos por ganhos pessoais e para compensar a falta de legitimidade que apresentavam no seu próprio Estado, ou seja, para segurar o seu lugar no governo<sup>100</sup>.

Tal como na “Guerra Fria Árabe”, verifica-se na Primavera Árabe que a verdadeira ameaça para os governos dos Estados árabes não são exércitos ou ferramentas de *hard power* mas sim a capacidade de comunicar com as populações, afetando, mais uma vez, as políticas domésticas. Ao sugerir que o propósito dos Estados árabes é trabalhar em prol de uma possível unificação política, subentende-se que a base da legitimidade estatal no Médio Oriente é falsa, afetando a soberania de todos os Estados árabes. Paradoxalmente, ao colocarem a legitimidade do território em causa, os governos socialistas árabes abriram a porta à interferência de outros Estados nas suas agendas domésticas, correndo o duplo risco de perder o controlo do aparelho de Estado.<sup>101</sup>

Assim, ainda que esta incongruência identidade-território seja sentida um pouco por todas as regiões do globo, no Médio Oriente ganha especial força devido à combinação de identidades sub-estatais e supra-estatais únicas, que limitam a capacidade de uma população identificar-se com uma nação-pátria, típico modelo de Vestefália. Não sentindo grande conexão com a sua nação, e sendo esta governada por figuras corruptas e que limitam a liberdade de expressão, torna-se compreensível que um povo procure uma ligação mais à base da identidade. A desvalorização de minorias<sup>102</sup> entre a sua

---

<sup>100</sup> “Pan-Arabism attracted many followers in the interwar years, becoming an influential ideological force in domestic Arab politics. Hence, Arab rulers felt compelled to respond to the ideological pressure from below in order to buttress their legitimacy. Yet, in contrast to the widespread popularity of this ideology, its revisionist character threatened the very existence of most Arab elites. As a result, lip-service was frequently paid to Pan-Arabism on the state level, but parochial (whether state, dynastic or personal) interests usually prevailed.” Em Elie Podeh, “The Emergence of the Arab State System Reconsidered”, *Diplomacy and Statecraft*, novembro 1998, vol. 9, nº3, p. 72.

<sup>101</sup> Barnett, *Institutions, Roles and Disorder*, p. 285.

<sup>102</sup> A minoria mais expressiva no Médio Oriente são os Curdos, espalhados por toda a região e sem uma pátria. No entanto, não são o único caso de perseguição e discriminação de minorias no Médio Oriente.

população leva a um irredentismo generalizado, dificultando ainda mais uma possível lealdade em relação ao Estado:

In an age of nationalism, there is, in fact, a powerful drive by identity communities to attain a state and by state leaders to forge a shared national identity among their populations. Where the drive to bring state, territory and nation into correspondence is obstructed, states' legitimacy is weaker while irredentism (the desire to overcome the identity - territory incongruence) fosters intra- and inter-state conflict. The Middle East stands out because of its unique combination of both strong sub-state identities and powerful supra-state identities that, together, dilute and limit the mass loyalty to the state typical where it corresponds to a sense of nation distinctive from the 'other' (...)<sup>103</sup>

Para além destas dicotomias sentidas, a partilha das dificuldades entre povos árabes, o considerado 'trauma comum' histórico, tornou-se ainda mais fácil de ser cultivado. Hinnebusch resume alguns dos acontecimentos do século XX que levam a que a população árabe tenha uma memória coletiva, culminando num sentimento generalizado de descontentamento, assim como numa capacidade de comparar acontecimentos passados durante a "Guerra Fria Árabe" com a realidade árabe nos anos anteriores às ondas de protestos:

Historical memories of greatness under unity and experience that the Arabs are successful when they act together (e.g., the 1973 war and use of the "oil weapon"), and are readily dominated when divided, keeps Arabism alive. So does the sense of common victimization: the Crusades are part of every schoolboy or girl's historical world view; the lost of Palestine is seen as a common Arab disaster; the 1967 defeat shamed all Arabs, not just the defeated frontline states. On the other hand, the

---

Por exemplo, Saddam Hussein, sunita, reprimiu por variadas vezes a população xiita, ainda que esta representasse a maioria do Iraque. Com a queda de Saddam Hussein e, com este, a supremacia sunita, o atual Primeiro-Ministro iraquiano é xiita e o atual Presidente é Curdo. Outro exemplo de Estado que sofre desta divisão sectária de minorias é o Líbano, que reconhece a existência de 18 comunidades religiosas. No total, quase 40% da população libanesa é cristã, opondo-se à restante população muçulmana (também dividida entre os xiitas e sunitas).

<sup>103</sup> Raymond Hinnebusch, "The politics of identity in Middle East international relations". Em Louise L'Estrange Fawcett, *International Relations of the Middle East*, Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press, 2009, p. 153.

relative successes in the 1973 war inspired solidarity across the region. In the 1990s, the suffering of Iraqis imposed by the Western economic sanctions was not seen as the affliction of another nation or people that, however regrettable, was not the business of Syrians or Tunisians; to some extent, their pain and humiliation is seen as a common trauma.<sup>104</sup>

Todos estes fatores histórico-culturais explicam o desânimo geral sentido pela população árabe. No entanto, o que os motivou a participarem diretamente nestas ondas de protestos? Na maioria dos casos, as más condições de vida e as constantes altas taxas de desemprego, agravadas pela falta de liberdade sentida e a militarização da sociedade. O que a maioria dos Estados apanhados pela Primavera Árabe têm em comum é o excessivo aparelho de Estado, que compensa problemas económico-sociais estruturais com subsídios e ajudas similares. Apesar de vários regimes terem sido fundados na base do nacionalismo árabe<sup>105</sup>, as vantagens não se refletiram em toda a sociedade, levando a grandes discrepâncias. Os governos tornaram-se repressivos da população e dos partidos políticos da oposição, utilizando ferramentas como a declaração do estado de emergência.<sup>106</sup>

Com um cenário a repetir-se por todo o Médio Oriente, as populações revoltosas utilizaram também mecanismos e ‘slogans’ semelhantes durante as manifestações, defendendo ambições que iam de encontro com as dificuldades que as populações árabes sentiam, no seu âmago. Esta semelhança levou a que se criasse uma onda de otimismo, em parte, patrocinada por atores internacionais, que viam com bons olhos estas mudanças de regimes. Nos primeiros anos da Primavera Árabe, confirmou-se, de facto, “uma revolução com múltiplas vozes”, representando quase que uma nova fase

---

<sup>104</sup> Hinnebusch e Ehteshami, *The Foreign Policies of Middle East*, p. 30.

<sup>105</sup> O Nacionalismo Árabe foi maioritariamente divulgado pelo Partido Ba’ath e por personalidades como o Gamal Abdel Nasser.

<sup>106</sup> Estes governos eram movimentados por valores como a celebração da civilização árabe e a união política da MENA. Após a Guerra dos Seis Dias, que terminou com a derrota dos exércitos árabes e a vitória de Israel, o movimento perdeu fôlego e os Estados árabes focaram-se na defesa do seu Direito de Estado e soberania. A busca exacerbada da manutenção do poder levou a que vários ditadores do Médio Oriente governassem durante décadas. O Partido Ba’ath, uma organização e partido político com filiais regionais, viu também momentos de tensão a surgirem com o fracasso da República Árabe Unida e pelo choque existente entre o Iraque e a Síria, que tinham no poder fações diferentes do Partido Ba’ath. Este vazio ideológico sentido pela população viu-se preenchido por movimentos islâmicos.

da História, como o ‘fim do pós-colonialismo’<sup>107</sup>. Esta positividade rapidamente terminou, quando as populações esbarraram nas dificuldades encontradas. Houve dois cenários que foram os mais repetidos no Médio Oriente – por um lado, a deposição de um ditador não resultou na democratização do sistema, levando a uma instabilidade generalizada e ao corrompimento de mecanismos que asseguram a democracia, como a falta de eleições livres e transparentes. Por outro, as populações não conseguiram de todo demover o governo, por falta de recursos e apoios, assim como pela proteção militar que o governo apresenta. A Síria enquadra-se no segundo cenário.

À parte das falhas dos governos do Médio Oriente, que moveram as populações árabes para a revolta, é possível apontar-se também a ineficácia de organizações regionais e internacionais. A ONU mostrou parte da sua ineficácia com as decisões do Conselho de Segurança aquando das várias guerras civis durante a Primavera Árabe – por exemplo, o direito a veto de resoluções que poderiam permitir um melhor acordo de cessar-fogo. Conforme referido anteriormente, a Rússia demarcou a sua posição em relação à Guerra Civil Síria pela proteção que deu ao regime de al-Assad, vetando quaisquer medidas que fossem prejudiciais para este.<sup>108</sup>

Outra organização que falhou em particular com a população árabe foi a Liga Árabe. Fundada em 1945, é a organização regional mais antiga do Médio Oriente e caracteriza-se pelo reforço económico, político e social entre Estados que tenham a base cultural árabe, assim como a língua materna. Tendo como objetivos principais a defesa da

---

<sup>107</sup> “The similar street scenes, slogans and claims made by protesters in numerous Arab countries, led Arab scholars and commentators to make sweeping optimistic conclusions (...) representing a historical turning point and the beginning of a new era – ‘end of post-colonialism’, ‘second Arab awakening (nahda) and ‘new Arabism’ (...) According to these visions, the Arab world was not only about to move to a new political model of pluralism and democracy, it also demonstrated the rejuvenation of all-Arab regional identity that could reinvigorate common Arab action (...)” Em Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, p. 164.

<sup>108</sup> Desde o início da Guerra Civil Síria que o Estado russo apoiou o governo sírio de diversas formas – ajuda militar, empréstimos financeiros e vendas de armas, etc. Outra forma de ajudar al-Assad, no campo internacional, foi vetando resoluções no Conselho de Segurança da ONU que envolvessem forças anti-regime a atravessarem as fronteiras do território sírio. Em dezembro de 2019, a Rússia (juntamente com a China) vetaram uma resolução relativa ao apoio das populações sírias pela 14ª vez. Ver: Michelle Nichols, “Russia, backed by China, casts 14th U.N. veto on Syria to block cross-border aid”, Site da Reuters, 20 de dezembro de 2019: <https://www.reuters.com/article/us-syria-security-un/russia-backed-by-china-casts-14th-u-n-veto-on-syria-to-block-cross-border-aid-idUSKBN1YO23V> [Consultado a 03-02-2020].

soberania dos Estados-membros e também o bem-estar social da região *MENA*, foram colocadas uma série de entraves ao longo de décadas de funcionamento, não havendo cumprimento de mais de metade das resoluções preparadas e debatidas. Devido a estes momentos de tensão relativamente constantes entre os próprios Estados participantes, a Liga Árabe demonstrou variadas vezes a sua falta de eficácia por falta de meios, mas também de vontade política; enquanto importante durante o período de descolonização e consequente emancipação dos Estados, assim que entrando no conceito de Estado soberano, a união árabe foi afetada.<sup>109</sup>

Esta falta de coordenação ao nível da Liga Árabe verificou-se também durante a onda de manifestações. Durante a Primavera Árabe, não ocorreu um entendimento relevante entre os Estados árabes em relação à postura diplomática nem se formou um corpo de forças que colaborasse durante as manifestações e consequentes guerras civis (ainda que fosse algo utópico). De salientar ainda polémicas como a manipulação de informação passada entre generais representantes da Liga Árabe no território sírio, e o que realmente ocorria em plena Guerra Civil Síria.<sup>110</sup> Foi apenas em novembro de 2011 que a Liga Árabe suspendeu a Síria da organização, numa votação em que a Síria, o Líbano e o Iémen votaram contra e o Iraque absteve-se - todos estes Estados, excetuando o suspenso, apresentam uma percentagem representativa de muçulmanos xiitas na sua sociedade<sup>111</sup>. Salloukh<sup>112</sup> reforça esta incapacidade da Liga Árabe em

---

<sup>109</sup> "Concern over the Hashemites' aspirations for regional unity (...) composes a charter whose primary concern was to preserve each member state's political sovereignty and territorial integrity. The charter thus reiterated the principle of non-intervention in other members' domestic affairs, giving it priority even over the objective of mutual protection from external aggression. (...) Although the charter emphasised the AL's role in resolving inter-Arab conflicts, it was not equipped with authority or instruments to implement such duties- (...) The AL was thus shaped as a loose regional organization of independent Arab states whose *raison d'être* was to reinforce and protect the status quo and balance of power among its member states." Em Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, p. 150.

<sup>110</sup> Sobre a manipulação de informação relativamente ao início da Guerra Civil Síria, no sentido da Síria evitar sanções impostas pela Liga Árabe: Philip Gourevitch, "The Arab Winter", Site do The New Yorker, 28 de dezembro de 2011: <https://www.newyorker.com/news/daily-comment/the-arab-winter> [Consultado a 03-02-2011].

<sup>111</sup> Ainda que muçulmano e de maioria xiita, o Irão não participa na Liga Árabe, devido à sua base cultural e de língua persa.

<sup>112</sup> "The Arab League outsourced its responsibilities to NATO and the UN, inviting them to topple Arab regimes or interfere in their domestic affairs, thus negating yet again its very '*raison d'être*' as an



encontrar soluções para os problemas da região, obrigando a intervenção de outras organizações, como a NATO e a ONU, o que vai contra a ideia de responsabilização das suas decisões e unificação árabe no Médio Oriente.

No final, independentemente do papel que a Liga Árabe, a organização regional árabe por excelência, tomasse durante a Primavera Árabe, nunca conseguiria ter o impacto desejado pelas populações. Para além da sua carta de princípios referir o princípio da não-intervenção, nenhum Estado estava capaz de atuar nos momentos de tensão dos Estados vizinhos, pois os próprios governos estavam preocupados em estabilizar a sua área doméstica. As manifestações estavam condenadas, assim como os aparelhos de Estado, que estiveram a esvaziar a sua própria legitimidade durante décadas, com discursos unificadores:

Whatever role the AL assumed in response to the Arab Spring, it could hardly impact its member states' domestic affairs, for two main reasons: First, most Arab States were preoccupied with stabilizing their own domestic arena with no real capability to change the course of protestation in neighboring states or prevent their spilling over into their territories; second, by its very nature, defined roles and available instruments, the AL embodied the principle of non-intervention of Arab member states in each other's domestic affairs.<sup>113</sup>

### **2. 3. Uma Nova Guerra Fria no Médio Oriente**

Tendo já sido exploradas nas páginas anteriores as noções de Guerra Fria e “Guerra Fria Árabe” e a importância que estas tiveram durante parte do século XX no Médio Oriente, surge agora o conceito “Nova Guerra Fria no Médio Oriente”, referente às várias situações de tensão sentidas na região, no século XXI. Todos estes conceitos

---

institution responsible for collective Arab action and security.” Em Basel F. Salloukh, “The Arab Uprisings and the Geopolitics of the Middle East”, (Al Sarhan, 2017), vol. 48, nº2, Junho 2013, p. 43.

<sup>113</sup> Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, p. 165.

apresentam elementos em comum, como os atores que participaram ou os motivos que geraram revolta, ainda que em momentos diferentes da História e com as suas próprias especificidades.

Analisando a “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”, esta poderá ser denominada como a reorganização do sistema regional árabe que resultou das primeiras instâncias da Primavera Árabe, estando ainda a decorrer no presente. Conforme referido, com o impacto do Nacionalismo Árabe e Pan-Arabismo a diminuir na agenda política dos Estados no Médio Oriente, o foco destes atores é agora na ‘razão de Estado’ vestefaliana, ainda que esta divida a opinião das populações. A reorganização da região culmina num maior cultivo de identidades sub- e supra-estatais, como as diferenças entre ramos do Islão (dentro da já divisão Xiismo-Sunismo) ou a influência que a religião tem no funcionamento dos sistemas político e judicial do Estado (ou seja, na laicização, ou não, dos Estados). As diferenças anteriormente assinaladas entre os ‘radicais’ e os ‘moderados’, durante a “Guerra Fria Árabe” são deturpadas por estes novos fatores que entram em jogo:

By rediscovering the Arab Cold War of the 1950s-60s and by drawing attention to the transformation of Arab nationalism and the importance of new trans-Arab media, the New Arab Cold War perspective aims at supplementing rather than supplanting the prominent moderate-radical, sectarian and Realist-Westphalian narratives.<sup>114</sup>

Apesar de os média e, por vezes, até a análise política, simplificarem a formação de blocos de aliados na “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”, utilizando dicotomias generalizadas como ‘sunita *versus* xiita’, a situação no terreno é mais complexa – é fácil verificar que as populações viveram mais anos em harmonia do que em guerra. Estas identidades e blocos de atores sociais lutam pelo monopólio do que consideram ser os interesses dos árabes e a simplificação leva à incompreensão das motivações que estão por detrás.

---

<sup>114</sup> Valbjorn e Bank, *The New Arab Cold War*, p. 1.

Para além desta diferença de maior relevo entre os dois momentos (“Guerra Fria Árabe” e “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”), de salientar outro aspeto que é a **multiplicação de Estados** com um papel ativo nos momentos de tensão. Os EUA, poder unipolar que se manteve na região, e o retorno, de forma relevante, do poder russo para o desenvolvimento de estratégia no Médio Oriente, contribuíram para a ascensão de outros atores, que não são culturalmente árabes, mas encontram-se no Médio Oriente e têm a capacidade económica para ganhar maior relevo na região. Tal como as anteriores superpotências aquando da “Guerra Fria Árabe”, que apoiaram Estados considerados potências médias, capazes de participar nos confrontos em curso. Com este aumento da participação de Estados na organização regional, surge também uma política que afeta os Estados árabes, na realidade, cada vez menos árabe:

(...) the absence of one of the most prominent themes in twentieth century discussions about Middle East politics: the impact of Arab nationalism on regional politics. (...) Instead regional politics in the ‘New Middle East’ is assumed to be driven either by ‘normal’ Westphalian *raison d’état* logics or by new region-specific dynamics reflecting cleavages within Islam or so-called moderates and radicals. Thus, a second striking consistency in the overall debate is a consensus on how Arab politics has ceased to be distinctly Arab.<sup>115</sup>

Assim, a natureza da política do Médio Oriente predominantemente árabe foi substituída, em parte, por figuras não-árabes, mas cada vez mais importantes em termos geoestratégicos, como a Turquia e o Irão. As diferenças existentes entre o Islão e os considerados ‘moderados’ e ‘radicais’ foram exacerbadas pelos próprios Estados, de forma a polarizar as populações e a atraí-las para o seu núcleo de interesses. O maior teatro de rivalidades entre os Estados no Médio Oriente acontece no próprio espaço doméstico – quando ocorre uma fragmentação tão profunda no cenário regional, abalando a balança de poder, essas exatas posições e vontades políticas são espelhadas no espaço doméstico dos Estados.

---

<sup>115</sup> Valbjorn e Bank, *The New Arab Cold War*, p. 2.

Perante este cenário, a Arábia Saudita e o Irão, as duas maiores forças antagônicas do Xiismo e Sunismo e de modelos de governação (regime conservador e monárquico vs. regime revolucionário e islâmico) competem por força e influência na região. Para além destas divergências, analisando com mais cuidado a política externa destes Estados, depreende-se que os grupos formam um padrão de alianças político-militares, entre pró- e antipolítica americana.

O choque entre os Estados não envolve o poder militar direto, mas sim a ideologia, que movimenta os governos e as ligações políticas que estes Estados apresentam a nível transnacional, recorrendo a meios que salvaguardem o seu território, como guerras por procuração. Estas ligações políticas ocorrem, por variadas vezes, com Estados mais fracos e instáveis da região. Algo em comum entre vários dos pontos de tensão é a confrontação de Estados através das guerras por procuração<sup>116</sup>, algo presenciado também durante a ‘Guerra Fria Árabe’, sendo a Síria e o Líbano os exemplos mais visíveis. Gause<sup>117</sup> explica que os surtos de violência na região se devem ao enfraquecimento dos Estados árabes, levando-os a uma maior busca de apoio externo (dentro e fora da região) por parte de atores locais.

Para além da importância crucial que a participação dos Estados apresenta na “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”, salienta-se também os atores da sociedade com uma base árabe-islamista, divergindo de ideias anteriores Pan-Arabistas: “(...) a *societal Political Arabism rising from an Arab-Islamic public*<sup>118</sup> rather than a state-led Pan-Arabism (...)”<sup>119</sup>. Este conjunto de atores sociais conseguiu atrair uma parte considerável das populações, comprovando a emergência de uma ordem árabe, paralela à figura de Estado. Como Valbjorn e Bank referem, o que está verdadeiramente obsoleto, em termos de política do Médio Oriente, não é a essência arabista, que se vê

---

<sup>116</sup> “Relative weakening trend of the US, the rise of China, a superpower candidate, and the conflicting interests of Russia and the US make the proxy war popular (...)” Em Eksi Muharrem, “Regional Hegemony Quests in the Middle East from the Balance of Power System to the Balance of Proxy Wars: Turkey as Balancing Power for the Iran-Saudi Rivalry”, *Gazi Akademik Bakı*, nº21, 2017a, pp. 138-139.

<sup>117</sup> F. Gregory Gause III, *Beyond Sectarianism: The New Middle East Cold War*, Doha, Brookings Doha Center Analysis Paper, 2014.

<sup>118</sup> Itálico do Autor.

<sup>119</sup> Valbjorn e Bank, *The New Arab Cold War*, p. 15.

refletido na sociedade através de meios diferentes dos utilizados durante a “Guerra Fria Árabe”, mas sim o Pan-Arabismo:

(...) what we may be witnessing is an Arab nationalism embedded in an Arab public with an Arab-Islamic identity as the common reference point and united around a common agenda defining certain ‘Arab issues’. However, contrary to the past it is more an agreement on what to disagree about, because no definitive answer as to what ‘the Arab position’ on a given issue is provided.<sup>120</sup>

Grupos considerados ‘radicais’ tendem a expor o vazio ideológico dos regimes que estão a ser alvo de contestações, tendo também a capacidade de mobilização de jihadistas entre combates, muitas vezes apoiados por grupos religiosos, para combaterem no conflito em questão. Comparativamente à “Guerra Fria Árabe”, verifica-se, assim, esta diferença – o lado considerado ‘radical’ não são as repúblicas socialistas árabes, como a Síria e o Iraque em décadas anteriores, mas sim estes grupos que lutam pela união do povo árabe na sua generalidade, perante uma base islamista e não necessariamente a aglomeração de Estados e derrube de fronteiras.

## **2. 4. Síntese Conclusiva**

Após esta análise, é possível concluir-se que, ao longo de décadas de guerras, momentos de tensão e má gestão governamental, era previsível que os povos árabes, mais cedo ou mais tarde, ocupassem as ruas - desde a época de independência dos Estados que foi sendo alimentada a ‘vitimização dos povos árabes’.

Contudo, é importante salientar as diferenças visíveis entre a “Guerra Fria Árabe” e a “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”. Um movimento arabista independente e mobilizado pelas populações substituiu o Nacionalismo Árabe, carregado pelos governos dos Estados árabes durante décadas. Também as relações entre os atores

---

<sup>120</sup> Valbjorn e Bank, *The New Arab Cold War*, p. 13.

regionais foram transformadas, a importância de atores não-estatais reforçada e representam o desafio ‘radical’ que os governos têm de enfrentar – desafio este relacionado com a Islamização da sociedade. As relações entre os próprios Estados foram alteradas com, por exemplo, o Egípto a passar a ser aliado do bloco ‘ocidental’. Esta ordem transnacional ‘islâmico-árabe’ pode ser considerada a terceira grande diferença entre estas épocas, divergindo da anterior rivalidade entre Estados na monopolização dos ‘interesses árabes’.<sup>121</sup>

Para além destes fatores divergentes, a “Nova Guerra Fria do Médio Oriente” caracteriza-se pelas questões sectárias, exploradas cada vez mais por atores regionais e alimentadas pelas populações. Ainda que se verifiquem grandes clivagens sectárias nas ondas de revolta (como, por exemplo, os Curdos no Iraque), a maior divisão encontra-se dentro da religião professada com mais seguidores no Médio Oriente: entre o Sunismo e o Xiismo. O Xiismo parece ter beneficiado mais com a Primavera Árabe comparativamente ao Sunismo, devido ao fato do Irão ter financiado vários grupos revoltosos como o Hezbollah, no Líbano, que têm os exatos elementos que as populações árabes procuram por – a base islamista, agregadora, e contra os governos dos Estados que foram palco das manifestações (e consequentes guerras). Um termo que surgiu para descrever este fenómeno é “The Shia Revival”<sup>122</sup>, remetendo para o fato de que vários destes grupos guerrilheiros são xiitas e o próprio Irão tem conseguido envolver-se nas políticas domésticas de Estados que tenham uma percentagem de população xiita, apelando às suas intervenções nas sociedades.

Apesar destes apoios de peso, assim como vozes internacionais que apoiavam a democratização do sistema regional do Médio Oriente, os resultados não corresponderam às expectativas. As populações não tinham os mecanismos necessários para derrubar eficazmente os governos e levar a eleições livres. Para além destas insuficiências, a balança de poder na região sempre se mostrou mutável e, associando à

---

<sup>121</sup> Valjborn e Bank, *Signs of a New Arab Cold War*, p. 10.

<sup>122</sup> Em 2006, já vários autores e académicos alertavam a comunidade para o reforço de influência que Teerão tinha ganho, aquando da Guerra Civil no Líbano, ocorrida nesse ano. O conceito “The Shia Revival” foi trazido por Vali Nasr, na obra *The Shia Revival: How Conflicts within Islam Will Shape the Future*.

permeabilidade das políticas domésticas a ações externas, rapidamente muitas destas manifestações perderam o controlo quer da vontade das populações quer dos governos, já frágeis: “For a moment the appeared to debunk in practice the old, authoritarian regime-constructed false binaries between *raison d’état* and *raison de la nation*. These early impressions soon collided against the Arab system’s time-honored geopolitical realities, however.”.<sup>123</sup>

---

<sup>123</sup> Salloukh, *The Arab Uprisings and the Geopolitics of the Middle East*, p. 32.

### 3. Estudo de Caso – A Guerra Civil Síria

#### 3. 1. Objetivos do Capítulo

Nos anteriores capítulos da investigação, foram abordados os principais acontecimentos que levaram a um estado crónico de insatisfação e incerteza nas populações árabes, durante a “Guerra Fria Árabe” e a “Nova Guerra Fria no Médio Oriente”, assim como as diferenças entre estes momentos na História da região. A Síria foi um ator importante em ambas as épocas – pela sua posição geográfica, fazendo fronteira com Israel e com outros atores igualmente estratégicos,<sup>124</sup> mas também pela sua importância em termos ideológicos. Estado considerado radical pelos Estados Unidos e seus aliados desde a formação de um governo nacionalista-árabe, a Síria teve um papel estratégico no Médio Oriente especialmente após a Guerra dos Seis Dias, onde perdeu parte da sua fronteira natural com Israel – os Montes Golã.

Desde essa derrota militar que Damasco tentou recuperar o território através de diálogos com outros atores da região também considerados radicais e com vontade de ação, assim como com a superpotência que alicerçava a economia síria, a URSS. Com a dissolução do Estado soviético, o ‘guarda-chuva’ protetor que a Síria tinha em relação a Israel desapareceu, expondo as suas dificuldades económicas e militares e obrigando-o a procurar outro aliado capaz de o suportar. Estes fatores levaram à aproximação ainda maior de Damasco a Teerão. Para além desta ligação entre governos, tinham ainda, inicialmente, outro aspeto em comum e que lhes interessava defender – a posição do grupo Hezbollah no Líbano, grupo xiita num Estado de grande importância para a Síria.

With the termination of the Cold War, the leverage of Syria derived from its Soviet patron vis-à-vis Israel evaporated almost overnight. (...) Syria’s response to what was perceived as a threat posed by the loss of its Soviet patron was to reinforce its alliance with Iran, which had been forged years earlier in the aftermath of the

---

<sup>124</sup> “Syria is a country surrounded amongst strategic countries. In the north, Syria has its border with Turkey, in the south to Israel and Jordan, the west to Lebanon and the east with Iraq.” Em Hassan Mahdian, “Islamic Cold War”, *Studia Politica*, vol. 412, nº 81, 2018, p. 29.



Iranian Revolution (...) This, in conjunction with Damascus's ties to Hezbollah in Lebanon, created a resistance from against what was perceived to be American hegemonic designs on the region (...) <sup>125</sup>

Assim, a Síria era um dos últimos bastiões de resistência à influência ocidental, mais concretamente, americana, no Médio Oriente. Priorizava as relações comerciais e diplomáticas com os Estados da região, tornando-se um contraponto estratégico e, conseqüentemente, atraiu uma certa proteção por parte da Rússia. A proteção russa confirma também, em certa medida, que as conflitualidades entre Estados no Médio Oriente não são uma questão puramente étnica e religiosa. Caso fossem, provavelmente, a Rússia não vetaria, no Conselho de Segurança da ONU, grande parte das sanções à Síria aprovadas por outros Estados. A proteção deste ator, juntamente com o Irão, contrabalança as posições de poder na região. Há quem veja a intervenção ocidental na Primavera Árabe como tendo motivos estratégicos e não humanitários, no sentido de enfraquecer o Irão na região, Estado fulcral em tantos confrontos, incluindo a Guerra Civil Síria. O fim do regime de al-Assad abriria espaço para a diminuição da influência geopolítica do Irão, algo desejado tanto pelos EUA como pelos seus parceiros na região, como a Arábia Saudita <sup>126</sup>.

Neste capítulo, enquadrar-se-á o Estado sírio na Primavera Árabe, caracterizando as manifestações nas ruas, assim como o que motivou as populações à revolução. Após essa caracterização sistemática, **a Guerra Civil Síria servirá de estudo de caso para indagar se estamos realmente a assistir, ou não, a uma Nova Guerra Fria no Médio Oriente**. Pressupondo do princípio que sim e utilizando os mecanismos deste confronto como as guerras por procuração – foram identificados quatro atores estatais de relevo que irão definir o final da revolução. Esses quatro Estados, os Estados Unidos, a Turquia,

---

<sup>125</sup>Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, pp. 7-8.

<sup>126</sup> "Syria was at the heart of Saudi Arabia's strategy to contain Iran's growing influence in the region. (...) Moreover, Iran's alliance with Syria provided Tehran political cover for its growing influence and interference in what Riyadh viewed as otherwise strictly Arab affairs. (...) Damascus accused Riyadh of interfering in its own security arena and domestic politics by financing Salafi groups and jihadi cells in Lebanon and Syria, and by *fomenting sectarian sentiments against the Syrian and Iranian regime in regional organizations*." Em Salloukh, *The Arab Uprisings and the Geopolitics of the Middle East*, pp. 38-39. Itálico do Autor.

o Irão e a Rússia, não têm elementos em comum agregadores para além deste: **nenhum destes Estados tem uma base cultural árabe**, ainda que sejam cruciais para a atual balança de poder do Médio Oriente.

A Síria não foi o único caso da Primavera Árabe que descarrilou rapidamente e com elevada gravidade; um pouco por toda a região verificaram-se consequências para as quais as populações árabes não estavam preparadas. A onda de democratização, inicialmente positiva, dissipou-se em poucos anos. O estado ao qual a Síria chegou, durante a Guerra Civil Síria, demonstra como um regime militar e sem respeito pelos Direitos Humanos da sua população e a radicalização de adversários, fundando argumentos em questões sectárias, pode levar a uma guerra civil viciosa e interminável. Ao alimentar essas divisões e, ao mesmo tempo, não respeitar a soberania do seu território, al-Assad permitiu a presença de inúmeras entidades regionais, e não só, na Síria, combatendo pelo seu próprio Estado. Como Hinnebusch refere:

Here, the collapse of Westphalian statehood was manifested in the state's loss of territorial and border control, and penetration by trans-state movements, accelerated from without by the violation of Syria's sovereignty by regional and international powers; in this vacuum, governance, is fragmented, overlapping, informal and violent.<sup>127</sup>

### **3. 2. Enquadramento da Guerra Civil Síria no Fenómeno da Primavera Árabe**

Ainda que os protestos armados por parte da população síria iniciassem a 15 de março de 2011, os tumultos tiveram início a 26 de janeiro do mesmo ano, um dia apenas após as manifestações egípcias. Os problemas económicos sírios eram crónicos, assim como a desconfiança da população em relação ao regime (o Estado sírio estava em

---

<sup>127</sup> Hinnebusch, *From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA*, p. 392.

estado de emergência desde 1962), devido a incompatibilidades de decisões tomadas com a carta dos Direitos Humanos da ONU.<sup>128</sup>

Hafez al-Assad, alauita, filiado no Partido Ba'ath e pai do atual líder da Síria, tomou o poder no território em 1971, governando-o durante trinta anos. Durante a primeira fase da governação de Hafez al-Assad, a sua postura foi admirada pela população síria, na generalidade, graças à sua capacidade de comunicação, ao percorrer todo o território num esforço de unificação. Para além da dedicação demonstrada em criar uma imagem nacional da população síria, al-Assad, sendo militar, conseguiu restaurar as forças armadas com sucesso – quer o seu prestígio quer a sua estrutura – graças a grandes investimentos estatais, principalmente após as diversas guerras que a Síria enfrentou com Israel. Outra vantagem da governação de al-Assad, era a sua capacidade negocial nas relações externas, conseguindo alimentar alianças na região, apesar da postura hostil da Síria para com diversos Estados do sistema internacional. Contudo, após a postura enérgica e vital de Hafez al-Assad durante as primeiras décadas de serviço, este praticamente desapareceu do cenário durante a década de 90, possivelmente devido a problemas de saúde. Os resultados do esforço foram-se deteriorando e quando Bashar al-Assad sucedeu ao pai, em 2000, todos os problemas económicos e sociais da Síria estavam a 'olho nu'. Este não aparentava as mesmas capacidades do pai para enfrentar a situação.<sup>129</sup>

Quando as manifestações se iniciaram na Síria, al-Assad compreendeu que a situação iria apenas piorar e poderia correr o risco de ser deposto, tal como aconteceu a Hosni Mubarak no Egipto, e acabou por anunciar um conjunto de medidas, a 31 de Janeiro de 2011, do foro económico – medidas estas que não resultaram em resultados rápidos e eficazes. Acrescentando ao descontentamento da população, a repressão

---

<sup>128</sup> Por exemplo, uma das decisões contraditórias à carta dos Direitos Humanos foi o Massacre de Hama, em 1982 – o governo sírio autorizou um bombardeamento na cidade de Hama, onde se verificava um aumento de influência da Irmandade Muçulmana.

<sup>129</sup> "(...) during the 1990s, Hafiz al-Asad rarely appeared in the media, public, or any meetings (...) it could be said that Bashar al-Asad took over the country from scratch or from its decline as Hafiz al-Asad left nothing but economic and political problems as well as high unemployment rate." Em Mahdian, *Islamic Cold War*, p. 31.

militar das manifestações rapidamente escalou. As manifestações, inicialmente, pacíficas, rapidamente levaram a uma guerra civil e consequente falência do funcionamento básico do Estado.

Raymond Hinnebusch<sup>130</sup> resume sucintamente os fatores que levaram a que a Síria caísse num estado de guerra civil: o uso de força excessiva contra os participantes nos protestos, assim como a visão radical de ambos os lados dos intervenientes no conflito, instrumentalizando discursos sectários. Somando a estes fatores, a lealdade das principais forças do Estado com o regime da família al-Assad foi inegável e importante para a sua manutenção no poder – ao contrário de alguns setores do exército, que abandonaram as forças e formaram o Exército Livre da Síria, levando um número considerável de armas para a oposição. Com esta militarização, o regime de al-Assad perdeu o controlo de parte do armamento disponível na Síria, assim como zonas do seu território, que caíram sob o controlo de grupos opositores.

Para além destas questões que alimentaram a escalada para uma guerra civil tão sangrenta como a Guerra Civil Síria, é necessário denotar que a intervenção externa, que apoiava a oposição e, mais tarde, a intervenção de apoiantes internacionais do governo, levaram a um fluxo ainda maior de armas, dinheiro e jihadistas. A falência das funções do Estado levou a uma fácil penetração devido à falta de controlo das fronteiras. Esta fluidez transformou os limites da Síria em corredores que se interconetavam com os Estados vizinhos e que eram utilizados pelos grupos rivais do governo. A falta de regulação transformou também esses segmentos em saídas para a população síria, em busca de refúgio, e destruíram ainda mais a economia, ao tornar impossível taxar bens importados ou evitar o próprio desvio e roubo de produção.<sup>131</sup>

---

<sup>130</sup> Hinnebusch, *From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA*, p. 396.

<sup>131</sup> “With state failure, however, the country was open to penetration as never before. Legally, borders remained recognized by the international community but defacto they were now routinely violated by external powers. (...) leading to increased interconnectedness across them, seen in the flow of resources, fighters and refugees, to and from neighbouring countries. (...) Control of borders was a strategic asset for opposition factions and Syria’s borders were fragmented into segments controlled by rival groups. Border control was crucial to taxing, controlling the flow of humanitarian aid, oil, fighters, smuggled goods and weapons into Syria from outsider funders, NGO’s and states (...)”. Hinnebusch, *From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA*, p. 400.

Sendo a Guerra Civil Síria já um problema agudo com a participação dos atores internos, atingiu uma escala internacional devido à presença de atores que não foram chamados pelo governo de al-Assad, atuando nas fileiras dos opositores ao regime. O movimento popular que procurava a democracia e a justiça socioeconómica acabou por ser monopolizado por atores que tinham interesses em ganhar a guerra, colocando pressões económica e política nos grupos que apoiavam. O envolvimento indireto destes Estados ia desde transmissões nas redes sociais, apelando ao combate a pagamentos de valores elevados a exércitos de rebeldes jihadistas, que circulavam pelos vários combates no Médio Oriente. Por exemplo, em meados de 2012, os Estados do Golfo Pérsico começam a enviar dinheiro para grupos rebeldes, via Turquia:

Atores internacionais começam a tomar parte no conflito sírio. Em meados de 2012, os Estados do Golfo enviam dinheiro e armas, via Turquia, para os rebeldes. A Turquia, pretendendo atacar o Estado Islâmico, atinge rebeldes Curdos e, algum tempo depois, sírios derrubam um caça turco, encerrando, desta forma, o apoio daquele país à rebelião. O Hezbollah libanês enviou tropas para apoiar Assad. Em resposta a este acontecimento a Arábia Saudita envia mais dinheiro, armamentos e equipamentos para os rebeldes.”<sup>132</sup>

Tal como se assistiu a uma multiplicação de Estados a participarem na Guerra Civil Síria, o mesmo ocorreu com atores não estatais, que recebiam financiamento de vários patrocinadores. O fato da população, na sua generalidade, não se ter unificado numa frente por bastante tempo<sup>133</sup>, levou a que também vários Estados conseguissem negociar com esses grupos opositores e, conseqüentemente, estabelecendo-se em várias zonas da Síria, expandindo-a durante a guerra.<sup>134</sup> A crise síria extrapolou os

---

<sup>132</sup> Em Carlos Eduardo Cardoso Souza, Diego Madureira Peixoto, Flávio Barro Correa, Renato Moreira Ciscotto e Walter Augusto Magalhães dos Santos, *A Guerra Civil na Síria: atores internos, jogos de poder e possíveis reflexos para o Brasil a partir da situação dos refugiados desse conflito*, 14<sup>o</sup> Congresso Académico da Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 2017, p. 3.

<sup>133</sup> O Exército Livre da Síria, formado por militares desertores e civis que apoiavam a democratização do Estado sírio, esteve apenas unido até ao final de 2012. O aumento de influência dos grupos jihadistas apenas enfraqueceu a posição deste grupo na guerra civil.

<sup>134</sup> “(...) In the case of Syria, this includes lavish, blind spending on the rebels; the support of satellite-transmitted media campaigns to fuel and aggravate the ensuing armed conflict; and providing weapons, transport and sophisticated communication and media devices paid for in cash to serve rebels from scores of countries, some of which (Chechnya, for instance) are a thousand miles away. These insurgents, for most part, do not come under a single military command and have various patrons and sponsors.” Em Ibrahim Ali El-Hussari, “Yet another version of the “Arab Spring”: Ramifications of the Syrian Armed

motivos pelo qual foi iniciada e deixou de ser uma luta pelos problemas domésticos de um Estado para uma guerra por procuração regional e, em último plano, para uma guerra por procuração de grandes potências. Estes vários planos não são lineares e encontram-se em certos pontos do confronto, diversificando as dinâmicas da guerra. Para além das ferramentas de naturezas diferentes (*hard power* e *soft power*), as questões sectárias alimentaram as rivalidades geopolíticas no Médio Oriente e foram espelhadas nas populações da região, que assistiam ao combate.

A Síria tem um papel primordial no Médio Oriente desde a sua fundação. Foi um Estado fundamental pela sua imagem irreverente e defensora do Nacionalismo Árabe e Pan-Arabismo, especialmente durante a “Guerra Fria Árabe”. Tem uma posição geográfica de relevo, com acesso ao mar, assim como algumas províncias ricas em petróleo. Em termos de geopolítica, apresenta ainda fronteiras terrestres com a Turquia e Israel, atores cada vez mais com um lugar privilegiado na política do Médio Oriente, para além do Iraque. Finalmente, tem ainda um exército estruturado. Todos estes fatores tornam a Síria um espaço tentador, para vários Estados, para conquistar e monopolizar – ou seja, uma guerra por procuração na “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”: “Syria’s swift transformation from a one-time regional player, commanding substantial influence in its immediate security environment, into terrain for geopolitical battles is one of the major geopolitical consequences of the Arab uprisings.”<sup>135</sup>

---

Conflict for the Existing Arab Order and Beyond”, *Central European Journal of International & Security Studies*, vol. 8, nº3, 2014, p. 132.

<sup>135</sup> Salloukh, *The Arab Uprisings and the Geopolitics of the Middle East*, p. 42.

### 3. 3. Estudo dos Atores Externos e das suas Tomadas de Decisão no Conflito

#### 3. 3. 1. Os Estados Unidos da América

Os Estados Unidos, poder unipolar no Médio Oriente durante anos, decidiu não assumir um papel primordial na Guerra Civil Síria. Para além desta diversificação nos objetivos, os EUA mudaram também a sua forma de ação – ao invés das intervenções no Afeganistão e Iraque, onde tropas foram enviadas para os terrenos, Washington procurou ativamente, no Conselho de Segurança, a mudança de regime na Síria. Apesar dos esforços, passado algum tempo, os Estados Unidos deixaram cair essa rede de atuação devido à ajuda direta russa que al-Assad começou a receber. A reivindicação relativa à mudança de regime, em sede do Conselho de Segurança, já não era exequível pois os EUA já não tinham a anterior força diplomática internacional para impor as suas condições – tal verifica-se, por exemplo, no seu afastamento do processo de paz ativo, o Processo de Astana.

Já em 2004, os EUA criticavam o governo sírio pelo seu apoio a grupos terroristas, como o braço armado do Hezbollah, e a permeabilidade das suas fronteiras, que permitiam a livre passagem de mercenários e jihadistas entre a Síria e o Iraque.<sup>136</sup> Os vários fatores que levaram à falta de proatividade americana na Guerra Civil Síria, quando já tinha demonstrado o seu descontentamento pelo governo sírio em anos anteriores, serão abordados nesta secção da investigação.

Durante o período da *Pax Americana*, os EUA tentaram instalar no Iraque um governo democrático e favorável à sua presença no Médio Oriente. Para além desta instância, o governo americano, principalmente durante a Administração Bush, passou a defender uma política promovida no plano teórico, a “Greater Middle East

---

<sup>136</sup> “In May 2004, the Syrian government was criticized by the U.S. for its support for terrorist activities and the failure to stop militants from entering Iraq. As a result of government’s support for terrorism, the U.S. imposed economic sanctions on Syria. A more worrisome scenario in Syria was the race for varieties of weapons of mass destruction, the provision of Scud Missiles for Lebanon’s Hezbollah, which is in violation of UN resolutions, and the continued support for terrorist activities. In 2010, in response to Syria’s antithetical stance, the US renewed the economic sanctions (...)”. Em Yakubu, Falode e Britto, *The Pitfalls of Unilateralism*, p. 13.

Initiative”<sup>137</sup>. Após a intervenção iraquiana, os EUA focaram-se em tentar promover a democratização da área, apesar de aliar-se a monarquias conservadoras durante décadas, como é o caso da Arábia Saudita. Esta dissonância foi ganhando cada vez mais visibilidade após o sistema internacional visualizar as consequências das intervenções americanas, suportadas por outros atores ocidentais, sem o acompanhamento necessário para fundar as bases dos Estados. As ações americanas assentavam na sua intenção em aplicar diretamente a democracia (uma forma de ação preventiva), alegando a responsabilidade (R2P, “Responsibility to Protect”) global de impedir crimes de guerra e crimes contra a humanidade - na sua generalidade, evitar que Estados falhados desrespeitem largamente a Carta dos Direitos Humanos da ONU.<sup>138</sup> Apesar de justificável, este modelo de ação externa descredibiliza o modelo estatal de Vestefália, colocando em causa o próprio sistema internacional. Renuncia ainda possíveis modelos de ajuda, que não envolvam guerra e violência, a estas populações, como a ajuda humanitária ou as sanções económicas internacionais.<sup>139</sup>

Esta fase da política externa americana pautou-se pelas intervenções, muitas vezes apoiadas pela ONU ou pela NATO, e a falta de capacidade de outras grandes potências, como a Rússia ou a China, de funcionarem como contrapeso na balança de poder no sistema internacional. Para além destes dois atores de relevo, a própria União Europeia, parceira ocidental, não estava totalmente segura destas intervenções,

---

<sup>137</sup> Em 2004, os Estados Unidos apresentaram aos Estados da G8, um fórum político entre Estados industrialmente desenvolvidos, um plano de ação no Médio Oriente, que deveria de ser seguido pelos membros deste fórum. O plano consistia num conjunto de medidas em prol da expansão de direitos políticos por parte dos Estados da região, de forma a democratizar os regimes e também a evitar o Islamismo radical e possíveis ataques terroristas em solo ocidental.

<sup>138</sup> “The US attempts to introduce intervention law to the new international system by the involvement in regime change in the Middle East for bringing democracy (Iraq invasion of 2003) (...) finally, its attempt for responsibility to protect (R2P) in Libya (2011 NATO bombarding) received resistance of China and Russia in Syria at last. (...) Hence, China and Russia give the US the message that the Westphalian system is still valid.” Em Muharrem Eksi, “The Syrian Crisis as a Proxy War and the Return of the Realist Great Power Politics”, *Uluslararası Kriz ve Siyaset Araştırmaları Dergisi*, 2017b, nº2, pp. 110-111.

<sup>139</sup> The concept is defined as a state’s use of military force (publicly stated that its use is for ending violation of human rights) against another state (...) this definition has been criticized for being too narrow as it precludes non-military forms of intervention such as, humanitarian aid and international sanctions. (...) A major obstacle to legalizing UHI is the overriding concern that states would use the pretext of humanitarian intervention to commit crime of aggression or perpetrate regional and selfish interest (...)” Em Yakabu, Falode e Britto, *The Pitfalls of Unilateralism*, p. 11.



especialmente durante a Guerra do Iraque, devido à falta de provas de que o regime iraquiano estava a produzir armas de destruição maciça:

The case of Iraq provoked a deep disagreement between the USA and the EU over the suitability of the use of military force for preemption, especially given the lack of proof for WMD. This incident demonstrated that the transatlantic partners diverged on prioritizing Middle East threats and on the suitable tools to approach them.<sup>140</sup>

Após a intervenção no Iraque, em 2003, a balança de poder no Médio Oriente mudou devido à importância que este Estado representava para a região. Tendo um grande número de reservas de petróleo e uma riqueza generalizada de bens e minerais, assim como um elevado número populacional e uma importância acrescida ao representar movimentos sectários (um elevado número de xiitas, sunitas e Curdos), o Iraque era um dos atores mais importantes na região. Com a deposição de Saddam Hussein e a queda do Estado em guerra civil, criou-se um vácuo de poder; para além desta desregulação da balança de poder na área, o verdadeiro descalabro deu-se durante o início da Primavera Árabe. O Egito, a Líbia e a Síria, três atores também importantes na região *MENA*, rapidamente perderam recursos e a capacidade de defenderem os seus interesses de forma independente.

Outro fator relevante a ter em conta em relação à inação americana na Guerra Civil Síria prende-se com o fato dos EUA estarem progressivamente a transferir os seus interesses externos do Médio Oriente para a Ásia-Pacífico. Ao desinvestir na área, deixando esta à mercê da capacidade dos seus aliados de a defender, mais concretamente, Israel e a Arábia Saudita, outros Estados aproveitaram esse espaço, como a Rússia e o Irão. Apesar do apoio americano, Israel continua a ser geograficamente pequeno e sem um grande número de aliados no Médio Oriente e a Arábia Saudita não tem a capacidade militar necessária para assumir uma posição

---

<sup>140</sup> Khalifa Sally Isaac e Esmat Haidi Kares, "American Discourses and Practices in the Mediterranean Since 2001: A Comparative Analysis with the EU". Em Anoushiravan Ehteshami, Daniela Huber e Maria Cristina Paciello (eds.) *The Mediterranean Reset: Geopolitics in a New Age*, West Sussex e Durham, Global Policy, 2017, p. 19.

hegemónica na região, algo visível nas dificuldades que apresenta na Guerra Civil do Iémen.<sup>141</sup>

A maior questão para esta falta de vontade em agir está, no entanto, no peso que o investimento militar representa no PIB americano e no descontentamento das populações árabe e americana. Como Emma Ashford refere<sup>142</sup>, nem tudo o que está a ocorrer no Médio Oriente é culpa das decisões estratégicas dos Estados Unidos, no entanto, as suas tentativas de redesenhar a região muito raramente chegaram ao objetivo final. Este esforço excessivo para defender os seus interesses numa região específica e o insucesso levou a que o próprio Estado desse uns passos atrás e agisse indiretamente, através dos seus aliados.

Esta nova política de ação externa, intitulada “Obama Doctrine” (durante a Administração de Barack Obama, de 2009 a 2017) era descrita como “no boots on the grounds”, ou seja, não haveria um envio de tropas americanas; a ação dos EUA seria através da não-intervenção direta, orientando os seus aliados no sistema internacional em prol de um interesse comum. Apesar deste anseio americano, o plano externo adotado concretizou-se na retirada de tropas de cenários importantes como o Iraque, em 2011, levando à dominação do Irão deste território.<sup>143</sup> Os EUA começaram lentamente, mas seguramente, a perder importância e capacidade de resposta no Médio Oriente. Para além dessa perda de resposta da sua parte, os EUA mostraram também uma incapacidade em escolher sabiamente os seus aliados, principalmente na Guerra Civil Síria, causando um mal-estar com, por exemplo, a Turquia, o seu parceiro

---

<sup>141</sup>“Moreover, the strategy of the US to shift its power from the Middle East to the Asia-Pacific resulted in a new rivalry of hegemonic power in the Middle East. Russia started to settle in the Middle East over the Syria crisis and adopted the strategy to replace the US in the region. On the other hand, the US administration implemented a strategy of maintaining its influence in the Middle East through its allies (...) Israel and Saudi Arabia. King Salman, who came to the throne in Saudi Arabia in January 2015, followed a hawkish policy and started the Yemen operation in March, which was a clear display of its ambition to become a regional hegemony in the Middle East. This started the rivalry of becoming the new regional hegemon of the Middle East between Iran and Saudi Arabia, the two historic rival powers of the region.”. Em Eksi, *Regional Hegemony Quests in the Middle East*, p. 134.

<sup>142</sup> Ashford, *Unbalanced*, p. 128.

<sup>143</sup> “The new foreign policy approach called as the Obama doctrine termed “leading from behind”, “directly non-intervention” and “no boots on the grounds” (...) with the total withdrawal of troops from Iraq in 2011 by the Obama administration, Iran achieved the dominant power position in Iraq.” Em Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 11.

na NATO, ao armar Curdos. Por ordem de Obama, a CIA (Agência de Inteligência Americana) começou a armar os rebeldes, assim como a fornecer equipamento de guerra. Tal como durante as suas intervenções externas quando era a única grande potência na região, os EUA continuavam a não ter a sensibilidade necessária para negociar multilateralmente com os atores da região:

This new foreign policy strategy of the US includes indirect intervention without direct presence in the field but through the local allies in the ground. In this framework, the US chose PYD (Partiya Yekitiya Demokrat in Kurdish; Kurdish Democratic Union Party/Units)<sup>144</sup> as its local ally in Syria (...) The joint actions of the US with PYD in Syria, which was declared to be a terrorist organization by Turkey, and even arming this group making PYD a kind of the US ally in Syria reached to a point to damage the relations of both countries.<sup>145</sup>

Os Estados Unidos e os Curdos têm uma relação longa que data desde a década de 20<sup>146</sup>. As Unidades de Proteção Popular (YPG), uma organização curda que funciona como braço armado do Partido da União Democrática, foram o principal aliado dos EUA no combate ao Estado Islâmico, chegando a controlar, aproximadamente, um terço do território sírio. Ainda que no início da Guerra Civil Síria não houvesse um acordo, os EUA ajudaram a fundar uma coligação capaz de lutar contra o EI e a YPG foi o grupo mais importante nesse combate. As relações foram sendo aprofundadas e, em maio de 2017,

---

<sup>144</sup> O Partido da União Democrática (Partiya Yekîtiya Demokrat, em curdo, PYD), é um partido curdo-sírio, formado em 2003. Com uma base nacionalista Curda e especialmente ativo no norte da Síria (zona fronteira com a Turquia), este não se encontra na lista de organizações terroristas da União Europeia (Ver: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:32020D1132&from=EN>) nem dos EUA (Ver: <https://www.state.gov/foreign-terrorist-organizations/>). No entanto, é um partido filiado do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) – partido este que é considerado terrorista pelos EUA e pela União Europeia, assim como é perseguido pela Turquia. A tensão sentida neste assunto entre a União Europeia, os EUA e a Turquia prende-se ao fato de que a Turquia tem ambos os grupos na sua lista de organizações terroristas e pretende que ambas as entidades o façam também.

<sup>145</sup> Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 112.

<sup>146</sup> Ver: Bryan R. Gibson, “The Secrets Origins of the U.S.-Kurdish Relationship Explain Today’s Disaster”, Site da Foreign Policy, 14 de outubro de 2019: <https://foreignpolicy.com/2019/10/14/us-kurdish-relationship-history-syria-turkey-betrayal-kissinger/> [Consultado a 05-06-2020].

os EUA declararam o voto de confiança dado às forças Curdas para conquistarem Raqqa, a zona onde o Estado Islâmico estava mais focado.<sup>147</sup>

A falta de vontade dos EUA em agir diretamente no Médio Oriente, através do envio de tropas, levou também a que a sua voz fosse cada vez menos ouvida no sistema regional e, conseqüentemente, na Guerra Civil Síria. A 21 de Agosto de 2013, foram reportados fortes bombardeamentos nos distritos de Jobar, Zamalka, Aln Tirma e Hazzah, na região de leste de Ghouta e, segundo ativistas dentro e fora do território, o governo utilizou gás tóxico nestes ataques. A OSDH (Observatório Sírio de Direitos Humanos) informou que morreram 635 civis, subindo, mais tarde, para 1700 mortes. Os Estados intervenientes na guerra pediram a investigação por parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas, enquanto o regime sírio negava a utilização de armas químicas. Em resposta a este ataque, os EUA, com o apoio da França, do Reino Unido e de outros Estados, ameaçaram usar a força militar contra o regime – a Rússia, a China e o Irão repudiaram a hipótese de um ataque. Após semanas de negociações, e os EUA, fazendo o total oposto da R2P, realizaram um acordo com a Síria sobre a utilização dessas táticas de guerra, tendo a Rússia a moderar. Nesse acordo, a Síria continuaria a sua relação comercial com a Rússia sem sofrer qualquer alteração, caso se compromettesse a destruir o seu inventário de armas biológicas e químicas.<sup>148</sup>

A bandeira escolhida pelos EUA, neste conflito, demonstra a limitação da sua capacidade de ação, visto que até a China e a Rússia, aliados da Síria, estavam contra a utilização dessas armas e queriam evitar uma intervenção americana no território sírio. As armas continuaram a ser utilizadas pelo regime sírio por diversas vezes e, em abril de 2017, já durante a Administração Trump, essas armas foram usadas na importante província de Idlib, o que levou, desta vez, a uma resposta direta por parte dos Estados

---

<sup>147</sup>Ver: Selcan Hacauglu, “Who Are the Syrian Kurds the U.S. is Abandoning?”, Site do The Washington Post, 15 de outubro de 2019: [https://www.washingtonpost.com/business/who-are-the-syrian-kurds-the-us-is-abandoning/2019/10/07/b0e75ed4-e919-11e9-a329-7378fbfa1b63\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/business/who-are-the-syrian-kurds-the-us-is-abandoning/2019/10/07/b0e75ed4-e919-11e9-a329-7378fbfa1b63_story.html) [Consultado a 06-06-2020].

<sup>148</sup> “Evidence of Syria’s use of chemical weapons against opposition forces in mid-2013 was responded by a US ultimatum and threat of military reprisals. Such reprisal, however, was prevented following a Russian-mediated agreement by which Assad would dismantle his chemical weapons inventory without affecting Russia’s continued arms supplies”. Em Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, p. 170.

Unidos. A Administração Trump ordenou o lançamento de mísseis e destruíram a base síria de onde essas armas tinham sido lançadas. Com esta medida, Donald Trump afirmou ter uma postura diferente da de Barack Obama em relação à política americana no Médio Oriente.

Despite the efforts of the Organization for the Prohibition of Chemical Weapons (OPCW) to evacuate and destroy Syrian Chemical Weapons, in 2015, Assad's regime unflinchingly continued the use of the chlorine and Mustard gas. (...) The April 4 2017 use of chemical weapons in the province of Idlib significantly meant the cross the "red line" for the U.S. The Trump administration (...) responded with 59 Tomahawk Missiles air strike against the Syrian air base from where chemical weapons were launched. (...) <sup>149</sup>

Com a continuação da escalada de violência na Síria e o surgimento de um novo ator, o autoproclamado EI (Estado Islâmico), os Estados Unidos assumiram outro compromisso na Guerra Civil Síria – a queda deste grupo terrorista. Temendo o fortalecimento do Estado Islâmico e dos movimentos jihadistas da região, os EUA e cerca de mais de dez Estados (incluindo a Austrália, o Reino Unido e o Canadá) formaram uma coligação para se oporem às suas ações. A 22 de Setembro de 2014, apoiados por várias nações árabes, os EUA lançaram ataques aéreos e navais contra diversos alvos do EI dentro da Síria marcando, assim, a primeira intervenção ocidental no conflito.<sup>150</sup> Aproveitaram também este momento para aumentar a transferência de mais fundos para armas e para treinar combatentes do Exército Livre da Síria.

O autoproclamado Estado Islâmico foi um fenómeno novo e único para todos os Estados. Este grupo jihadista anunciava ambições diferentes de outros grupos conhecidos, como a vontade de fundar um Califado e de providenciar um Estado social

---

<sup>149</sup> Yakubu, Falode e Britto, *The Pitfalls of Unilateralism*, p. 14.

<sup>150</sup> "The continued Syrian crisis further escalated with the rise of the Islamic State (IS) in mid-2014- self-declared Islamic Caliphate – which, within months, conquered a substantial territory in Iraq and Syria, including the major city of Mosul. The influx of thousands of foreign jihadists from Muslim and European countries joining the IS and the latter's extreme atrocities – especially against non-Muslim civilians – brought the US administration in August 2014 to mobilise a coalition of 14 Western and Middle Eastern countries willing to take part in fighting the IS, beginning a series of airstrikes on IS targets in Iraq and Syria." Em Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, pp. 170-171.

para os muçulmanos que estivessem inseridos nesse espaço. Tendo os EUA lutado durante anos contra grupos jihadistas no Médio Oriente, é natural que assumissem a responsabilidade de os derrotar. No entanto, como Emma Ashford refere,<sup>151</sup> a ameaça não era maior ou mais mortífera em comparação com a Al-Qaeda, por exemplo. Na verdade, nem sequer ocorreu um aumento de grupos jihadistas na região - o que se assistiu foi a filiação de vários grupos já existentes neste Califado.

Também Gause<sup>152</sup> alerta para a inconsistência da política externa americana no Médio Oriente. Assumindo uma passividade fora do comum na região, as suas decisões transparecem a dificuldade que encontrou em depreender que uma guerra superior e indireta ocorria aquando das intervenções que tomou na Guerra Civil Síria, a intitulada 'Nova Guerra Fria no Médio Oriente'. Assim, por vezes, os EUA optaram por ações políticas que se contradiziam, afetando a sua posição na região - não manteve um elemento comum agregador no seu apoio aos Estados do Médio Oriente, levando a que seja percecionado, por parte dos árabes, como um ator presente na região apenas para zelar pelos seus interesses. Um exemplo dessa contradição é a dicotomia americana de apoio/oposição a Estados apoiados pelo Irão. Os Estados Unidos optaram por apoiar o atual governo iraquiano, com uma base xiita e que sofre uma forma influência por parte do Irão, no entanto, na Guerra Civil Síria, decidiu colocar-se ao lado de islamistas sunitas, opondo-se ao governo alauita de al-Assad.

Outro exemplo claro da inconsistência da política externa americana foi o início das negociações com o Irão a propósito do seu plano nuclear. Esta negociação acabou por deixar os seus aliados árabes muito incomodados, pois não tinham procurado aprofundar as relações com o Estado iraniano devido à ameaça sentida quer por estes quer pelos EUA.<sup>153</sup> Devido à série de intervenções realizadas no início do século XXI no Médio Oriente e os resultados que daí advieram, os EUA reduziram a sua força militar direta para defender as posições políticas que têm demarcado durante anos, quer por motivos políticos (pressões internacionais e desconfiança por parte dos Estados árabes)

---

<sup>151</sup> Ashford, *Unbalanced*, pp. 130-140.

<sup>152</sup> Gause, *Beyond Sectarianism*.

<sup>153</sup> Mahdian, *Islamic Cold War*, p. 38.

quer económicos (grandes gastos económicos nas ações militares). O Estado americano não intercedeu para impedir a queda de Mubarak e, apesar de querer a destituição do regime de al-Assad, escolheu como principais ações o desmantelamento de armas químicas e biológicas sírias e a dissolução autoproclamado Estado Islâmico, na sua luta contra o terror.

Apesar da lenta transferência do foco americano do Médio Oriente para a Ásia Pacífico, os EUA continuam a manter interesses nesta região, como nas questões energéticas. De salientar que os gasodutos que partem do Golfo Pérsico passam pelo território sírio:

The trajectories of pipelines transporting natural gas reserves from the Persian Gulf to world markets are at the heart of the US-Russian interactions in Syria. The eventual formation of a Kurdish state covering northern Syria and Iraq is the prize as the pipelines traverse the new state's territory. An independent Kurdish state also means the insertion a new actor in the map of the Middle East, together with its prospects of being involved in territorial conflict with neighboring Turkey and perhaps Iran as well.<sup>154</sup>

Retirando al-Assad do poder, os Estados Unidos eliminariam um inimigo de peso e Estado-cliente da Rússia, assim como protegeriam o serviço energético. No entanto, Washington não encontrou opinião popular americana disposta a permitir outra grande intervenção no Médio Oriente, nem os fundos para tal. Mesmo tendo armado o povo Curdo, no sentido de lutarem pela sua independência, estes não conseguiram a manutenção dos interesses dos EUA na região e criou ainda desacordos com um aliado da NATO, a Turquia. O ambiente estratégico no Médio Oriente mudou e a abordagem americana não está adaptada para essas mudanças, colocando em risco os seus aliados na região e alimentando ainda visões anti-Occidente de grupos considerados radicais em Estados autocráticos.

---

<sup>154</sup> Serdar Güner e Dilan Koc Ezgi, "Shifting Balances of Power in the Syrian Conflict", *Turkish Policy Quarterly*, vol. 16, nº1, Junho 2017, p. 124.

Apesar destas incongruências gerais em matéria de política externa, é possível verificar-se uma diferença de postura entre Barack Obama e Donald Trump, em relação ao Médio Oriente. A assertividade que o último apresentou aquando da infração grave síria em relação às armas ilegais, demonstrou que o governo americano terá menos tolerância, ainda que continue a evitar envolver-se diretamente nos conflitos. Demonstrou também que já não está interessado em trabalhar com a Rússia em prol da estabilidade do Médio Oriente, devido maioritariamente aos danos que esta curta proximidade de interesses entre EUA-Rússia, durante a Administração Obama, fez nas relações americanas com os seus parceiros europeus<sup>155</sup> e árabes. Por fim, a última grande diferença que se consegue retirar desta mudança é a descrença na iniciativa de ação do Conselho de Segurança, voltando os Estados Unidos a uma posição mais proativa.

The strikes represent a dramatic shift in the Trump’s policy. At inception, it seemed that Trump wanted to work with Russia in Syria in order to clamp down on the Islamic state and accepted that Russia’s ally, the Assad regime, would stay in power. However, the strikes signify a change of America’s policy in Syria. America’s policy is no longer in sync with Moscow. A U.S. – Russia collaboration in the Middle East over Syria would have a negative Effect on US relations with its western allies such as Britain and France. (...) America’s unilateral intervention in Syria is an implication of the UN’s “foot dragging” procedures in the handling of aggression by one state against another. (...)<sup>156</sup>

Apesar da vontade dos Estados Unidos em gerar a mudança de regime na Síria, esta não estava a qualquer custo na mesa de negociação. Em certos cenários, a mudança de regime poderia ser pior do que o regime de al-Assad. No cenário atual, a Rússia ganhou bastante nesta guerra, algo díspar dos EUA – não tendo necessariamente a obrigação de reconstruir o Estado sírio, a Rússia mantém o seu porto em Tartus, assim como a sua

---

<sup>155</sup> Principalmente desde a ocupação da Crimeia por parte das tropas russas e de grupos separatistas pró-russa, em 2014, que as relações União Europeia-Rússia têm estado tensas. Após essa ação militar em território europeu (a Ucrânia), as relações tiveram outro momento acutilante, em 2018, quando o Estado russo foi acusado de tentar envenenar um ex-espião russo em solo inglês.

<sup>156</sup> Yakubu, Falode e Britto, *The Pitfalls of Unilateralism*, p. 15.



base área em Lataquia. Para além destes ganhos militares, mantém a importância política e simbólica que as relações Rússia-Síria representam no sistema internacional. Por fim, em termos económicos, a venda de armas ao governo sírio manter-se-á, assim como um possível favorecimento das empresas russas na reconstrução do território. Perante estas vantagens, a influência russa no sistema internacional e, mais concretamente, no Médio Oriente, aumentou exponencialmente, em detrimento da americana.

### **3. 3. 2. Turquia**

A Turquia, inicialmente vista como um exemplo no início da Guerra Civil Síria, foi perdendo fôlego ao longo do conflito em curso. Com um papel importante ao ceder parte do seu território como base para o Exército Livre da Síria e ao acolher milhares de refugiados, a Turquia começou a verificar que a guerra se arrastava e que não recebia suficiente ajuda internacional para o peso que a vaga de refugiados representava. Para além desse peso, surgiam também grupos sunitas radicais que constituíam um motivo de instabilidade para o próprio Estado, assim como o contínuo armamento dos Curdos, considerados uma ameaça.

Enquanto ator no Médio Oriente, a Turquia mudou a sua política externa por várias vezes. Kemal Atatürk, fundador da República da Turquia, tentou construir um Estado secular e mais próximo do seu passado cultural europeu, após a queda do Império Otomano. Para Atatürk, esta ocidentalização da sociedade era uma forma de modernização e reforço da identidade turca em comparação ao arabismo, não necessariamente uma emulação total da cultura ocidental.<sup>157</sup> Durante esta fase, a Turquia efetivamente não era vista como um ator de relevo na sua própria região, optando por não se envolver em questões do Médio Oriente nem contrabalançar com

---

<sup>157</sup> Aylin Ünver Noi, "A Clash of Islamic Models", *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 15, 2013, p. 96.

as potências médias, como o Irão e a Arábia Saudita – mesmo apesar do seu potencial económico, geopolítico e demográfico.

Com a ascensão do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP), em 2002, este isolamento regional findou. O AKP é considerado um partido conservador nos seus valores, reformista devido à sua vontade de alterar o modelo secular kemalista, e islamista, ambicionando um maior envolvimento do Islão no estado democrático, sem necessariamente estabelecer um Estado Islâmico.<sup>158</sup> Salloukh reforça ainda que o modelo da inserção do Islão na política por parte da Turquia poderá ser um modelo alternativo devido à sua originalidade, ao não utilizar conceitos como o sectarismo, como é visível na Arábia Saudita e o Irão.<sup>159</sup> Pouco após a ascensão do partido, os EUA realizaram a sua intervenção no Iraque, modificando a região e levando a um crescimento paralelo de importância política no Médio Oriente entre a Turquia e o Irão. Ambos motivados pela reconstrução do Iraque, o Irão queria envolver-se nas estruturas do Estado, que tem uma percentagem bastante significativa de população xiita; já a Turquia, esta queria evitar a formação de uma zona independentista curda na sua fronteira com o Iraque.<sup>160</sup>

Ao mudarem o foco do governo, votando no AKP, a política externa turca também sofreu consequências. Com a sua base islamista e mais conservadora, o Estado consegue agora comunicar mais facilmente com os atores da região *MENA* e, conseqüentemente, aumentar o seu espaço de ação. Esta nova política externa turca baseia-se em ter ‘zero problemas com os seus vizinhos’, ou seja, em melhorar as relações diplomáticas com os Estados fronteiriços. Como esperado, ao tentar normalizar as suas relações com a Síria,

---

<sup>158</sup> “The resulting need for a reformist-dominated Islamic party that would bring together both some “traditionalist” and “reformist” Muslim orientations ultimately led to the establishment of the AKP. (...) seek to replace the Kemalist model of secularism with a new one that would make more room for religion and democracy without establishing an Islamic state.” Em Noj, *A Clash of Islamic Models*, p. 97.

<sup>159</sup> Salloukh, *The Arab Uprisings and the Geopolitics of the Middle East*, p. 40.

<sup>160</sup> “The rise of Iran as a pivotal regional power paralleled the rise and growing involvement of Turkey in the Middle East. Shortly before the US-led invasion of Iraq, the rise of the Islamic AKP (Adalet ve Kalkinma Partisi – Justice and Development Party) to power in Turkey began a new era in the latter’s involvement in regional affairs (...) motivated by the American conquest and reconstruction of Iraq’s constitution and division of power which, in view of the consolidation of a Kurdish autonomous region, constituted a threatening prospect from a Turkish viewpoint of the emergence of a sovereign Kurdish state in northern Iraq, which Ankara is determined to prevent.” Em Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, p. 163.

o Irão e o Iraque, a Turquia provocou um desconforto a Israel, um dos seus aliados estratégicos na região. As relações com o Egipto também se degradaram, ao abrir canais de comunicação com atores da região como a Irmandade Muçulmana.

Optando por construir uma área de segurança circundante, a Turquia pode desenvolver-se em todos os planos, assim como agir mais livremente no Médio Oriente, sem receios de uma eventual violação de fronteiras soberanas. Trabalhando nesta rede de boas relações entre Estados, a Turquia está já indiretamente a exercer o papel que deseja no Médio Oriente – um ator construtivo, com boas ferramentas de *soft power* e capaz de resolver problemas na região através da diplomacia e mediação. As medidas pendem maioritariamente para acordos comerciais e também para ajuda humanitária aos Estados árabes com dificuldades, sem colocar em causa valores como a democratização (algo que os seus parceiros na NATO estavam mais céticos em ceder). Apesar do abandono da retórica da ‘promoção da democracia’, as formas de poder que a Turquia cada vez mais utiliza estão relacionadas com a manutenção de um sistema regional saudável, assim como um esforço adicional para agradar as populações árabes circundantes. De certa forma, mesmo afastando-se da postura ocidental, a política externa turca continua a cruzar-se bastante com esta, em matéria de mecanismos de ação e de objetivos.<sup>161</sup> Ainda que membro da NATO, a Turquia desistira de alinhar-se na totalidade com os Estados da União Europeia e com os Estados Unidos:

Ankara’s new approach, called “zero problems with its neighbors”, has aimed at normalizing and improving Turkey’s relations with Syria, Iran, and Iraq, as well as with Hamas. Unsurprisingly, the new policy caused a deterioration in Turkey’s relations with its former strategic ally Israel. (...) Turkey intended to play a

---

<sup>161</sup> “Turkey’s foreign policy has refrained from adopting the rhetoric of “democracy promotion”, employing instead a non-interventionist approach due to its close relations with authoritarian regimes in its larger neighbourhood and its concerns about the internal stability within its own borders. (...) Yet is increasingly involved in activities that promote democracy at both governmental and civil society level. (...) Overall, it would be difficult to deny the overlap between the declared objectives of the EU and Turkey with respect to the neighbourhood policy, which is to “achieve greater integration with their geographic neighbours in order to foster a friendly, peaceful, stable and prosperous neighborhood”.” Aybars Görgülü e Gülsah Dark, “Turkey, the EU and the Mediterranean: Perceptions, Policies and Prospects”. Em Anoushiravan Ehteshami, Daniela Huber e Maria Cristina Paciello (eds.), *The Mediterranean Reset: Geopolitics in a New Age*, East Sussex e Durham, Global Policy, 2017, p. 128.

constructive role in the region primarily through the exercise of its “soft power” (...) **Ankara’s new policies in the MENA since 2002 amount to an “axis shift” and represent a break from the Western-centric policies that it pursued in the Cold War era.**<sup>162</sup>

A entrada turca na Guerra Civil Síria deu-se a 22 de junho de 2012, quando um caça turco F-4 foi derrubado por forças do governo sírio, que admitiu o incidente, alegando que a aeronave voava sobre águas territoriais a apenas 1 quilómetro da costa quando foi atacado por artilharia antiaérea, perto de Om al-Tuyour. A 3 de Outubro do mesmo ano, tiros de artilharia pesada vindo da Síria atingiram a cidade de Akçakale e morreram 5 cidadãos turcos. Em resposta, a Turquia, sob a alçada da NATO, atacou alvos militares em território sírio, marcando a primeira intervenção direta turca no conflito. No final de 2013, era possível confirmar que Ancara mudara o principal foco de remover al-Assad do poder para limitar os efeitos políticos que a Guerra Civil Síria estava a apresentar na Turquia.<sup>163</sup> As ações em território sírio demonstravam também a falta de vontade em usar a sua força militar unilateralmente e sem apoio no conflito; todos os esforços eram realizados principalmente no sentido de controlar a força dos Curdos.

Era já claro para a comunidade internacional que existiam desacordos entre os aliados da NATO, especialmente entre os EUA e a Turquia, o que levou a acordos estratégicos deste último com a Rússia. Com um interesse energético comum, a cooperação em relação ao gasoduto que atravessa ambos os Estados começou a ganhar contornos.<sup>164</sup> Estes acordos focavam-se também no que passou a ser a prioridade turca na Guerra Civil Síria – o povo Curdo. Inimigo do regime de Damasco, mas,

---

<sup>162</sup> Noj, *A Clash of Islamic Models*, p. 101. Sublinhado do autor.

<sup>163</sup> As relações entre a Turquia e a Síria pautam-se pela turbulência, indo totalmente contra o princípio turco de ‘0 problemas com os vizinhos’. Os esforços realizados entre os Estados no período anterior à Guerra Civil Síria rapidamente perderam a sua importância, quando o Estado turco começou a sentir alguma instabilidade interna. Com o desinteresse de al-Assad em fazer mais reformas governamentais no governo sírio, desprezando os conselhos da Turquia, e o fluxo de refugiados a aumentar, a Turquia cortou relações com a Síria. Mais tarde, começou a apoiar a oposição ao regime.

<sup>164</sup>“Turkey and Russia have started to cooperate especially concerning the issue of energy and the natural gas pipeline called the Turkish Stream, which connects both countries. Only a dramatic event interrupted the rapprochement between Russia and Turkey. This was the Turkish decision to down a Russian warplane along the Syrian-Turkish border.” Em Güner e Koç, *Shifting Balances of Power in the Syrian Conflict*, pp. 125-126.

principalmente, de Ancara, ainda que desejando desenlaces diferentes quanto ao conflito, o povo Curdo apresentava uma ameaça para os interesses de ambos, devido ao seu desejo separatista:

(...) The US and Turkey disagree on the issue of helping Syrian Kurds militarily so that they can be of use in fighting against the so-called Islamic State (...) Russia and Turkey are now cooperating in contrast to the hostility experienced following the Turkish downing of a Russian fighter jet. And while the US and Russia oppose each other on the issue of world energy distribution, they harbor aligned interests with respect to helping and cooperating with Syrian Kurds (...)<sup>165</sup>

Contrário aos desejos da Turquia, o PYD, um partido curdo-sírio e independentista, começou a ganhar cada vez mais protagonismo da Guerra Civil Síria. Foi o primeiro elemento opositor a lutar contra grupos vistos, por parte do sistema internacional, como jihadistas – em novembro de 2012, com o Jabhat al-Nursa. Também foi um ator primordial na resistência ao autoproclamado Estado Islâmico, despertando o interesse americano nas suas capacidades. Esta proteção oferecida pelo seu principal parceiro ocidental preocupa a Turquia, que persegue já por várias décadas o Partido dos Trabalhadores do Curdistão, um partido turco e curdo, ainda que tenha uma essência e mecanismos diferentes do Partido da União Democrática.<sup>166</sup>

Para o Estado turco, os Curdos utilizaram o pretexto da luta contra o Estado Islâmico como forma de se inserirem mais no norte da Síria, de forma a exigir a autonomia desta zona e, conseqüentemente, passar as forças independentistas para a fronteira turca, criando um enclave Curdo. O esforço da Turquia em dismantelar este inicial proto Estado Curdo entre fronteiras explica a indignação sentida em relação ao armamento americano deste ator local. A formação de um Estado Curdo significaria a

---

<sup>165</sup> Güner e Koç, *Shifting Balances of Power in the Syrian Conflict*, p. 124.

<sup>166</sup> “A ameaça constante do Estado Islâmico e a sua atuação tanto contra o governo tanto contra os rebeldes da região foram um fator preponderante para a assunção do movimento Curdo como agente de caráter internacional na guerra da Síria. A resistência curda na região de Kobane contra o ISIS, durante o período de setembro de 2014 a janeiro de 2015, fez com que ISIS perdesse parte de seus territórios conquistados e aproximou a comunidade curda de Raqa, a capital do califado. Essas ações geraram um apoio dos EUA que viu nos Curdos uma força com condições para fazer frente ao EI.” Em Souza, Peixoto, Correa, Ciscotto e Santos, *A Guerra Civil na Síria*, pp. 6-7.

inserção de um novo ator no Médio Oriente, capaz de participar na balança de poder na região e, possivelmente, entrar em confrontos com a Turquia, o Irão e o Iraque, Estados com um elevado número de Curdos.

Finalmente, graças ao Acordo Russo-Americano, no fim de agosto de 2016, a Turquia envolveu-se diretamente na Guerra Civil Síria, enviando forças terrestres para a fronteira e lançando ataques contra posições do EI. Aquando das campanhas aéreas dos outros atores externos no início de 2017, a Turquia contribuiu mais em matéria terrestre, ajudando parte das forças de oposição contra os jihadistas presentes em Aleppo. Estas campanhas no norte e leste do país, foram acompanhadas pelos ataques americanos e russos. A 17 de Outubro desse mesmo ano, a liderança militar curda proclamou a retomada de Raqqa, uma grande derrota do EI. Com as tensões sentidas a norte, no início de 2018, o governo turco ficou preocupado com o crescimento de poder das Forças Democráticas Sírias, encabeçadas pelos Curdos, que desejam libertar o norte da Síria da presença do EI mas, na verdade, ocupavam também áreas chave na zona fronteiriça com a Turquia. Em janeiro, a força aérea turca bombardeou essas milícias em Afrin, a norte de Aleppo; no dia 20, cruzaram a fronteira e capturaram vários vilarejos, tendo sido tomada em março, marcando uma importante vitória militar para a Turquia. Estas ações foram acauteladas pelas potências ocidentais e Rússia, que pediram para não haver uma escalada de violência por parte dos turcos; já o governo de al-Assad, condenou a investida militar.

Parte desta fragmentação e dificuldade em unir esforços entre os grupos de oposição ao regime sírio explica-se pelo fato de os Estados intervenientes na guerra estarem mais focados em apoiar o seu “proxy” do que necessariamente em criar canais de comunicação. Os grupos multiplicaram-se e passaram a receber financiamentos cada vez maiores, vindos de atores que desejavam vencer a Guerra Civil Síria.<sup>167</sup> O autoproclamado Estado Islâmico acabou por ser o único ator na guerra que não tinha o apoio declarado de nenhum Estado. Entre a Rússia, os Estados Unidos e a Turquia, há um triângulo de alianças na Guerra Civil Síria, onde contrabalançam os seus interesses

---

<sup>167</sup> Ashford, *Unbalanced*, p. 140.

com as oposições que podem realizar no terreno, como questões jihadistas ou energéticas, alimentando o estado de guerra por procuração:

While they are NATO allies, the US and Turkey disagree on the issue of helping Syrian Kurds militarily so that they can be of use in fighting against the so-called Islamic State of Iraq and Syria (ISIS). Russia and Turkey are now cooperating (...) and while the US and Russia oppose each other on the issue of world energy distribution, they harbor aligned interests with respect to helping and cooperating with Syrian Kurds, a move which alienates Turkey.<sup>168</sup>

A Turquia, após anos de guerra, está desgastada pelos contínuos desafios na sua política externa. Ao envolver-se mais na dinâmica do Médio Oriente, viu-se rodeado de problemas, como a defesa das suas fronteiras, algo quase impossível durante a crise síria devido à permeabilidade das áreas fronteiriças, especialmente as Curdas. O desgaste surge também graças aos esforços de guerra contra o Estado Islâmico e o povo Curdo, e os apoios internacionais bastante irregulares, devido principalmente aos desentendimentos com os Estados Unidos. Sendo dois aliados da NATO, não conseguiram coordenar-se na Guerra Civil Síria por apresentarem interesses necessariamente diferentes – apesar de ambos não apoiarem o regime de Bashar al-Assad e considerarem o EI um problema no sistema regional, as suas ações divergiram, especialmente em relação aos Curdos, apoiados diretamente pelos EUA. Este apoio americano terminou apenas durante a Administração Trump, que decidiu retirar o apoio aos Curdos, deixando-os à mercê do governo turco. Também a proximidade da Turquia com a Rússia neste conflito dificulta o bem-estar entre os aliados. Anos após o abate do caça russo por parte da Turquia, os Estados turco e russo coordenaram as suas posições e encontram-se ativos no processo de paz de Astana.

Apesar destes desacordos, o Estado turco continua a ser fundamental para todos estes atores – pela sua fronteira natural com o Irão, Iraque e Síria, pelos estreitos de

---

<sup>168</sup> Güner e Koç, *Shifting Balances of Power in the Syrian Conflict*, p. 124.

Bósforo e Dardanelos,<sup>169</sup> pelo corredor energético que representa para a Europa.<sup>170</sup> Ancara continuará a trabalhar com Moscovo, visto que seria do interesse de ambos e também de Damasco de evitar a formação de um enclave curdo na zona.<sup>171</sup>

### 3. 3. 3. O Irão

O sistema político da República Islâmica do Irão é extremamente complexo devido à coexistência de princípios democráticos, num governo descentralizado, com ideias autoritárias e baseadas nas autoridades religiosas. Estes dois elementos estão em constante confronto nesta teocracia, na busca por mais poder. Devido a esta dicotomia, por vezes, as decisões tomadas pelo governo não são necessariamente as melhores, apenas as conseguidas num determinado momento de negociação entre os vários elementos da democracia:

Iran's political system is extremely complex. Both democratic and authoritarian principles coexist uneasily in the constitution of the Islamic Republic. Iran is technically a theocracy, but clerical and secular authorities share power in a way that guarantees constant competition. (...) As a result, the liberalization process has been highly contested, moving forward when the reformers are stronger than the conservatives and moving backward when the situation is reversed.<sup>172</sup>

---

<sup>169</sup> "Serves as NATO's vital eastern anchor, containing (...) the Straits of the Bosphorus and Dardanelles, which link the Black Sea with the Mediterranean (...) this geostrategic importance was emphasized in US operations in Iraq and Afghanistan (...)" Em Isaac e Kares, *American Discourses and Practices in the Mediterranean Since 2001*, p. 15.

<sup>170</sup> "(...) Europe's energy security through the Baku-Tblisi-Ceyhan and the South Caucasus gas pipelines, which according to Washington "can change Eurasia's strategic map" by offering "Europe" gas supplies that "will allow diversification away from a deepening European reliance on Gazprom" (...)" op. cit., p. 15.

<sup>171</sup> "(...) bilateral relations among Russia, Turkey, and Syria can transform into mutual friendships under one condition: Turkey coexists with an unchanged Syrian regime that prevents Kurds from creating a separate enclave. Such a modus vivendi can be achieved through Russian mediation and diplomacy (...)" Em Güner e Koç, *Shifting Balances of Power in the Syrian Conflict*, p. 127.

<sup>172</sup> Nora Bensahel, "Political Reform in the Middle East". Em *The Future Security Environment in the Middle East: Conflict, Stability, and Political Change*, Santa Mónica, Califórnia, RAND Corporation, 2004, pp. 39-41.



Antes da Primavera Árabe, a aliança mais importante do Teerão era o Hezbollah, um ator regional não estatal. As relações com a Síria eram um tanto turbulentas, visto que Ayatollah Khomeini, responsável para Revolução Iraniana, não apreciava o regime nacionalista de Hafez al-Assad. Foi apenas com a morte do primeiro que a diplomacia iraniana se tornou menos focada na exportação da sua natureza revolucionária, passando a desenvolver relações mais diplomáticas no Médio Oriente. Para Ayatollah Khomeini, qualquer Estado muçulmano que aceitasse as fronteiras implementadas durante a época do colonialismo, não estava suficientemente dedicado ao Islão ‘verdadeiro’, supostamente praticado pelo governo islamista do Irão. Assim, os elementos que apresentava em comum com a Síria eram simples – eram inimigos de Israel e de Saddam Hussein.

(...) Since the 1979 revolution, Iran’s foreign policy and outreach in the MENA has been based on the revolutionary vision of Ayatollah Khomeini. (...) He attributed the Muslim countries’ acceptance of these borders and their self-interested behavior to their adherence to “American Islam” and lack of commitment to true Islam, which was embodied in the Islamic government of Iran.<sup>173</sup>

Este fôlego na sua política externa justifica-se pela falta de oportunidade que o Irão sentiu para exportar o seu modelo governativo, na época.<sup>174</sup> Hussein tinha um ‘pulso de ferro’ no seu território, não permitindo uma insurgência xiita patrocinada pelo Teerão e o Afeganistão, Estado fronteiriço do Irão e governado pelo regime Talibã, que era hostil ao modelo governativo deste ator. As minorias xiitas dos Estados do Golfo Pérsico, ainda que politicamente prejudicadas pelos governos sunitas, foram compensadas economicamente graças aos investimentos feitos em ação social com petrodólares. Assim, em termos geopolíticos, o Irão estava isolado no sistema internacional, contra uma superpotência e sem grande apoio por parte da região em

---

<sup>173</sup> Noj, *A Clash of Islamic Models*, pp. 93-94.

<sup>174</sup> “In a different manner, Tehran established a strong state-to-state alliance with Ba’athist Syria. This alliance was based not on common values – the secular, Arab nationalist regime of Hafez al-Assad could not have been to the liking of Ayatallah Khomeini – but on common enemies, Israel and Saddam Hussein’s Iraq. In general, however, Khomeini’s dream of spreading the Islamic revolution throughout the Muslim world, beginning in the Middle East, failed.” Em Gause, *Beyond Sectarianism*, p. 12.

que se inseria – região essa que não partilhava nem a sua base cultural nem a sua língua; nem sequer o mesmo ramo do Islão, pela larga maioria.

Iran is a semi-landlocked country, which is only connected to the Persian Gulf in the south. Iran is located along Asia's important commercial and military routes and in the past was served as a bridge between Asia and Europe. Although Iran is successful in maintaining its cultural identity, it does not have any natural friends. Iran's sense of isolation has affected Iran's external behavior.<sup>175</sup>

O Irão foi compensado, em termos de política externa, pelas intervenções ocidentais na região e consequentes enfraquecimentos dos regimes árabes. O governo iraniano foi ganhando espaço de manobra no Líbano, com o grupo Hezbollah, na Síria, com o regime de al-Assad, e no Iraque, com a queda de Saddam Hussein – avanços significativos que não tinham sido conseguidos durante a sua fase mais revolucionária. A intervenção no Afeganistão também desestabilizou um Estado vizinho, retirando do poder um grupo fundamentalista islâmico sunita e, em termos de atores não-governamentais, contava ainda com o Hamas, na Palestina.

Este enfraquecimento generalizado dos governos e atores árabes no Médio Oriente, somando à típica permeabilidade dos Estados, levou a que, durante a presidência de Mahmoud Ahmadinejad, o Irão começasse a construir uma rede externa com a população xiita dos Estados afetados.<sup>176</sup> A primeira grande demonstração dessa influência aconteceu durante a Guerra do Líbano de 2006, levando mesmo a Estados parceiros árabes a demonstrarem o seu desagrado pelas ações do Hezbollah e Hamas, que alimentaram as rivalidades sectárias já existentes:

Furthermore, the rise of the Iraqi Shi'is to power boosted Iran's geopolitical stature in the region, in addition to its increased involvement in Lebanon through the Shi'i Islamists movement of Hizballah and among the Palestinians through Hamas and

---

<sup>175</sup> Mahdian, *Islamic Cold War*, p. 14.

<sup>176</sup> "Ahmadinejad not only returned revolutionary tropes to Iran's declaratory foreign policy, he also was able to take advantage of regional changes, like America's war with Iraq in 2003, to vastly expand Iran's regional power and he pushed the development of Iran's nuclear infrastructure (...)". Em F. Gregory Gause III, "Revolution and threat perception: Iran and the Middle East", *International Politics*, vol. 52, nº5, 2015, p. 643.

the Islamic Jihad (...) further deepened the rivalries between the Sunni Arab States, led by Egypt and Saudi Arabia, and Shi'i Iran. Repeated provocations and consequent Israeli military operations against the latter's proxies resulted in unprecedented condemnation of Hizballah, for igniting the second Lebanon war of July 2006, and harsh critique of Hamas, for its failure to accept the prolongation of the ceasefire with Israel (...).<sup>177</sup>

Capaz de assumir o papel de poder regional e totalmente ciente que não teria o apoio dos Estados árabes sunitas, aproveitou a desregulação da região após o desaparecimento da relevância geopolítica de Estados como o Iraque e produziu uma atual ideologia sectária xiita, apelando à revolta e participação no '**Crescente Xiita**'.<sup>178</sup> A divulgação da propaganda iraniana, um Estado com o Islão Político implementado há décadas e que financia grupos sectários e revolucionários, numa população frustrada pelos seus problemas domésticos, apenas alimentou o ambiente inflamável no Médio Oriente, afetando a estabilidade da região. A população xiita da região foi monopolizada em prol dos objetivos políticos do Irão, em parte também devido ao sectarismo extremo dos movimentos salafistas,<sup>179</sup> que provocaram desinteresse na população muçulmana desejosa, mais uma vez, por uma comunidade islâmica geral, tal como o Ayatollah Khomeini defendeu em décadas anteriores.

O maior desconforto desta situação surgiu da Arábia Saudita, o Estado antagónico, em termos sectários. Representando a comunidade sunita mundial, o primeiro objetivo do Estado saudita era destruir a aliança síria-iraniana devido ao eixo

---

<sup>177</sup> Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, p. 163.

<sup>178</sup> "The Shia Crescent concept was first coined by King Abdullah of Jordan. The King made a statement in 2004 and said that the Sunni Arab countries were encircled by the Shia Crescent extending from Iran to Lebanon covering Iraq and Syria. Similarly, Hosni Mubarak, the former presidente of Egypt state on a TV channel in 2006 that the Shia population living in the Middle East felt commitment towards Iran more than the countries they lived in. (...) The main reason of Iran to develop a foreign policy generally over the Shia people is based upon the idea that it cannot win the support of the Sunni states in its strategy of regional leadership.". Em Eksi, *Regional Hegemony Quests in the Middle East*, p. 141.

<sup>179</sup> "Salafi movements are extremely sectarian, at times promoting genocidal 'takfiri' ideas, that unbelievers or apostates can be expelled or killed. At time of political conflict they stress tribal divisions, such as between Sunni and Shia, a narrative often adopted by their western sponsors.". Tim Anderson, "Lessons from the Iranian Revolution". Em Cultural Section of the Embassy of the Islamic Republic of Iran (eds.), *The Islamic Revolution of Iran: from the viewpoint of Australian Scholar*, Camberra, Austrália, 2015, p. 22.

geográfico que formam no Médio Oriente. Apesar do aumento da influência iraniana nas sociedades árabes com minorias xiitas na região, o Líbano e o Iraque estavam num cenário de guerra civil – a Síria, antes das ondas de manifestações, não estava, e programava, juntamente com o Irão e o Iraque, uma oleoduto.<sup>180</sup> Ao tentar impedir uma maior relação entre estes Estados, a Arábia Saudita esperava evitar um esforço conjunto de maior exportação de propaganda xiita e de envolvimento do Irão nos Estados circundantes. O receio saudita era real e justificado, devido à possibilidade de exportação do modelo político iraniano, no entanto, os seus esforços não foram bem-sucedidos.<sup>181</sup>

A Primavera Árabe foi a continuação da onda de ‘boa sorte’, em matéria de política regional, do Irão. A república islâmica apoiou a natureza islamista das manifestações, principalmente nos Estados do Golfo com uma população xiita significativa, como o Bahrain. Aos olhos do Estado iraniano, a Primavera Árabe era uma oportunidade para voltar a promover o Islão Político e também arrastar Estados marcadamente sunitas, mas com populações descontentes com os seus governos conservadores ou nacionalistas para a sua rede de aliados. Ao intitular a Primavera Árabe de “Islamic Awakening”, uma expressão utilizada na Revolução Iraniana, o Irão criou uma associação entre o que aconteceu no seu território e nos países revoltosos, ou seja, parte dos créditos em relação a esta mobilização no Médio Oriente têm de ser dados ao Irão.<sup>182</sup> Subitamente, a rede diplomática do Teerão duplicara por uma série de

---

<sup>180</sup> “The first objective of Saudi Arabia is to destroy the Syrian-Iranian alliance. Since the U.S. invasion in Iraq, the Lebanon War in 2006 and the Iran-Iraq-Syria pipeline program strengthened ties between Iran and Syria.”. Em Madhian, *Islamic Cold War*, p. 32.

<sup>181</sup> The Saudi Arabian view of Iran since the establishment of the Islamic Republic in 1979 has been heavily influenced by the fear of Iran’s ability to ‘export’ its revolution in the Arab world generally and even within the Shia community of Saudi Arabia itself. That fear is not based on misperceptions. Ayatollah Khomeini was explicit about his desire to see the regime in Saudi Arabia disappear.”. Em Gause, *Revolution and threat perception*, p. 643.

<sup>182</sup> This implies, taking the time span between Iran’s revolution and the “Islamic awakening” into account, the people of these countries are following the exemple of Iran; thus, the credit for the uprising in the countries must go to Iran (...). Anoushiravan Ehteshami, Ariabarzan Mohammadi, “Saudi Arabia's and Qatar's Discourses and Practices in the Mediterranean”. Em Anoushiravan Ehteshami, Daniela Huber e Maria Cristina Paciello (eds.), *The Mediterranean Reset: Geopolitics in a New Age*, West Sussex e Durham, Global Policy, 2017, p. 91.

motivos que não estavam ao seu alcance – problemas económicos crónicos, governos autocráticos e corruptos, desconfiança em relação aos aparentes parceiros ocidentais.

Economic dysfunction, political autocracy, and a general sense of “humiliation” at the hands of Western nations has contributed to a general resurgence of political Islam in the MENA resulting in the increased popularity of Iran and its leaders. (...) Meanwhile, other Sunni countries and forces, such as Syria, Qatar and Hamas, had various motivations in joining the axis of Shiite Iran, the “Resistance Camp”.<sup>183</sup>

Assim, é possível enunciar que não é o sectarismo em si que cria o conflito, mas sim os choques na balança de poder da região, onde são utilizados chavões como o sectarismo para mobilizar o povo para uma causa. No futuro, os interesses dos Estados continuarão ligados (e a serem uma moeda de troca nesta “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”) devido à inevitável base cultural partilhada. Uma das maiores diferenças não se encontra na retórica, mas sim na prática – como é que cada Estado comunica e convive com os poderes internacionais presentes na região.

Com esta nova fluidez no sistema geopolítico do Médio Oriente, o Irão pode agora assumir um papel central na região, algo impossível num mundo bipolar. A fluidez aplica-se também aos novos parceiros que ganhou ao envolver-se na Guerra Civil Síria, como atores não-estatais e grupos militares que lutaram ao lado do Irão e do exército sírio no conflito.<sup>184</sup> Desde o início da Guerra Civil Síria que o Irão apoiava publicamente o regime de Bashar al-Assad. Apoiando financeiramente, o governo enviou ainda forças especiais, a Guarda Revolucionária Iraniana, para treinar o exército sírio e cooperar no terreno de guerra. O Irão enviou ainda equipamento militar e bens necessários através de pontes aérea.

---

<sup>183</sup> Noj, *A Clash of Islamic Models*, p. 100.

<sup>184</sup> “With regard to Syria, before the Arab Spring, Iran’s main point of reference in Syria was President Bashar al-Assad and the Syrian government. Iran did not pay much attention to the non-state organizations in Syria mainly because they were either under the control of the government or too weak to be considered as important actors in the country. Yet, after the civil war in addition to Assad’s regime Iran has established relations with some groups that fight alongside Iran and the Syrian army (...)” Em Ehteshami e Mohammadi, *Saudi Arabia’s and Qatar’s Discourses and Practices in the Mediterranean*, p. 97.

Apesar destas vantagens que as mudanças no Médio Oriente trouxeram para o Irão, os problemas futuros rapidamente surgirão. A Síria, o seu aliado mais importante, está destruído e será um peso económico para o Irão durante anos. As flutuações de preços do petróleo também afetam mais a economia iraniana em relação à saudita, devido às reestruturações económicas que o Irão sofreu aquando da Revolução Iraniana.<sup>185</sup> Em termos territoriais, a força que os Curdos ganharam durante a Guerra Civil Síria também é do desagrado do regime islâmico, que tem no seu território regiões curdas, tal como no Iraque. A força que esta minoria teve durante o confronto pode inspirar Curdos de outros Estados a revoltarem-se, tal como minorias iranianas.

Quando analisando o “Eixo da Resistência”<sup>186</sup>, considera-se o Irão como o membro mais poderoso e com um papel mais central na atual região do Médio Oriente. No geral, apesar de estar geopoliticamente numa possível melhor posição em relação à Arábia Saudita, o Irão continua consideravelmente isolado e sem o conforto económico que necessita para continuar a ser, a longo prazo, uma potência regional e, no futuro, a potência hegemónica do Médio Oriente. A política externa iraniana terá de se adaptar às suas limitações, optando por uma política mais realista, capaz de criar uma zona fronteiriça estável e segura, de forma a crescer economicamente, e não focada na expansão.<sup>187</sup> Nesta “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”, o Irão já carrega parte das

---

<sup>185</sup>“Iran certainly has problems. Its Syrian ally is an increasing burden and will be for some time. Lower oil prices hurt Iran more than the Saudis because Tehran does not have the financial cushion that Riyadh built during recent years of high oil prices.” Em F. Gregory Gause III, “Ideologies, Alignments, and Underbalancing in the New Middle East Cold War”, *Politics Symposium*, vol. 50, nº2, 2017, p. 672.

<sup>186</sup> O termo “Eixo da Resistência” refere-se à aliança política informal entre o Irão e a Síria, Estados do Médio Oriente e outros atores não-estatais como o Hezbollah. O que une, em grande parte, estes atores, é a oposição a Israel e às ações de Estados Ocidentais, através da NATO, na região. São um exemplo de formação de aliança no Médio Oriente graças a um conjunto limitado de interesses em comum, apesar das divergências ideológicas que apresentam e que, noutros campos, geram uma confrontação – por exemplo, as diferenças existentes entre os modelos políticos seguidos pela Síria e pelo Irão. O termo começou a ser utilizado após George W. Bush ter-se referido ao Irão, Iraque e Coreia do Norte como “Eixo do Mal”, aquando dos ataques de 11 de setembro. Após a primeira utilização desta expressão, meios de comunicação da MENA começaram a apontar estes mesmos Estados como um “Eixo da Resistência” contra a unipolaridade americana no sistema internacional. O termo foi-se camuflando e, anos após a sua primeira utilização, traduz-se num esforço político-militar de um número de atores do Médio Oriente que conseguiu modificar estrategicamente a região, especialmente a coordenação entre a Síria e o Irão.

<sup>187</sup>“(…) more defensive and realistic policy rather than expansionist (...) Iran’s goals are on the one hand to create a secure and stabilized region around her borders and creating economic opportunities to have a strategic progresso (...)” Em Ehteshami e Mohammadi, *Saudi Arabia’s and Qatar’s Discourses and Practices in the Mediterranean*, p. 87.

ambições do povo árabe, ao financiar e apoiar militarmente o Hezbollah e o Hamas durante algum tempo<sup>188</sup> – precisa de utilizar de forma inteligente as suas capacidades, que não são particularmente convencionais, para manter a sua relevância num sistema multipolar.

Through all this the role of Iran has been pivotal, as the most powerful member of the regional Axis of Resistance. (...) its Islamic character must be seen as the genuine expression of legitimate, historical self-determination processes in that country. Second, the political Islam of Iran, being independent, popular, anti-sectarian and anti-imperial, differs markedly from the collaborationist and sectarian political Islam of the Saudis and other Salafis (...) Finally, the Islamic republic plays a key, counter-weight role in the region, and in the world, in counter-hegemonic and counter-imperial strategies, including the construction of a multipolar world.<sup>189</sup>

### 3. 3. 4. A Rússia

Apesar do Médio Oriente não ser a região prioritária para a política externa russa, esta teve sempre um papel importante, especialmente quando associada à própria perceção da Rússia e do seu estatuto no sistema internacional enquanto superpotência.<sup>190</sup> A importância que a Rússia tem, em termos geopolíticos e económicos, moldou desde sempre a sua estratégia, marcadamente realista e centralizada.

Após a dissolução da URSS, a Rússia teve de delimitar os seus novos objetivos de política externa e, até agora, tem sido particularmente difícil para o Ocidente depreender destes uma visão mais concreta e específica, assim como a duração desta. A falta de uma planificação pormenorizada em matéria externa demonstra que a Rússia

---

<sup>188</sup> “So, today, one way to interpret Iran’s moral, financial and military support for Hizballah (and, to a lesser extent, Hamas) is to see the Islamic Republic fishing in troubled waters among Arab populations agitated by anti-Israel and anti-US sentiment.” Em Valjborn e Bank, *Signs of a New Arab Cold War*, p. 10.

<sup>189</sup> Anderson, *Lessons from the Iranian Revolution*, pp. 32-33.

<sup>190</sup> Pedro, *How Does Russia Conceive of the Mediterranean Spaces in Its Official Discourse and Narratives? A Critical Discourse Analysis*, p. 48.

tem uma forma de ação mais baseada em questões funcionais, procurando constantemente vantagens económicas, militares e políticas, a curto prazo, de forma a reduzir as vantagens, também curtas, que os seus adversários possam ter. Nesta forma de produzir matéria de política externa, o Estado russo está sempre dependente das oportunidades que lhe surjam e dos recursos que tem à sua disposição no exato momento das tomadas de decisão.<sup>191</sup>

A política russa no Médio Oriente, inicialmente, pautou-se pela capacidade de negociar questões comerciais, mediar confrontos, promover a estabilidade da região e, no geral, um prestígio visto pela lente do sistema internacional. Este prestígio advém do fato de ser um ator secular e sem uma base política marcadamente ideológica, conseguindo criar pontes de comunicação com mais atores da região comparativamente ao Ocidente:

Russian foreign policy in the Middle East was driven by international prestige, trade, and regional stability. (...) Russia views its own foreign policy towards the Middle East as secular and, since the end of the Cold War, non-ideological. Russia believes it can and does speak to any and all parties in the region, except for the Islamic State. (...) Russia believes this to be an advantage it has over the West.<sup>192</sup>

Apesar do seu aumento de influência no Médio Oriente e aparentes qualidades, os governos da região continuam a manter uma distância de segurança em relação à Rússia. Devido à grande facilidade de comunicação entre o governo de Vladimir Putin e os seus diversos parceiros, torna-se difícil passar dessa parceria para uma aliança mais fiel e duradoura e, tal como durante a “Guerra Fria Árabe”, na base da interdependência,

---

<sup>191</sup> “Russia has goals, but to Western observers they appear to be either transactional or, in the longer term, generalizable to the point that they constitute broad precepts rather than global, regional, or state-specific strategies. This perception is at least partly accurate. We contend that while Russia may not have a clear ends-driven regional strategy, its actions suggest it is applying a generalized, functional strategy: It constantly seeks to improve its short-term economic, military, and political advantages while reducing the short-term advantages of prospective adversaries. This is a resource- and opportunity-dependent approach.”. Em James Sladden, Becca Wasser, Ben Connable e Sarah Grand-Clement (eds.), *Russian Strategy in the Middle East*, RAND Corporation, 2017, p. 2.

<sup>192</sup> Sladden, Wasser, Connable e Grand-Clement (eds.), *Russian Strategy in the Middle East*, p. 3.



confiança e segurança regional.<sup>193</sup> Por exemplo, analisando atores estatais com relevo na Guerra Civil Síria, a Rússia e o Irão apoiam o governo de al-Assad, no entanto, têm uma relação baseada no desagrado e desconfiança pelas suas diferenças em termos históricos e políticos, levando a desacordos durante a guerra, como o uso de bases iranianas em operações conjuntas na Síria.<sup>194</sup> Também Ancara já teve desentendimentos com o Kremlin, conforme foi citado anteriormente, devido ao abate de naves aéreas e bombardeamentos em fações divergentes da Guerra Civil Síria. Assim, a Rússia é vista por vários Estados do Médio Oriente como uma força para contrabalançar na balança de poder e um ator possível de se recorrer a quando os EUA não cumprem o desejado pelos Estados.

Um dos maiores erros dos EUA neste confronto foi a sua desistência em realizar ações conjuntas com a Turquia, deixando espaço para negociação entre esta e a Rússia<sup>195</sup>, e alimentando a desproporcionalidade de posições na região entre estas duas forças do sistema internacional. O ressurgimento da Rússia no Médio Oriente nos últimos anos tem coincidido com os recuos dos Estados Unidos, baseado, maioritariamente, na vontade de participar no sistema. De certa forma, Moscovo beneficia automaticamente por não ser Washington.

A visão a curto prazo da Rússia, em termos de política externa, permitiu que esta analisasse a Primavera Árabe não de uma perspetiva regional e abrangente, mas sim de

---

<sup>193</sup> “While Russia promotes its ability to interact with many state and nonstate actors in the Middle East, most of Moscow’s relationships there are best characterized as transactional. Russia is classically realist in its dealing and does not engage to the same extent in a broad range of issues, such as democratic reforms and human rights, as Western governments do. (...) When interests converge, Russia is able to make deals, but these are not necessarily long-standing alliances or even partnerships.” Op. cit., pp. 5-6.

<sup>194</sup> “Although Russia and Iran both support the Syrian government, their broader relations are best characterized by suspicion and mistrust, driven by historical and political differences. Russia backed Saddam Hussein’s war against Iran, earning the wrath of the revolutionary regime, and Moscow backed international sanctions on Iran until the Joint Comprehensive Plan of Action. Russia and Iran have also disagreed on Syrian operations, including on the use of Iranian bases.” Op. cit., pp. 5-6.

<sup>195</sup> “Thus, Russia took over the leadership in the Syria crisis from the US and even managed to win the support of Turkey, a US ally, through the Astana process - However, it should be noted that the Turkish-Russian rapprochement has a short term. (...) the two countries were on the brink of war with the downing of the Russian fighter jet by Turkey in 24 November 2015. After that, the two countries became closer with the Erdogan-Putin meeting in St. Petersburg in 2016 and the Astana process that begun in the beginning of 2017 initiated the process of harmonization of the interests of the two countries in the Syria crisis”. Em Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War and the Return of the Realist Great Power Politics*, p. 117.

Estado para Estado, tendo em conta os seus interesses. Esta visão levou a decisões por vezes dissonantes como, por exemplo, a abstenção da Resolução 1973, que permitiu uma intervenção aérea na Líbia e consequente deposição do governo e, pelo contrário, o voto contra todas as resoluções do Conselho de Segurança da ONU que colocassem em causa o governo sírio, onde os interesses da Rússia eram claros. É possível afirmar que, em termos práticos, a Rússia decidiu não limitar a sua ação externa com chavões utilizados regularmente na região, como o sectarismo, o Islamismo ou o Arabismo, movimentando-se conforme as suas necessidades, realisticamente.<sup>196</sup>

O sinal final de que a unipolaridade americana tinha terminado foi a entrada direta da Rússia na Guerra Civil Síria, em 2015. O vazio deixado pelos EUA no terreno sírio devido aos seus objetivos militares delimitados para este confronto deu margem para que a Rússia participasse militarmente, apoiando o regime de Bashar al-Assad.<sup>197</sup> Já em 2012, o Ministro da Defesa russo Anatoly Serdyukov admitiu a ajuda de ‘conselheiros técnicos e militares’ na Síria, ainda que não explicasse concretamente as suas funções. Também no terreno, apesar de ser visível o equipamento militar russo, a linha entre o que é treino e o que é ação real dos ‘técnicos’ russos é ténue<sup>198</sup>. Entretanto, começou a

---

<sup>196</sup> “Thus, Russia took over the leadership in the Syria crisis from the US and even managed to win the support of Turkey, a US ally, through the Astana process - However, it should be noted that the Turkish-Russian rapprochement has a short term. (...) the two countries were on the brink of war with the downing of the Russian fighter jet by Turkey in 24 November 2015. After that, the two countries became closer with the Erdogan-Putin meeting in St. Petersburg in 2016 and the Astana process that begun in the beginning of 2017 initiated the process of harmonization of the interests of the two countries in the Syria crisis”. Em Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War and the Return of the Realist Great Power Politics*, p. 117.

<sup>196</sup> “Moscow’s resurgence in recent years has been inversely proportional to a US decline. It is linked not to military or economic power but to will and engagement. In several key ways, Moscow also benefits from merely not being Washington.” Ver Hussein Ibish, “Russia’s Insurgence in the Middle East has been inversely proportional to a US decline”, Site do The National, 21 de outubro de 2019: <https://www.thenational.ae/opinion/comment/russia-s-resurgence-in-the-middle-east-has-been-inversely-proportional-to-a-us-decline-1.926636> [Consultado a 02-05-2020].

<sup>197</sup> “Russia’s foray into Syria in 2015 spelled the end of the American unipolar era. The truth is that the United States had already become a tentative power in the Middle East prior to Moscow’s move, much to the dismay of Saudi Arabia and Israel. (...) In 2011, President Obama waded into Syria, but only tepidly, giving modest support to the rebels. When the U.S. did show resolve in Syria, it was mostly in the northeast part of the country, where with the help of the Kurds it battled ISIS. This left a vacuum in the main battle zones of the war in the western part of the country, which was filled by Russia in 2015 when it entered militarily to back Syria’s President Assad.”. Em Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, p. 11.

<sup>198</sup> Ver: Michael Weiss, “Russia Puts Boots on the Ground in Syria”, Site da Daily Beast, 17 de abril de 2017: <https://www.thedailybeast.com/russia-puts-boots-on-the-ground-in-syria> [Consultado a 11-07-2018].

colaborar em termos de defesa aérea, tornando-se mais difícil a transposição de aviões ocidentais em missão, assim como continuou a vetar acusações de atrocidades do governo sírio em sede de Conselho de Segurança da ONU.<sup>199</sup>

Em 2013, tornou-se claro que a Rússia tinha enviado também membros da sua *intelligence*. A partir de 2015, Moscovo assumiu uma posição mais ativa na guerra, algo pedido pelo governo sírio, que perdia terreno devido às constantes ofensivas do Estado Islâmico. A Rússia expandiu-se para missões aéreas – segundo Putin, o alvo seriam bases do autoproclamado Estado Islâmico.<sup>200</sup> Este esforço russo em realizar missões aéreas conjuntas levou à conquista de Aleppo,<sup>201</sup> a cidade mais populosa da Síria, alterando o curso do confronto – foram passos extra dados pela Rússia num cenário pós-Guerra Fria, no Médio Oriente, algo ainda não visto até então. Estes esforços de guerra não tiveram alguma ligação oficial com os EUA e aliados regionais, levando também Washington a acusar Moscovo de intensificar a já complexa guerra civil, ao participar ativamente.

The veto power of Russia, a member of the Security Council prevented a more pragmatic UN-led military action against Syria. Since 2015, Russia has overtly supported the Assad's government. In January 2015, the West and Syrian opposition reported that Russia carried out air strikes against anti-Assad rebels though the latter claimed to have attacked the Islamic state group. In 2016 August, Syrian government forces regained Palmyra from the Islamic state with Russian air assistance. In December, government troops, backed by Russian air power and Iranian sponsored militias, recaptured Aleppo, the country's largest city.<sup>202</sup>

---

<sup>199</sup> Ver: Julian Borger, “Russian military presence in Syria poses challenge to US-led intervention”, Site do The Guardian, 23 de dezembro de 2012: <https://www.theguardian.com/world/2012/dec/23/syria-crisis-russian-military-presence> [Consultado a 14-07-2018].

<sup>200</sup> Ver: Shaun Walker, Kareen Shaheen, Martin Chulov, Spencer Ackerman e Julian Borger, “US accuses Russia of ‘throwing gasoline on fire’ of Syrian civil war”, site do The Guardian, 1 de outubro de 2015: <https://www.theguardian.com/world/2015/sep/30/russia-launches-first-airstrikes-against-targets-in-syria-says-us> [Consultado a 11-07-2018].

<sup>201</sup> “In September 2015, in response to Syrian desperate request, Russia began systematic airstrikes against the IS, but also against opposition forces, including the FSA, provoking a wave of Cold War rhetoric from Western leaders and the media. More significantly, however, the bold Russian military intervention underlined the failure of the US air campaign to weaken the IS and other al-Qaeda-type groups (Cockburn, 2015). By December 2016 it seemed to have changed the balance between the Assad regime and its opponents.” Em Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, p. 171.

<sup>202</sup> Yakubu, Falode e Britto, *The Pitfalls of Unilateralism*, p. 14.

Os EUA, a Rússia e o governo sírio intensificaram as suas campanhas aéreas na zona norte e leste do território, no início do ano 2017, ainda que criticados pela ONU devido ao elevado número de civis mortos. No final deste ano, o combate ao EI foi a prioridade - as tropas de al-Assad, apoiadas por russos, iranianos e pelos Hezbollah atacaram em força na província de Hama, assim como em Raqqa, Delr Zor e Homs. Em dezembro de 2017, o governo russo declarou que a Síria estava livre do EI, ainda que existissem focos de tensão a leste do país. Putin visitou ainda a base militar russa na província de Lataquia e anunciou a retirada parcial das tropas russas.

Se há um elemento na política do Médio Oriente que nunca alterou ao longo do tempo é a preocupação pelo aumento do terrorismo internacional, especialmente nos Estados fronteiriços à Rússia. Apesar de tecnicamente ter vencido a Guerra Civil Síria, ao evitar que o regime de Bashar al-Assad fosse deposto, e também pudesse voltar a ter uma posição privilegiada na política da região, a Síria, está totalmente destruída.<sup>203</sup> O seu maior aliado no Médio Oriente será um peso económico durante anos, obrigando o Estado russo a esforçar-se mais em termos de alianças na região, para suportar e desenvolver o seu parceiro. Para além dos custos, poderá perder ainda, por tempo ilimitado, uma fonte de rendimento importante para a Rússia – a comercialização de armas.<sup>204</sup> Desde a Guerra Fria que a Síria é o único Estado do Médio Oriente onde a Rússia tem bases militares e acesso ao Mediterrâneo<sup>205</sup>, assim como o Estado russo é o principal parceiro da Síria em termos de investimento militar.

A postura do Kremlin em matéria de política externa tem também de ir de encontro com a política doméstica, de forma a evitar contradições que possam alimentar rebeliões no território russo. Sendo um território tão extenso, a Rússia não

---

<sup>203</sup> “However, it is a complete irony that it bombed Syria, its ally, regardless of the fact that it bombed the anti-regime forces. Russia lost its ally state, Syria, while it clung to the policy of ensuring that Assad is not overthrown.” Em Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 118.

<sup>204</sup> “(...) Bashar al-Asad’s regime was their main customer in buying military equipment from the Russian defense ministry. In 2011, arm sales to Damascus accounted for five percent of all Russian arm exports.” Em Sladden, Wasser, Connable e Grand-Clement, *Russian Strategy in the Middle East*, p. 4.

<sup>205</sup> “Russia’s concern about international terrorism and the defense and expansion of its naval and air bases in Latakia and Tartus. (...) they are the only significant Russian power projection in the eastern Mediterranean and Middle East. Ostensibly, these bases could enable Russia to challenge the United States and its allies in the region.” Op. cit., p. 5.

permite qualquer mudança estrutural através de, logicamente, intervenção externa, assim como de insurreição. Para a Rússia, a mudança deve apenas de ocorrer através de meios constitucionais, daí não ter apoiado diretamente nenhuma manifestação da Primavera Árabe, mantendo a questão da soberania de Estado como o seu pilar em política externa. Tendo também a lei internacional do seu lado em matéria de defesa do modelo de Vestefália, a Rússia sempre se opôs veemente às intervenções ocidentais no Médio Oriente, especialmente no Iraque, considerando-as desastrosas.

Outro desafio futuro será a manutenção destas duas visões antagónicas da Rússia no sistema internacional. Ainda que a Rússia alimente uma ideia de poder conservador perante os governos do Médio Oriente, respeitando a soberania dos Estados, tal não se aplica em partes da Europa, como na Ucrânia. Para além da destabilização que provocou na Europa, conta ainda com ações no Azerbaijão e na Geórgia, no Cáucaso, e coopera com o maior desestabilizador atual no Médio Oriente – o Irão, que intervém na região e trabalha com grupos opositores (e, em parte, jihadistas). Presentemente, a Rússia tem material para criticar a ação ocidental (R2P, conforme referido anteriormente), cultivando a simpatia dos Estados do Médio Oriente.

(...) Russia may present itself as a conservative power in the Middle East, but in its near abroad, Russia is a disruptive power, intervening in Ukraine and seeking to destabilize other parts of Europe. Russia's actions in the wider Middle East also undermine its narrative of state sovereignty and nonintervention; it works with Iran, which intervenes across the region, and Russia is cultivating relations with opposition groups in Libya. That said, Russia has identified a rich source of material with which to criticize the West, while cultivating sympathetic regional audience for an alternative message in the post-Arab Spring environment.<sup>206</sup>

---

<sup>206</sup> Sladden, Wasser, Connable e Grand-Clement, *Russian Strategy in the Middle East*, p. 4.

### 3. 4. O Panorama Atual da Guerra Civil Síria e os Processos de Paz

#### 3. 4. 1. 2020 e a Guerra Civil Síria: Quem ficou a ganhar o quê?

Atualmente, é possível depreender que as manifestações, iniciadas há 10 anos, não trouxeram tantos resultados positivos conforme o esperado. A maioria dos Estados da região *MENA* entraram em falência política ou, em última estância, guerra civil. Mesmo que a vontade da população tivesse sido expressa de uma forma tão ativa, o caminho para a democracia não é simples e as ruturas entre os mais variados grupos sociais surgiram reforçadas na região:

After the Arab Spring in North Africa and the Middle East since 2010, it could be summed up that even though the Arab Spring has brought about democracy to some countries, the rest are being affected by political decay or at most civil war. (...) It has been discovered that the path to democracy is not smooth for its hides a social rupture between people and communities or majority and minority that could be difficult to heal.<sup>207</sup>

A Guerra Civil Síria continua ativa no presente. Com uma crise económica e humanitária sem precedentes, a Síria conta ainda com a presença de militares e jihadistas no seu território. Apesar do desaparecimento em força do EI, a Rússia continua a apoiar o governo sírio na recuperação de território que está nas mãos de rebeldes há anos, como as zonas rurais de Damasco e os distritos a norte.

Conforme referido na introdução desta investigação, a Síria encontra-se numa situação de *double state failure*, que escalou para um cenário de guerra civil. Tendo a hipótese de investigação em conta, esta extensão da 'dupla falha' do Estado sírio e dificuldade em findar a guerra podem ser justificadas pela presença de atores internacionais no terreno. Até ao momento, al-Assad continua sem o controlo total do território sírio e existem fações que ainda são financeiramente suportadas por Estados esforçados em defender os seus interesses. Ainda que Damasco já tenha sido

---

<sup>207</sup> Mahdian, *Islamic Cold War*, p. 33.

recuperada e parte dos serviços públicos a serem, aos poucos, retomados, existem milhões de Sírios que não se identificam com o governo alauita.

A falta de identificação de uma população com um território é perigoso, em termos políticos – leva a que essas mesmas pessoas procurem um elemento agregador noutro ator, neste caso, Estados como o Irão, que aproveitam a entrada em cena e alimentam as fações em confronto. Para além da Síria, é possível confirmar que, durante a Primavera Árabe, existiu esta correlação entre a falha de inclusão identitária noutros Estados e o aumento agravado do uso da força por parte da população, apoiado por atores externos – como na Guerra Civil do Líbano, por exemplo.

A Guerra Civil Síria, enquanto espaço de guerra, serviu para várias potências mundiais testarem armas e estratégias militares. O sistema internacional assistiu ao confronto e mediu forças, assim como analisou as diferenças que surgiram na balança de poder da região. A maior diferença, em termos de geopolítica mundial, foi a resistência russa e chinesa à ação ocidental de uma forma mais ativa, algo que não foi visto até então durante o período pós-Guerra Fria.<sup>208</sup> Assim, neste confronto sírio, verificaram-se várias camadas de complexidade – ao foro local, regional e internacional.

Com o desenvolver do conflito, a oposição síria confirmou que as suas manifestações, inicialmente pacíficas e com o objetivo de mudar o regime, perderam toda a sua natureza e propósito. Ao aceitarem a ajuda de Estados e outros atores do sistema internacional, a Primavera Árabe ficou refém de entidades que desejavam defender os seus interesses no Médio Oriente, o que também justifica o desastre na Líbia, Egito, Líbano e Síria:

It seems that Syria has realised that the Arab Spring has been hijacked and overridden by both regional and global powers. (...) The hijackers have distorted its legitimate objectives and gradually created a mood of frustration among the masses of the Arab world. The Arab Spring has failed to bring democratic reforms

---

<sup>208</sup> “After the Cold War, Russia and China stopped being silent and started a resistance in Syria against the unipolar, unilateral and Western guided intervention of the US policy since 1990s.”. Em Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 107.

to any of the countries overtaken by popular rallies demanding an immediate change of the political regime and the ousting of the ruling party.<sup>209</sup>

A tragédia síria ganhou ainda mais contornos com o desenrolar da guerra. Milhões de cidadãos sírios tinham perdido as suas casas e trabalhos, refugiando-se nos Estados fronteiriços, como a Turquia. A maioria destes refugiados vive ainda em condições deploráveis e estão à mercê das mudanças no sistema regional.<sup>210</sup>

A Rússia analisou, desde o início do seu envolvimento na Guerra Civil Síria, como um conflito com importância regional e não apenas um esforço coletivo pela implementação da democracia – ou não teria comprometido tanto a sua posição no sistema internacional. Tal como os Estados Unidos, o Estado russo também está preocupado com a Islamização do Médio Oriente, devido às zonas muçulmanas que tem no seu território e à possibilidade das populações destas serem influenciadas pelos movimentos democráticos na região. Por exemplo, a Chechénia<sup>211</sup> continua a ser uma região instável, onde existem grupos e guerrilheiros independentistas e jihadistas que levam a cabo atentados no restante território russo.

Apesar deste envolvimento em larga escala com um governo considerado autoritário, a Rússia sabe que continua a estar, na atualidade, em vantagem geopolítica no Médio Oriente comparativamente ao Ocidente. Mesmo não sendo vista com bom olhos por parte da ONU, a Rússia tem maior liberdade em termos energéticos, assim como com possíveis futuras parcerias com Estados na região, desiludidos com as posições dos EUA e da União Europeia, durante a Primavera Árabe. A proximidade que surgiu entre a Rússia e a Turquia não foi coincidência, podendo ser vista como um

---

<sup>209</sup> El-Hussari, *Yet another version of the "Arab Spring"*, pp. 138-139.

<sup>210</sup> "Meanwhile the situation has worsened and grown more tragic: millions of Syrian civilians are now displaced (inside and outside Syrian national territory), jobless and at the mercy of volatile security conditions and warfare developments. A large number of Syrian refugees who crossed the borders into host countries such as Turkey, Jordan and Lebanon are living in bleak makeshift shelters and tents where UNHCR and other regional and global humanitarian organisations operate pending fundraising campaigns and available resources." Op. cit., pp. 138-139.

<sup>211</sup> A Chechénia é uma região russa no Cáucaso, sendo uma das repúblicas sob a alçada da Federação da Rússia. Parte do petróleo explorado pela Rússia e consequentemente exportado passa por oleodutos presentes nesta região, daí ser uma zona crucial da federação. No entanto, a Chechénia e a Rússia estão num clima de tensão há séculos, caracterizados por várias guerras e momentos de atrito na região entre ambos os atores.



esforço político para enfraquecer as bases da NATO. Para além de negociar com o Irão, Kremlin mostrou-se esforçada para manter uma postura mais neutra e afastada de questões sectárias, ao fortalecer as relações diplomáticas com Riade. Na sua generalidade, é do interesse russo estabelecer ligações com todos os atores regionais, incluindo não estatais, como os Curdos.<sup>212</sup>

Russia is seemingly everywhere in the region— North Africa, the Levant, and the Gulf—engaging states in economic deals ranging from investments in Russian industry to arms sales to stabilizing oil prices. Moscow has been able to deepen partnerships in the region while simultaneously balancing relationships with regional rivals (...) Russia has become an appealing partner to Middle Eastern states—ostensibly stepping in to fill a perceived power vacuum left by retrenched U.S. leadership and offering cooperation without political strings attached, thus presenting a contrast to the approach favored by the United States.<sup>213</sup>

A sua aparente falta de estratégia, em termos de política externa conseguiu, de fato, funcionar como uma estratégia no Médio Oriente. A objetividade da diplomacia russa levou a que conseguissem negociar com variadas frentes presentes na guerra, algo que os Estados ocidentais não conseguiram. A maior dificuldade da Rússia poderá ser, a longo prazo, ter capacidade económica para sustentar a sua posição no Médio Oriente. Durante a Guerra Fria, parte do buraco financeiro da URSS encontrava-se nos grandes investimentos soviéticos nesta região, assim como uma venda indiscriminada de armas, sem pagamentos de retorno. Atualmente, apesar do poder que a Rússia apresenta, não

---

<sup>212</sup>“The fact that Russia opened space for Turkey and condoned the military entrance can be considered as an extension of Russian policy to attract the US ally and to weaken NATO. On the other hand, Russia follows a policy to increase its influence in the Middle East essentially through its ally Iran, other than Turkey. Russia did not confine itself to Iran and attempted to win Saudi Arabia as well. Therefore, it continued its dialogue talks between Syria and Saudi Arabia in Riyadh through Russian mediation in July 2015. However, the conflict of interests with Saudi Arabia, just like with Turkey, in the Syria crisis continue to be the biggest obstacle before the rapprochement of both countries. On the other hand, Russia followed a policy to strengthen its relations with PYD, the US ally in Syria and initiated the dialogue talks in April 2015 between the regime and the Syrian opposition including the PYD representatives. This way, Russia follows a policy to establish relations with all local actors (...)”. Em Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, pp. 117-118.

<sup>213</sup> Becca Wasser, *The Limits of Russian Strategy in the Middle East*, RAND Corporation, 2019, pp. 1-2.

tem ainda a capacidade em termos de profundidade e volume para se afirmar ainda mais na região. O desvanecimento dos EUA ajudam, em parte, a maximizar o poder russo.

Ainda que as relações de vários Estados árabes com os EUA já tenham visto melhores dias, estes continuam no seu espaço de influência em detrimento do apoio direto russo. Estes Estados no Médio Oriente, como a Turquia e a Arábia Saudita, tentam maximizar os seus lucros económicos e políticos ao manter o maior leque de opções possível. A Rússia está ciente destas decisões e vão de encontro com o próprio distanciamento de causas regionais e humanitárias que esta pretende. A proteção dos interesses económicos (especialmente a venda de armas) são a prioridade do Estado russo e os próprios Estados árabes, ainda que fragilizados, têm a sua própria identidade cada vez melhor definida, assim como as suas capacidades de negociação.

Se é possível dizer que a Rússia ganhou a Guerra Civil Síria, no plano internacional, o Irão, garantidamente, ganhou no plano regional. Bashar al-Assad, alauita, conseguiu manter-se no poder, ou seja, continua a existir mais um Estado, com um governo de natureza xiita, no Médio Oriente – e um Estado fronteiriço ao Líbano e capaz de influenciar o Hezbollah. Para além desta vitória geopolítica, o ego iraniano foi alimentado pelas populações árabes, que viam a sua ideologia como inspiradora, ainda mais após o fim da ‘bonança’ da Primavera Árabe. A compreensão que o Estado iraniano demonstra em relação às populações árabes convence-as a participar nas questões sectárias alocadas e em, efetivamente, lutar.<sup>214</sup> Este discurso já tinha dado

---

<sup>214</sup> “In this game of competitive interference in Syria, however, it was pro-regime Iran that held the advantage for, as Pierret argued, as a revolutionary state it had an ideology that inspired proxies such as Hizbollah and its Iraqi avatars and experience in the organization and training of paramilitaries and in asymmetric warfare. Moreover, it was able not only to impart anti-insurgent capabilities to the Syrian army but to field militias fighting alongside it that blunted opposition momentum. Turkey and the Gulf monarchies lacked this capacity and could only provide funding, arms and, in Turkey’s case, a safe-haven for Syrian exiles and this did not guarantee reliable proxies that could be coordinated against Damascus (...) the fragmenting impact of competitive external interference seemed after 2016 to take the form of a defacto carving up of Syria into overlapping spheres of influence.”. Em Hinnebusch, *From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA*, p. 404.

anteriormente vitórias ao Teerão, aquando da intervenção americana no Iraque e subsequente envolvimento iraniano no território iraquiano.<sup>215</sup>

A maior dinâmica a decorrer na “Nova Guerra Fria do Médio Oriente” encontra-se entre o Irão e a Arábia Saudita, atores regionais com posições cada vez mais vincadas. Estas duas forças inserem-se automaticamente em conflitos domésticos de Estados mais fracos e em climas conturbados, onde as populações estejam desesperadas por ação externa – a intervenção vinda do exterior substituí a figura de governo, muitas vezes deposto, assim como oferece uma identidade para parte da população se identificar com. É graças a esta dinâmica na região, durante a Primavera Árabe, que o Irão esteve envolvido em tantas situações, tendo sido convidado por facções políticas ou xiitas, por variadas vezes.<sup>216</sup> Muharrem Eksi<sup>217</sup> analisa ainda mais em detalhe as posições divergentes entre estes dois atores e a sua dinâmica baseada na rivalidade, salientando estes cinco pontos:

1. Diferenças sectárias no Islão;
2. Mudanças geopolíticas;
3. Dilemas de segurança;
4. A balança de poder do Médio Oriente;
5. Hegemonia regional.

Algo inegável e que coloca em perspetiva a capacidade de união dos árabes é a inexistência de um bloco local árabe contra os avanços geopolíticos do Irão, um Estado culturalmente diferente, que datam há mais de dez anos, “the failure of other local powers to form effective blocking or balancing alliances against Iran, that state that has most clearly improved its regional position as a result of upheavals that go back to the 2003 Iraq war.”.<sup>218</sup>

---

<sup>215</sup> Havia um receio generalizado no Médio Oriente que um Iraque democrático e estável fosse usado pelos EUA para seguirem a sua agenda regional. Quando o Iraque pendeu para o lado iraniano, Riade teve de puxar uma agenda mais sectária, de forma a ganhar apoio no Médio Oriente, especialmente no Golfo Persa, em detrimento do eixo Iraque-Irão. O sectarismo, nesta situação, funcionou como uma ferramenta de *realpolitik*.

<sup>216</sup> Mahdian, *Islamic Cold War*, p. 35.

<sup>217</sup> Eksi, *Regional Hegemony Quests in the Middle East*, p. 151.

<sup>218</sup> Gause, *Ideologies, Alignments, and Underbalancing in the New Middle East Cold War*, p. 672.

Para a Turquia, as consequências do seu maior envolvimento no Médio Oriente começaram apenas agora. O Estado turco tem realizado vários esforços no sentido de atrair maior investimento económico para o seu território, especialmente relacionado com os setores energéticos. A Turquia não é particularmente rica em energia fóssil mas encontra-se no trânsito entre regiões – a Europa a importar energia, o Médio Oriente a exportar, assim como a Ásia Central e a zona do Mar Cáspio. De forma a aumentar o seu potencial como hegemonia na região do Médio Oriente, a Turquia tem de garantir fontes de energia seguras e que consigam alimentar a economia, assim como estabilizar o governo de Erdogan:

Turkey's increasing appetite for more energy resources puts the country in precarious situation. Securing energy is essential for Turkey's sustained economic growth which in turn underpins the country's political stability. Despite the fact that Turkey's dependence on energy is mostly derived from fossil fuel, Turkey is a hydrocarbon-resource poor country and thus a net importer of oil and natural gas.<sup>219</sup>

Para além dos motivos energéticos e económicos que colocaram a Turquia numa situação mais insegura, a maior ameaça, em termos políticos, é a força que os Curdos ganharam durante a Guerra Civil Síria. Os movimentos separatistas foram alimentados pelos sucessos militares durante o conflito, assim como o armamento conseguido, especialmente pelos EUA. Os Curdos receberam, na generalidade, um voto de confiança por parte do sistema internacional, que confiava neste grupo populacional para defrontar al-Assad ou, pelo menos, o autoproclamado Estado Islâmico.

O esforço conjunto e os bons resultados apresentados às forças opositoras traduziram-se numa autonomia mais consolidada na região curda do Iraque, assim como na Síria, sempre respeitando os princípios de Vestefália. Contudo, não é, efetivamente, garantido que os respeitassem caso conseguissem ganhar mais força e terreno na Turquia. Apesar de terem uma identidade comum, os Curdos são representados por

---

<sup>219</sup> Görgülü e Dark, *Turkey, the EU and the Mediterranean*, p. 130.

grupos/partidos diferentes em cada Estado, com os seus objetivos próprios, obrigando a Turquia a estar atenta às decisões de cada facção:

Syrian Kurdish regions became effectively autonomous of Damascus under the PYD, in parallel with the more consolidated autonomy enjoyed by the Kurdish Regional Government in Iraq. The PYD derived legitimacy from the relative order it introduced into Kurdish areas, its ability to defend the Kurds against IS as well as posing as protect of Arab moderates and minorities against jihadists. The PYD project did not reject the Westphalian system, per se, only the boundaries that had denied the Kurds nation-statehood after WWI. Officially aiming for autonomy within Syria, it did not even overtly challenge Syrian sovereignty, merely 'softening' it.<sup>220</sup>

A Administração de Donald Trump tomou uma postura diferente, em termos de política externa, da anterior, modificando a posição americana no Médio Oriente e na Guerra Civil Síria. Em 2017, os EUA abandonaram o acordo nuclear iraniano, assim como retiraram o apoio financeiro que estavam a fornecer aos rebeldes sírios. Estas tomadas de decisão demonstram que, apesar de fazer uma retirada de esforços, o Estado americano não o fez por motivos pacíficos mas sim por não desejar continuar a alinhar-se com o Irão, um Estado que Trump considerava um rival, assim como também não querer dispensar mais finanças americanas no Médio Oriente.

Todas estas medidas de política externa geraram desagrado por parte dos aliados americanos. Por um lado, os seus parceiros árabes não se sentiam capazes de salvaguardar os interesses em comum sem um apoio mais vigoroso por parte dos Estados Unidos e reacearam o abandono americano no sistema regional, tal como ocorreu com os seus rivais após a dissolução da URSS. Por outro lado, os parceiros ocidentais dos EUA não apoiaram a retirada do Acordo Nuclear com o Irão, um acordo visto como um conjunto de passos positivos em prol da estabilidade e paz do sistema internacional. Após a intervenção no Iraque em 2003, que criou graves divisões na

---

<sup>220</sup> Hinnebusch, *From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA*, p. 402.

NATO, a Europa receava que, caso os EUA decidissem intervir no Irão, as divisões fossem ainda mais impactantes, levando à dissolução da Aliança.<sup>221</sup>

Parte deste aparente desinteresse americano provém de vários fatores já anteriormente referidos, como custos financeiros e diplomáticos, contudo, é possível afirmar que, caso os seus interesses energéticos não estivessem protegidos, o Estado americano não estaria em retirada do Médio Oriente.<sup>222</sup> Com um investimento de décadas na região e uma rede clientelar de excelência entre Israel, Egito e os Estados do Golfo, os Estados Unidos sentem que já se esforçaram o suficiente nesta região para os seus aliados zelarem por esta – o maior erro dos EUA, em termos de política externa, foi o de assumir que a unipolaridade durante a *Pax Americana* não afetou gravemente a reputação americana na região. Para além da reduzida capacidade de ação devido à popularidade do Estado americano no Médio Oriente, a região em si, passados anos, estava mais instável. A reforma política defendida durante a Primavera Árabe ia de encontro aos interesses americanos a longo prazo, contudo, apresentava-se como um risco elevado para a estrutura do Médio Oriente. Os Estados Unidos não podiam intervir em Estados que já estavam em suposta transição democrática pois seria algo contraditório e alimentaria ainda mais o descontentamento árabe em relação à política americana. Para além destes fatores, a Primavera Árabe já se apresentava, sem a sua intervenção direta, como uma fase que traria instabilidade e mudaria a geopolítica regional.<sup>223</sup>

---

<sup>221</sup> “After the Iraq War, which produced the most-serious divisions within NATO in its history, the view is widespread in Europe that a U.S. attack on Iran could have an impact on the Alliance far more serious than that created by the invasion of Iraq.”. Robert E. Hunter, “Building Blocks for Regional Security Structure”. Em Robert E. Hunter, *Building Security in the Persian Gulf*, Santa Mónica, Califórnia, RAND Corporation, 2010, p. 99.

<sup>222</sup> “Today, only a few scenarios have the potential to actually undermine American energy security: conquest of Middle Eastern oil fields by one country, the closure of key transit routes, or a civil war inside the world’s largest oil-producing state, Saudi Arabia. The first of these is extremely improbable, particularly given the conventional military weakness of most regional states. The second and third scenarios are also unlikely, but more to the point, neither could be prevented easily by large-scale US military presence.”. Em Ashford, *Unbalanced*, p. 133.

<sup>223</sup> “From a shorter-term perspective U.S. interests may look quite different. First of all, the democratic peace argument does not necessarily apply to states undergoing a transition to democracy. (...) Second, political reform could increase internal instability. (...) Third, anti-American sentiment is common throughout the Middle East. Security cooperation with the United States is particularly unpopular, because it demonstrates that current regimes cannot provide security for their own people without depending on external powers.”. Em Bensahel, *Political Reform in the Middle East*, pp. 17-19.

Assim, apesar de algumas características da “Nova Guerra do Médio Oriente” remeterem para a “Guerra Fria Árabe”, há claras diferenças entre ambas as épocas, sendo importante salientá-las. O foco da dinâmica regional já não é a dicotomia Ocidente-Oriente nem os momentos de tensão entre os EUA e a URSS, mas sim entre os próprios atores da zona. Estados como o Irão, a Arábia Saudita e a Turquia passaram a ter um papel de ainda maior relevo no Médio Oriente, competindo por hegemonia, através de guerras por procuração. Esta adição de Estados na balança de poder regional levou a um aumento de complexidade verificando-se, assim, um sistema mais complexo agora comparativamente à Guerra Fria.

De certa forma, os antagonistas passados conseguem agora encontrar pontos em comum nas suas políticas externas, algo inédito – ambos pretendem a estabilidade da região, de forma a evitarem futuros custos associados a guerras, assim como impedir o aumento de movimentos terroristas. Para além destas divergências, os chavões e ideais que mobilizam as populações não são importados, como durante a Guerra Fria (Capitalismo e Comunismo, por exemplo), mas sim implementados pelos Estados árabes, familiarizados com conceitos como Sectarismo e Islamismo.<sup>224</sup> A Arábia Saudita e o Irão aumentaram as tensões desde a Primavera Árabe – são os atores principais na “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”, que representam as forças antagónicas de dois blocos divergentes mas não entram em confronto militar direto:

Iran and Saudi Arabia have obviously increased their tensions since the Arab Spring.  
(...) this is the new Middle East cold war because Iran and Saudi Arabia are two important actors, but they do not encounter each other directly by means of

---

<sup>224</sup> “Russia’s return to the Middle East was reminiscent of the Cold War era (...) but by scratching beneath the surface, we see that this era in many ways is a clear departure from the past. First, unlike during the Cold War, the fulcrum of the Middle East today isn’t the rivalry between the United States and Russia, but rather the regional contest between Iran, Saudi Arabia and Turkey, playing out in the region’s civil wars. Second, the ideologies which serve as the sectarian fault-lines today aren’t imported from the great powers, as they were during the Cold War, but rather are indigenous to the Middle East. Third, in contrast to the past, Russia and the United States have some common interests in the Middle East, such as regional stability, the stemming of refugee flows, successful counterterrorism efforts, among others. So, while this is a multi-layered system consisting of local, regional and international actors, it is far more complex than the Cold War system of the past.”. Em Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, p. 11.

military. Yet, their competition plays out in the domestic political affairs of regional weak states (...).<sup>225</sup>

### 3. 4. 2. O Processo de Paz de Astana

Desde o início da Guerra Civil Síria que praticamente todas as partes ativas no conflito têm procurado um acordo de cessar-fogo e conseqüente paz no território. Os processos de paz já foram moderados pela Liga Árabe, por representantes da ONU e pelo próprio trabalho diplomático de cada Estado. Até agora, os avanços têm sido menos comparativamente aos recuos de posições na guerra. Existem participantes que não foram convidados para estas conversações, como o auto-proclamado Estado Islâmico, e outros que estão a funcionar como ‘marionetas’ nas mãos de Estados, tal como durante a guerra.

Patrocinados pela Rússia, Turquia e Irão, vários grupos de oposição ao governo sírio reuniram-se, com o objetivo de cooperarem para a paz. Em 2015, conseguiram criar uma declaração sobre eleições parlamentares, assim como a necessidade destas serem supervisionadas pela comunidade internacional. A partir destes círculos de negociação, a partir de 2017, estes três Estados começaram a reunir-se em Astana, Cazaquistão, zona considerada neutra. Estando sob o enquadramento dado pela ONU, a Resolução do Conselho de Segurança 2254<sup>226</sup>, estas conversações foram vistas, por parte do sistema internacional, como uma cópia das conferências de Genebra, feita por Estados que têm os seus interesses mais em risco durante a Guerra Civil Síria. Por exemplo, a Turquia, ao empenhar-se neste processo em detrimento dos círculos de Genebra, pôde aumentar a sua presença militar na Síria, assim como demonstrar independência em relação aos EUA, trabalhando na balança de poder regional com a Rússia: “With the Astana process,

---

<sup>225</sup> Mahdian, *Islamic Cold War*, p. 34.

<sup>226</sup> A Resolução do Conselho de Segurança 2254 foi aprovada a 18 de dezembro de 2015 e refere-se a um cessar-fogo na Síria. Para além deste princípio-base, os ataques contra grupos terroristas, incluindo o Estado Islâmico, deveriam de continuar. Após esses esforços conjuntos, durante um ano e meio, deveriam de se realizar eleições livres, sob a supervisão da ONU e com uma transição política coordenada pela Síria, como Estado soberano.



Turkey made a change in its Syria policy and turned into the policy of balance with Russia against the US. With this policy, Turkey had the chance to increase its military presence in Syria.”<sup>227</sup>

A defesa dos seus interesses verificou-se nos passos tomados durante o processo de Astana. A partir de meados de 2017, estes três Estados tentaram estabelecer zonas para se iniciar uma inversão da escalada de violência, ainda que rejeitadas pelo governo sírio e pelos grupos de oposição. Na sua generalidade, o processo pauta-se pela busca de um equilíbrio entre atores que estão presentes no Médio Oriente e que serão importantes para a futura balança de poder nesta “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”. Tal como a Turquia vê vantagens em participar ativamente, também o Irão pretende ganhar espaço no sistema internacional como um ator mediador e não apenas revolucionário. A Rússia sabe que os elementos cruciais para o futuro da região são a Turquia, o Irão, Israel e a Arábia Saudita, sendo do seu interesse conetar-se mais com estes num futuro próximo:

When weighing policy options for creating more regional stability, a pressure point is the relationship between Turkey, Iran, Saudi Arabia and Israel. (...) Russia has in fact been following a regional approach that focuses on these actors. This is enshrined in the Astana peace process, which Moscow co-sponsors with Turkey and Iran, in order to manage the conflict zones in Syria.<sup>228</sup>

### **3. 4. 3. As Rondas de Negociações em Genebra**

As conferências de Genebra estavam amaldiçoadas desde os seus primeiros passos, em 2012, com a proposta americana de retirada de al-Assad do poder. Todos os presentes no grupo inicial (representantes do EUA, Rússia, China e Reino Unido) concordaram com a proposta de Kofi Annan relativamente à formação de um governo transitório com elementos do atual regime de al-Assad, assim como da oposição – o

---

<sup>227</sup> Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 117.

<sup>228</sup> Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, p. 12.

desacordo imediato veio da Rússia, que queria manter al-Assad nesse governo. O governo sírio entrou nas conversações apenas no final de 2013, provocando o desagrado e consequente saída de cena de vários grupos de oposição, como a Frente Islâmica<sup>229</sup> e o Conselho Nacional Sírio<sup>230</sup>. Os conflitos entre as agendas dos atores participantes nestas rondas eram claros: “Even talks in Geneva, sponsored by the UN, Russia and US, were a fiasco because of the conflicting agendas (in some cases hidden) which the different parties maintain and have gone to the war for.”<sup>231</sup>

Apesar da elevada participação de Estados nestas rondas de negociação, o que dá maior legitimidade perante o sistema internacional, os resultados tardam em surgir. Também por variadas vezes, os representantes de grupos de oposição presentes nas conversações pediam uma participação mais ativa de Estados, especialmente do Médio Oriente, de forma a poderem lutar por melhores resultados no terreno. Ao pedirem armas mais avançadas e mecanismos de defesa a Estados como a Turquia e a Arábia Saudita, um mal-estar foi gerado entre os participantes das conferências, especialmente a Rússia, que acusava estes grupos de apresentarem posições pouco construtivas em termos de busca de paz.

Durante 2017, o ano do início oficial do Processo de Paz de Astana, os ciclos de Genebra conseguiram também dar alguns passos – o governo sírio assumiu a responsabilidade em focar os seus esforços contra grupos jihadistas e ações consideradas incorretas pelo Direito Internacional. Já a oposição, representada por um comité, assumiram uma possível transição política como principal foco e não necessariamente a oposição por confronto. Após dois anos, em outubro de 2019, finalmente é criado um grupo responsável pela escrita da constituição síria, que inclui 50 pessoas de cada secção envolvida neste processo de paz – o governo sírio, os grupos de oposição e a sociedade civil, representada pela ONU.

---

<sup>229</sup> A Frente Islâmica foi um grupo jihadista, formado durante pouco tempo (de 2013 a 2015). Com dezenas de milhares de combatentes, o seu maior objetivo era a formação de um Estado Islâmico no território sírio.

<sup>230</sup> O Conselho Nacional Sírio é uma organização de oposição ao governo de Bashar al-Assad, aquando do início da Guerra Civil Síria. Sediado em Istambul, os seus principais objetivos são a deposição do regime, a fundação de uma democracia funcional e constitucional.

<sup>231</sup> El-Hussari, *Yet another version of the "Arab Spring"*, p. 138.

O Estado mais esforçado para o sucesso destas rondas de negociações foram os EUA, colocado de parte no processo de paz de Astana. Sabendo que a exclusão significaria menos capacidade de negociação na futura balança de poder do Médio Oriente, o Estado americano tentou utilizar as possíveis ferramentas do sistema internacional ao seu dispor, como a referência contínua da Guerra Civil Síria durante as reuniões do Conselho de Segurança, de forma a tentar isolar mais a Rússia e a China.

The US deliberately brings up the Syria issue on the agenda of the United Nations Security Council (the UNSC), despite knowing that China and Russia would reject, and brands the image of these countries to the international society as responsible of the people killed in Syria. Consequently, the US isolated Russia and China regionally in the Middle East except Iran.<sup>232</sup>

É possível concluir-se que ambos os processos de paz deram alguns passos em prol da resolução da Guerra Civil Síria, no entanto, o confronto está a resolver-se por si só, devido à ineficácia das ações de parte dos grupos de oposição, totalmente díspar das ações do governo sírio. A falta de trabalho em conjunto por parte da oposição civil e de grupos guerrilheiros, assim como a ajuda um tanto indireta de Estados como a Turquia e os EUA levaram a que a oposição não tivesse grandes chances de ganhar a guerra. Mesmo ganhando, surgiam questões complexas como a capacidade dos Curdos integrarem num governo. Estas reticências não foram sentidas pelos principais Estados apoiantes de al-Assad, a Rússia e o Irão, que enviaram apoio financeiro, tropas, armas e mecanismos de defesa, e defenderam o Estado sírio em praça pública. Essas divergências de posturas durante o conflito refletiram-se nos processos de paz. A ineficácia da ONU está presente neste caso.

---

<sup>232</sup> Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 115.

### 3. 4. Síntese Conclusiva

Após este estudo de caso relativo à Guerra Civil Síria, inserido no enquadramento da “Nova Guerra Fria do Médio Oriente”, é possível tirar algumas ilações em relação à Primavera Árabe e ao sistema regional apresentado. Uma das principais é o fato de que, desta vez, o maior inimigo do povo árabe foram os próprios líderes árabes e não outros atores internacionais, conforme ocorreu durante a “Guerra Fria Árabe”. Enquanto no passado, os governos poderiam utilizar conceitos como o Colonialismo para justificar parte dos problemas que afetavam a comunidade árabe, assim como dinamizar o ideal do Pan-Arabismo, tais realidades já não são aplicáveis, atualmente. As populações da região *MENA* uniram-se contra os erros crónicos desses exatos governos, assim como já não desejam dissolver os seus Estados numa única identidade árabe, sendo esta outra novidade no sistema regional. Durante a Primavera Árabe, as populações expressaram o seu descontentamento em relação a medidas domésticas e não demonstraram vontade em unificarem-se num só território. Perante ambos os aspetos, depreende-se que a característica que sempre se manteve e define o Médio Oriente é a permeabilidade das suas dinâmicas políticas.<sup>233</sup>

Outro aspeto importante a ter em conta é a relevância que as questões sectárias foram ganhando ao longo do tempo. Problemas identitários baseados em construções artificiais de Estados, como se verifica na Síria e no Iraque, por exemplo, levaram à manipulação deste problema real por parte de terceiros. As relações num sistema regional ficam bastante limitadas caso o sectarismo seja a base destas e é isso que se verifica no Médio Oriente. Os Estados representantes das divergências, neste caso, o Sunismo e o Xiismo, são atores de elevado relevo, capazes de manter uma rede de contatos baseados no sectarismo e, ao mesmo tempo, defender os seus interesses domésticos. Com a explosão da Primavera Árabe verifica-se, mais do que nunca, uma

---

<sup>233</sup> “The common enemy of the 2011 Arab revolts is not colonialism, U.S. power, or Israel, but Arabs’ own rulers. (...) Unlike its predecessor, the new pan-Arabism does not appear to challenge the regional map. Arabs are not demonstrating to dissolve their states into one Arab entity; their agendas are almost exclusively domestic. But the Arab revolts have shown that what happens in one Arab state can affect others in unanticipated and powerful ways.”. Em F. Gregory Gause III, “Why Middle East Studies Missed the Arab Spring: The Myth of Authoritarian Stability”, *Foreign Affairs*, vol. 90, nº4, 2011, p. 89.

nova forma de dar legitimidade às ações de atores na região, assim como de moldar as políticas domésticas em cada Estado do Médio Oriente.<sup>234</sup> Houve a esperança de criar uma nova ordem regional pós-colonialismo que se enquadrasse na vontade das populações árabes, no entanto, devido a todos estes fatores e à exploração de um conflito como a Guerra Civil Síria por superpotências e poderes regionais, a esperança dissipou-se com o passar dos anos:

In other words, the Arab Spring created the hope of creating the new order in a democratic way according to the own demands of the people for the first time in Middle East (...) However, the blocking of the Arab Uprising by the Syrian crisis and the transformation of the crisis to a proxy war between great powers lead to the new design policies of the Middle Eastern geopolitics and to the process where the region was determined again by the external powers (...)<sup>235</sup>

Com uma divisão acentuada na geopolítica do Médio Oriente, torna-se mais complexa e desafiante a possível formação de alianças entre Estados ou ações em bloco. Há um sentimento generalizado de desconfiança, especialmente devido à multiplicação de Estados capazes de assumirem um papel de relevo na região. Comparativamente à “Guerra Fria Árabe”, onde um número restrito de Estados davam voz à generalidade do povo árabe (como o Egito, conforme referido anteriormente), vários novos atores surgiram durante a Primavera Árabe, fortalecidos e capazes de participar na dinâmica regional e em confrontos, neste caso, na Guerra Civil Síria. Para além destes Estados, como o Irão e a Turquia, atores não-estatais ganham também uma posição mais importante e reforçada, capazes de mobilizar o apoio das populações. Por exemplo, o Qatar foi fulcral durante as manifestações puramente por sediar a maior emissora do mundo árabe, a Al Jazeera.

A resolução da situação síria continua a ser crucial para, conseqüentemente, estabelecer paz noutros Estados da região. Devido à permeabilidade que as sociedades árabes apresentam, verificou-se um efeito “spillover” durante a Primavera Árabe, ou

---

<sup>234</sup> Hinnebusch e Ehteshami, *The Foreign Policies of Middle East*, p. 16.

<sup>235</sup> Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 109.

seja, as populações inspiraram-se umas às outras, devido aos problemas comuns que enfrentavam. Um exemplo rápido de se identificar é a proximidade que a Síria e o Líbano apresentam devido à sua História comum.<sup>236</sup> Tendo uma realidade socio-política semelhante, não será possível trazer estabilidade para um destes Estados sem o outro também receber igual esforço. Este efeito “spillover” encontra-se facilmente no sistema regional do Médio Oriente e, no final, na Primavera Árabe.

Sobre o efeito “spillover”, Harrison refere ainda que este efeito de contágio verifica-se não apenas de forma horizontal, para os Estados vizinhos mais vulneráveis, mas também de forma vertical, conseguindo afetar Estados mais fortes. Durante a Guerra Civil Síria, os quatro Estados da região com maior capacidade – o Irão, Israel, a Turquia e a Arábia Saudita – sentem, apesar de tudo, consequências económicas e políticas. Estes atores podem não ter entrado em clima de guerra mas tiveram de suportar custos económicos elevados, assim como vagas de refugiados, pequenos ataques terroristas, insegurança nas suas fronteiras, entre outras situações:

In addition to the regional powers pushing themselves into the civil wars, they are pulled in by something this author labelled “vertical contagion”. This means that conflicts do not just spread across borders horizontally to vulnerable neighbouring states, but also vertically to stronger and larger regional powers. (...) This is not to suggest that the fighting itself spreads to these regional powers, but rather that the political and economic effects of the fighting are exported. Case in point would be the Syrian civil war, where Turkey, Israel, Saudi Arabia and Iran have felt the effects of the conflict in the form of refugees strengthened hardliners, terrorist attacks, and other threats to their interests, making staying on the sidelines untenable.<sup>237</sup>

---

<sup>236</sup> “A great number of radicals from Lebanese political and religious parties have been directly or indirectly involved in the rounds of fighting in Syria, either as supporters of the Syria state or its opponents. (...) It is highly likely that Syria will always be a major player in the Middle East, and Lebanon is just a pawn in a game of regional and international powers. (...) Lebanon has taken in armed fugitives and insurgents who are feeling the Syrian battlefields and taking shelter in Lebanese cities, towns and the countryside. No guarantee has ever been provided by the UN or major powers (including Lebanon’s surrogate mother, France) to protect Lebanese cities from potential acts of disruption.”. Em El-Hussari, *Yet another version of the "Arab Spring"*, pp. 141-142.

<sup>237</sup> Harrison, *Shifts in the Middle East Balance of Power*, p. 10.

No final, a competição pela hegemonia regional a curto prazo minou a estabilidade e prosperidade do Médio Oriente a longo prazo. A região está destruída, endividada e bastante fragmentada, num clima de tensão que não colabora para os atores saírem do estado regional “Inverno Árabe”. As guerras por procuração que se assistem na região serviram para atores melhor colocados no sistema internacional medirem forças – os Estados Unidos conseguiram depreender a resistência que a China e a Rússia, inimigos económicos, conseguiriam praticar às suas medidas de política externa, por exemplo.<sup>238</sup> Também o Irão pôde medir a sua rede de influência, ao motivar guerrilheiros não só iranianos como também libaneses e xiitas de outras partes da região, a participarem na Guerra Civil Síria. Na sua generalidade, o confronto foi um teste em vários planos de ação política, totalmente retirado do contexto da Primavera Árabe.

#### **4. Aplicação do Modelo Teórico ao Estudo de Caso**

O modelo teórico selecionado para esta investigação relativa à Guerra Civil Síria foi o Neorrealismo, que deriva do Realismo. Tal como referido anteriormente, este quadro teórico-concetual foi proposto por Kenneth Waltz, num esforço de retificar questões às quais o Realismo Clássico não respondia a. Este capítulo concentrar-se-á na aplicabilidade dos pontos principais que definem o Neorrealismo ao quadro estudado, a Primavera Árabe e, com maior profundidade, a Guerra Civil Síria. O objetivo deste cruzamento de informações é o de demonstrar os padrões de comportamento dos Estados no sistema internacional, mais concretamente, o sistema regional do Médio Oriente.

Para os Neorrealistas, as tomadas de decisão por parte dos Estados não dependem apenas de interesses em choque dentro de um grupo que se relaciona

---

<sup>238</sup>“On the other hand, the US uses the Syria crisis to measure the resistance of China and Russia, its global rivals. The US destroyed the state of Syria, the ally of Russia, by having it bombed by everyone, including Russia and Iran. Furthermore, it settled militarily in the country. While the US had previously no base in Syria, it has bases at least nine locations (...).” Em Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 114.

politicamente mas sim, principalmente, de restrições estruturais. Por mais díspares que as estratégias de política externa sejam entre os Estados no sistema internacional, estes apresentam necessidades semelhantes – segurança territorial, prosperidade económica, estabilidade política, entre outras. Assim, o que pode explicar as diferentes decisões são os recursos que os Estados têm à sua disposição, de forma a corresponderem às suas necessidades intrínsecas. Este choque de necessidades-recursos dentro de um sistema regula as relações entre os atores – se, por um lado, precisam de se aliar para corresponder aos seus interesses ou se, por outro, a carência de um Estado se sobrepõe a outro, levando a conflitualidades. Não existe uma única resposta considerada imutável para o sistema no qual o Estado se encontra inserido:

According to Neorealism, the state system – particularly the distribution of power – is the main determinant of the behaviour of its constituent states. Yet, there is never only one possible response to the systemic environment, and the orientations of Middle Eastern states toward it have varied radically. In particular, while some states challenge the status quo, others support it; indeed, the same states may change (...) as Iran and Iraq did after their respective revolutions.<sup>239</sup>

Outras ferramentas utilizadas pelos realistas poderão também ser aplicadas neste cenário, tais como a ‘teoria dos jogos’ e o ‘dilema do prisioneiro’. O teste que cada Estado faz às suas hipóteses de ação no sistema internacional está enquadrado na ‘teoria dos jogos’, um ramo da matemática, sendo este também uma ferramenta das Relações Internacionais. A teoria dos jogos funciona como um esforço realizado pelo Estado para tentar determinar a escolha racional e otimizar a sua estratégia numa situação de competição pelas mesmas necessidades (“In an environment of anarchy, even those capable of mastering their own desires for gain and glory are pushed by fear (...).”)<sup>240</sup> Tendo em mente a diminuição de custos, a teoria torna-se necessária num estado anárquico, onde as incertezas e as informações incompletas estão presentes. O ‘dilema de segurança’ surge pela falta de confiança existente num espaço sem um poder

---

<sup>239</sup> Hinnebusch e Ehteshami, *The Foreign Policies of Middle East*, p. 18.

<sup>240</sup> Donnelly, *Realism*, p. 36.



central – exemplificando, um Estado poderá armar-se por motivos defensivos, no entanto, tal objetivo poderá não ser lido da mesma forma pelos outros atores do sistema internacional, vendo a situação como uma ameaça. Uma das formas de aplicar a teoria é através do dilema do prisioneiro (“Prisoner’s Dilemma”), como é possível verificar neste exemplo:

Consider the decisions of India and Pakistan about whether to build sizable nuclear weapons arsenals. Both have the ability to do so. Neither side can know whether the other is secretly building up an arsenal unless they reach an arms control agreement with strict verification provisions. To analyse the game, we assign values to each possible outcome – often called a preference ordering – for each player. This is not simple: If we misjudge the value a player puts on a particular outcome, we may draw wrong conclusions from the game.<sup>241</sup>

Assim, tal como os realistas, os neorrealistas também consideram importante a natureza do sistema no qual os Estados estão inseridos, sendo esta caracterizada pela ausência de um poder central legítimo. Apesar de existir uma hierarquia no sistema internacional, algo subentendido ao utilizarem-se termos como ‘superpotência’ ou ‘média potência’, esta hierarquia é de fonte informal e depende do sistema de atores em que está inserida. Conforme referido, os Estados, no seu cerne, são relativamente semelhantes, e questões em relação ao sectarismo ou a políticas domésticas não interessam, realisticamente, para o funcionamento do sistema internacional, onde cada ator tenta maximizar as suas capacidades de forma a responder às necessidades que lhe são intrínsecas. É nesta forma racional que surge a competitividade no sistema - a competição forma-se quando cada unidade analisa os ganhos absolutos e relativos em cada ação no sistema internacional.

Por último, outro ponto que importa relembrar é a valorização do estado de soberania que o Neorrealismo defende. As fronteiras dos Estados deveriam ser impermeáveis, assim como as políticas domésticas, ou seja, nenhum ator deveria interferir nos assuntos internos de um Estado e, principalmente, de um governo eleito.

---

<sup>241</sup> Goldstein e Pevehouse, *Realist Theories*, p. 77.

Como se verificou, tal não acontece, de forma tão linear, no Médio Oriente. A balança de poder forma-se à medida das capacidades dos atores presentes no sistema e ao limite que impõem uns aos outros, muitas vezes interferindo na soberania. Caso haja um ator superior e hegemónico, cria-se um dilema de segurança, onde os restantes tentarão compensar a sua capacidade insuficiente. No Médio Oriente, os governos lutam pela sobrevivência, obrigando a ações baseadas em 'instintos' e não necessariamente no respeito pelo modelo de Vestefália:

With the very survival of domestic regimes at stake, international politics came to more closely match the theoretical 'state of nature' Realists assume, rather than the more limited and rule-bound game of European statecraft that preceded the Revolution and that the Concert diplomats at Vienna attempted to reconstruct (...) <sup>242</sup>

Analisando de uma perspetiva geoestratégica, graças à Primavera Árabe, há uma sensação de retorno à importância que cada Estado apresenta o Médio Oriente. Com a paulatina quebra do sistema unipolar americano na região e a entrada de um modelo multipolar, resultando num aumento de posição por parte das médias potências, verifica-se também um aumento de 'zonas de influência'.<sup>243</sup> Nestas esferas sub-regionais, a Síria era primordial no espaço libânes e, em termos de atores não-estatais, nas conversações com a OLP. A Arábia Saudita coloca sempre os Estados do Golfo em primeiro lugar. O Egito, ainda que geograficamente ao lado do Médio Oriente, desempenha um papel crucial na região e no Norte de África.<sup>244</sup> As 'zonas de influência', na sua maioria, não são referentes a questões económicas ou políticas mas, sim a semelhanças histórico-culturais, justificando o interesse em acompanhar as decisões

---

<sup>242</sup> Gause, *Revolution and Threat Perception*, p. 639.

<sup>243</sup> "The post-Cold War period underlined the concept of 'regional concert' as a form of collective security device that is capable of reducing the level of interstate conflict within its geographical boundaries, without necessarily committing the concert's members to common action (...)." Em Sela, op. cit. p. 146

<sup>244</sup> "With the 'return of geography' to Arab politics in the decade after Camp David, power contests became localised within sub-regional spheres: Syria sought hegemony over Lebanon, Jordan and the Palestine Liberation Organisation (PLO); Saudi Arabia towered her Gulf counterparts; Iraq was mired in a protracted war with Iran; Egypt was locked out of the Arab state system; and in North Africa, the two major actors, Morocco and Algeria, were at loggerheads over the Western Sahara conflict." Em Salloukh, *The Arab Uprisings and the Geopolitics of the Middle East*, p. 33.

dos governos e, por vezes, intervir nestes. A dificuldade dos Estados do Médio Oriente em respeitar a soberania dos participantes no sistema regional provém da exportação simplificada do modelo de Vestefália para a região, dificultando a capacidade da afirmação da sua independência. Somando o envolvimento excessivo de atores que não são do Médio Oriente, como os Estados Unidos e a Rússia, há uma resistência geral em agir de forma independente em busca de ganhos consolidados para as suas necessidades, assim como se resiste a uma maior cooperação em prol do bem-estar da região.<sup>245</sup> Assiste-se a uma situação política contraditória.

Conforme Raymond Hinnebusch sublinha, os Estados, ao ganharem a sua independência mais tardiamente, apresentam um triplo déficit de segurança – é difícil delegar parte da sua soberania, ainda que para um bem comum, como uma organização regional. Duvidando da natureza das ações dos Estados vizinhos, organizações com potencial, como a Liga Árabe, ficam esvaziadas de conteúdo e mecanismos de ação devido ao receio que os Estados-membros têm em que a organização seja utilizada para maximizar os ganhos de apenas alguns.

(...) as late developers in a world dominated by the early developers, they are very vulnerable to the core great powers. Hence, they suffer from a triple security deficit. Having recently gained their sovereignty they are very jealous of it and too insecure to delegate any of it to regional organizations, which they regard instrumentally as vehicles to protect their sovereignty or of regional leadership ambitions. While there is a common perception among Arabs that when they are divided, they all suffer and that regional institutions are an optimal way to

---

<sup>245</sup> “The result of globalization is a certain reversal of Westphalian order, in which the states are everywhere ceding authority to supra and sub-state levels in what Bull called Neo-Medievalism; however this happens very unevenly and most intensely in the weak states of the global periphery. Thus, rather than a simple export of Westphalian sovereignty to the periphery, the actual degree of sovereignty acquired by MENA states has been the outcome of an ongoing struggle between Western penetration and resistance/collaboration by states and movements in the periphery.” Em Hinnebusch, *From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA*, p. 394.

overcome the prisoner's dilemma, the individual Arab states still fear their rivals will use these institutions against them (realists' gains problems).<sup>246</sup>

Estando isolados no sistema regional devido à desconfiança perante a ação de organizações, os Estados criam, desta forma, estas 'zonas de influência'. A falta de um bloco regional unido alimenta a divisão, ao possibilitar a entrada de Estados externos ao Médio Oriente e, conseqüentemente, alterando a balança de poder. Nas últimas décadas, foi possível confirmar-se um padrão no sistema de poder no Médio Oriente: caso um Estado da região tentasse manter um estatuto hegemónico, formar-se-ia uma voz coletiva de desagrado, levando à entrada em ação de Estados exteriores à região, capazes de providenciar segurança; se, pelo contrário, um Estado externo tivesse poder excessivo, sentimentos anti-hegemónicos pela região surgiriam. Este conflito crónico entre hegemonias de planos diferentes – regional e global – impedem o desenvolvimento de relações mais saudáveis entre os Estados do Médio Oriente, assim como de mecanismos como organizações capazes de mediar a balança de poder. Até ao presente atual, não existe um Estado na região considerado, consensualmente, hegemónico:

In MENA, an additional obstacle to institution building is the chronic conflict between global and regional hegemonies over the region. Because global penetration threatens regional autonomy, it is securitized and aspirant regional hegemonies periodically seek to roll back the influence of the core powers. (...) Predictably for realists, such hegemonic aspirations stimulated anti-hegemonic balancing by threatened regional states, especially as no regional hegemon was able to provide enough compensating public goods. This provided openings for the global hegemon, the United States. (...) Yet, the US lacks the legitimacy and ability to deliver sufficient public goods in MENA to substitute for a regional hegemon. The ongoing rivalry of hegemonies championing rival regional and global norms means that no normative consensus has become normatively hegemonic.<sup>247</sup>

---

<sup>246</sup> Raymond Hinnebusch, "Security Conceptions and Practices in the Middle East: The Case of the Arab League". Em Stephen Aris e Andreas Wenger (eds.), *Regional Organisations and Security: Conceptions and Practices*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 2013, p. 122.

<sup>247</sup> Hinnebusch, *Security Conceptions and Practices in the Middle East*, p. 125.

A Primavera Árabe, após esvaziada do seu propósito inicial – a luta da população árabe pela democratização e respeito pelos Direitos Humanos, no Médio Oriente – transformou-se numa luta entre vários Estados, através de guerras por procuração e outros atritos, pela hegemonia da região ou, no mínimo, pelo aumento de capacidades. Nesse sentido, Eksi refere o esforço da Turquia e, mais tardiamente, da Arábia Saudita, em contrabalançar o aumento de poder do Irão, num sistema onde a Síria, o Egito e o Iraque já não tinham a capacidade de se afirmarem. Este esforço remete para um Realismo mais defensivo, de forma a contrabalancear caso um Estado ganhe demasiado poder.<sup>248</sup> Assim, o fato de um Estado entrar em falência das suas funções e, conseqüentemente, ser considerado um Estado falhado, não significa que o sistema tenha entrado em colapso e seja substituído por uma anarquia formal. Os casos a que assistimos durante a Primavera Árabe demonstram que a queda de alguns regimes no Médio Oriente rapidamente foram substituídos por outros atores, que desejavam atuar sob áreas limitadas e desenvolver um poder mais hegemónico.<sup>249</sup> Estas mudanças repentinas na balança de poder do Médio Oriente aumentaram o esforço individual, em particular, do Irão e da Arábia Saudita. Com a desregulação, a já existente rivalidade entre os Estados transformou-se num conjunto de guerras por procuração, no sentido de maximizarem a sua influência.<sup>250</sup>

Aliados aos seus interesses estão os atores locais, de origem não-estatal, que ganharam bastante relevo no Médio Oriente, durante a Primavera Árabe. Sendo um

---

<sup>248</sup> “First of all, the balance of power in the narrow and simple sense can be described as a condition and structure with no hegemonic power among states and where states have relatively equal or similar powers. (...) Realist paradigm basically considers the international politics to be the power relations (...) On the other hand, defensive realism suggests that a balancing country will emerge once a state gains too much power. In this sense, it could claim that first Turkey and then Saudi Arabia emerged as balancing countries against the power increase of Iran in a process when Syria, Egypt and Iraq were no more actors in the Middle Eastern balance of power following the US occupation of Iraq in 2003 and predominantly Arab Spring in 2011.” Em Eksi, *Regional Hegemony Quests in the Middle East*, p. 136.

<sup>249</sup> “State failure does not mean a lack of governance, nor the replacement of formal hierarchy by anarchy; rather the vacuum it leaves is rapidly filled by multiple competing actors with authority over limited areas, none of which are able to re-establish state-wide Weberian hierarchy – a situation of heterarchy or ‘oligopoly of violence’ (...)”. Em Hinnebusch, *From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA*, p. 395.

<sup>250</sup> Eksi, *Regional Hegemony Quests in the Middle East*, p. 140.

fenómeno regional focado maioritariamente na mudança das políticas domésticas dos Estados, os atores sociais puderam retirar o máximo benefício possível da situação, ao envolverem-se politicamente. Caso um grupo seja capaz de atingir uma posição de relevo ou, até, governar, assiste-se ao controlo de um Estado por parte de uma entidade não-estatal, com a sua própria agenda. Tal caso verificou-se durante a Primavera Árabe em Estados como o Egito e entidades como a Irmandade Muçulmana, por exemplo:

Often it is the internal competition among societal actors that plays an important role in this equation. Societal actors working to achieve maximum benefit for themselves engage in politics to be able to do so. Once a group “captures” the state and achieves power (...) they control de state. Thus state behaviour represents the preferences of the main actors who control this state.<sup>251</sup>

Tal como os Estados têm interesse em manipular questões que agreguem populações à sua rede de influência, esse mesmo comportamento sistemático encontra-se nos grupos locais – daí se ter verificado um esforço coletivo entre ambas as entidades, durante esta fase de mudanças na região. O sectarismo foi explorado por diversas frentes, especialmente nos locais onde havia uma identidade política forte e uma ligação estatal fraca, como na Síria, no Iraque ou no Iémen. Quando os governos começaram a perder a capacidade de implementação de medidas pela força, vários grupos locais, ansiosos por aumentarem o seu poder, negociaram parcerias com Estados capazes de os patrocinar e com interesses em manter os territórios nas suas redes de influência.

Assim, é importante salientar o papel que os atores locais tiveram para o desenrolar da Primavera Árabe, ou seja, para o envolvimento de Estados fronteiriços em políticas domésticas e para a permeabilidade da territorialidade no Médio Oriente. Apesar destas relações serem guiadas por questões ideológicas, o objetivo final continua a ser o de obter o maior ganho absoluto no sistema da região.<sup>252</sup> Também verificou-se

---

<sup>251</sup> Brent E. Sasley, “Studying Middle Eastern International Relations through IR Theory”, *Ortadoğu Etüleri*, vol. 2, nº2, 2011, p. 21.

<sup>252</sup> “However, sectarianism’s importance comes from the weakening or breakdown of state authority in many places where, for various reasons, sectarianism has been a salient part of political identity (Salloukh, 2017). Lebanese, Syrian, Iraqi, and Yemeni politics all have important sectarian elements. As the state has

o fenómeno contrário em termos de parceria, envolvendo a lealdade de certos grupos locais para com governos em risco de serem depostos – na Síria, as camadas mais elevadas da força militar mantiveram-se ao lado do regime de Bashar al-Assad, por exemplo.<sup>253</sup> Na sua generalidade, várias fações locais participaram nos diversos confrontos no Médio Oriente, patrocinados por todos os Estados interessados e capazes de sustentar financeiramente a sua participação, direta ou indiretamente, nos teatros de ação.

Ao analisar a Guerra Civil Síria através destas linhas teóricas, rapidamente depreende-se que as manifestações na rua vistas neste Estado transformaram-se numa luta global por influência. Recorrendo a um conceito de Raymond Hinnebusch, apresentado na introdução, a Síria apresenta-se, atualmente, como um “double state failure”, ou seja, o Estado perdeu o controlo sobre o seu próprio território e não consegue usar cabalmente a força, assim como perdeu a capacidade de inclusão identitária da sua população.

Devido à sua localização e história, a Síria sempre assumiu um papel primordial para a essência do mundo árabe e das múltiplas identidades que constroem o Médio Oriente. Ao perder-se o conceito de ‘ser sírio’, a unidade de uma população também se desvanece, restando a consciência popular sobre conceitos como Islão Político, Pan-Arabismo, entre outros. Parte dessa população, acredita que a Guerra Civil Síria foi organizada por inimigos do mundo árabe, deturpando o verdadeiro objetivo da Primavera Árabe.<sup>254</sup> Neste conflito, os Estados e atores locais que investiram parte das

---

seen its grip loosen (or completely collapse) in these places, sectarian identities have become more prominent in local struggles for power. (...) These local groups invite the outsiders into their own domestic conflicts. The sectarian template emerges from below; it is not imposed from above. Haas (2014, 732) conceded that alliances across ideological lines in ideological multipolarity are possible; they simply are more difficult to achieve than Realist interpretations of balance-of-power theory would predict” Em Gause, *Ideologies, Alignments, and Underbalancing in the New Middle East Cold War*, p. 674.

<sup>253</sup> “The state as an institution is now more present in the everyday lives, of more people in the Middle East than ever before. For many, the consequences of the growing role of the state have been negative: stifling bureaucratic controls on individual initiative and oppressive security apparatuses. (...) As distributor of externally generated funds, the state can favour some groups over others and provide economic incentives for political loyalty.”. Em F. Gregory Gause III, “Sovereignty, Statecraft and Stability in the Middle East, *Journal of International Affairs*, vol. 45, nº2, Inverno 1992, p. 457.

<sup>254</sup>“On the level of popular Arab consciousness and pan-Arab nationalist movements, it is believed that Syria’s unity and the national aspirations it endorses and upholds are the main concerns. Although the Syrian regime has its own failings, which are too numerous to name, it is Syria, the state, its history,

suas capacidades, envolveram-se profundamente, impossibilitando um cessar-fogo e consequente acordo de paz real e capaz de ser cumprido. Tornou-se um “zero-sum game”, ou seja, só poderá haver um vencedor no final desta guerra, capaz de reorganizar o espaço no Médio Oriente, assim como ganhar uma posição mais marcada no sistema internacional:

The fact that Syria became the field of global struggle for influence also brought out the great power politics in a realist aspect to the international politics. A zero-sum game started to be played in Syria where one great power wins and the other loses. (...) The great powers fundamentally reorganize the international system by re-determining their global and regional areas of influence over the Syria crisis.<sup>255</sup>

Sela<sup>256</sup> resume estas movimentações estratégicas de atores na Guerra Civil Síria, de uma forma concisa: o Irão investiu bastante na Síria, em termos de ajuda financeira, militar e também efetivos armados, assim como mobilizou milhares de militantes do Hezbollah, no Líbano, para o conflito. A par deste esforço, a Rússia fez igual investimento, demonstrando que voltara a participar no sistema internacional como uma grande potência militar. Ambos os Estados dependem da sobrevivência do governo de al-Assad para se demarcarem no Médio Oriente – o Irão, por questões sectárias, a Rússia, por questões financeiras (venda de armas, maioritariamente), militares (a base naval russa em território sírio, é a única que o Estado russo tem nesta região) e políticas.

---

location and role which are being targeted in a plan pre-meditated, tailored and orchestrated by enemies of the Arab world. These opponents have hijacked the Arab Spring in Syria and twisted its goal for other purposes.” Em El-Hussari, *Yet another version of the "Arab Spring"*, p. 134.

<sup>255</sup> Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, pp. 109- 110.

<sup>256</sup> “As the conflict in Syria continued, it turned into an international battleground in which regional and international actors became deeply involved, enabling the disputants to continue their fighting. Iran’s vigorous financial, militar and advisory support for its fellow Alawi-ruled ally, providing in addition thousands of Lebanon’s Hizballah fighters, together with Russia’s eagerness to maintain access to its naval facility on Syria’s Mediterranean coast and to keep its one remaining ally in the region, were indispensable in ensuring the survival of Assad’s regime. On the other side of the divide, Saudi Arabia, Qatar and Turkey were secretly involved, albeit at a much more limited level compared to the Iranian support of Bashar al-Assad, in providing financial and military means to Sunni opision militias. The reluctance of these Sunni states, shared also by the USA, to provide more assistance to rebels was out of concern that it might find its way to al-Qaeda. In any case, by 2014 various jihadist militias came to fight not only against Assad’s regime but also against each other.” Sela, *The Vicissitudes of the Arab States System*, p. 170.



Desde a dissolução da URSS, a Rússia luta, em termos de política externa, para compensar as perdas geopolíticas que sofreu durante os anos de unipolaridade americana.<sup>257</sup> Ainda que por motivos diferentes, ambos aproveitaram a oportunidade que a Guerra Civil Síria lhes deu para aumentarem o seu poder na balança da região, algo em que parte do ‘bloco sunita’ e os seus parceiros ocidentais não foram bem sucedidos.

Ashford relembra a Guerra Fria e em como a mudança da política externa americana no sentido de promover mais a diplomacia nos conflitos, assim como uma maior colaboração com atores já da região e interessados na presença de um poder exterior, poderiam melhorar a postura americana no Médio Oriente, que está em queda. A unipolaridade americana vivida na região, durante a *Pax Americana*, não é sustentável pois não traz uma paz generalizada nem equilibra a balança de poderes. Assim, propõe ainda uma ferramenta mais multipolar para o Médio Oriente – em vez de “bandwagoning”, refere o “offshore balancing”<sup>258</sup>, ou seja, assume que os próprios Estados da região são capazes de contrabalançar o poder dos adversários, sem os EUA se envolverem diretamente:

It assumes that other states can (and will) balance against each other, even without direct US involvement. By relying on over-the-horizon capabilities and local partners, rather than onshore military capabilities, offshore balancing will increase burden sharing and reduce blowback. And while it cannot entirely negate the need for military involvement in certain scenarios, as the case of the first Gulf War shows, military action will be far less (...) a shift to offshore balancing today coupled with a rejection of attempts to shape regional states’ domestic politics would allow the United States to take a more consistent approach to regional politics.

---

<sup>257</sup> “(...) After that, Russia’s Syria policy was built on recovering the geopolitical losses. Russia started to resist against the Western led by the US interventions by using UN and NATO since 1990s with the intervention in Georgia in August 2008. After that, Russia intervened to Ukraine in 2014-2016 and finally it continues its resistance against the intervention and hegemony of the US in Syria.”. Em Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 118.

<sup>258</sup> Ashford, *Unbalanced*, p. 143.

As diversas intervenções americanas na região afetaram a sua imagem externa, ficando cada vez mais reduzida na sua capacidade de ação – as suas restrições estruturais obrigaram-no a retirar tropas de vários teatros de ação, assim como a assumir objetivos menos ambiciosos na Guerra Civil Síria. Apesar do seu papel relevante durante décadas, especialmente durante a época de unipolaridade, os Estados que decidem aliar-se aos EUA têm de conseguir balancear corretamente pressões externas, como problemas de segurança, com pressões internas, neste caso, o desagrado da sociedade doméstica. Ainda que seja do interesse comum, em termos domésticos, aliarem-se aos Estados Unidos, a sua presença no Médio Oriente não é bem vista, particularmente, nos últimos anos. Estados como os do Golfo Pérsico, aliados fiéis aos EUA em termos de segurança, apresentam uma política regional sectária e irredentista, procurando aliados no Médio Oriente para cimentar as suas posições.<sup>259</sup> Os Estados Unidos, atualmente, têm uma margem de manobra substancialmente mais curta.

A Arábia Saudita, a Turquia e o Qatar tiveram maiores dificuldades em coordenar apoios às várias fações da Guerra Civil Síria<sup>260</sup>, sendo que vários destes grupos são considerados jihadistas. Numa guerra inicialmente dominada por grupos moderados e liberais, pertencentes a diversas fações políticas e ideológicas, o confronto rapidamente transformou-se devido à infiltração de fações consideradas por parte do sistema internacional como radicais. Uma das maiores alianças militares islamista sunita durante a Guerra Civil Síria foi o Exército da Conquista, formado entre 2015 e 2017. Contando com membros como a Jabhat al-Nusra e a Ahrar al-Sham, grupos com ligações ou, pelo menos, com uma inspiração ideológica proveniente da al-Qaeda, estes grupos

---

<sup>259</sup> “Steven David argues that decisionmakers “omni-balance” between external and internal pressures and the main location of threats (as well as opportunities and resources) shapes the decision context. Thus, when the primary threat is internal, a regime may align with an external power to get resources to contain it. But it could also seek to appease domestic opinion and enhance legitimacy by indulging in anti-imperialist rhetoric or irredentist campaigns. Where the primary threat is external, a regime may mobilize new domestic actors into politics to expand its internal power base and seek alliances with similarly threatened states” Em Hinnebusch e Ehteshami, *The Foreign Policies of Middle East*, p. 15.

<sup>260</sup> São conhecidas as divergências existentes no Golfo Pérsico, especialmente entre a Arábia Saudita e o Qatar, Estados de importância maior na divulgação de informações no mundo árabe e muçulmano. Ver: Assad Abukalil, “How the Saudi-Qatari Rivalry has Fueled the War in Syria”, Site de The Intercept, 29 de junho de 2018: <https://theintercept.com/2018/06/29/syria-war-saudi-arabia-qatar/> [Consultado a 06-06-2020].

tornaram-se dominantes nos grupos de oposição a Bashar al-Assad, em parte devido ao financiamento e apoio recebido por Estados do Médio Oriente. Contrariamente ao desejado pelos Estados do Ocidente, que não apoiavam o derrube do regime sírio em prol de forças salafistas e jhadistas (havendo um receio que as armas fornecidas para o combate a al-Assad terminassem nas mãos de grupos como a al-Qaeda), a Arábia Saudita e o Qatar apoiaram, mesmo que indiretamente, por via de terceiros. Também a Turquia se demonstrou aliada destes grupos, sendo que, a certo ponto, apoiou mesmo o Estado Islâmico<sup>261</sup>, por este encontrar-se em luta no norte da Síria, localização primordial para os Curdos.

Estes Estados regionais não desejavam particularmente a vitória da Rússia e, principalmente, do Irão, desejavam ainda menos perder a segurança militar e diplomática que os Estados Unidos lhes davam. Apesar dos ganhos em cooperarem multilateralmente, de forma a criarem uma força superior ao “Shia Crescent”, que já conta com uma grande extensão territorial (Irão, Iraque, Líbano e Síria), a Arábia Saudita e a Turquia ainda não conseguiram formar uma aliança. A rivalidade entre ambos os atores, que pretendem obter posições privilegiadas no Médio Oriente, cria um dilema de segurança.

Mesmo ao não conseguir formar alianças, cada Estado está, individualmente, a investir no seu poder militar, assim como a selecionar um conjunto de atores estatais com os quais pretende trabalhar, de forma a aumentar a sua influência na região. Este esforço de coordenação de ação justifica-se pela importância que a segurança e manutenção dos regimes e políticas domésticas têm no Médio Oriente, onde a fundação de um Estado ainda não está completamente cimentada. Assim, os líderes têm de tomar decisões que aumentem a sua influência na região e, simultaneamente, não afetem a posição do seu regime em matéria de política doméstica (“underbalancing”)<sup>262</sup>.

---

<sup>261</sup> Ver: BBC News, “Turkey v Syria’s Kurds v Islamic State”, 23 de agosto de 2018: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-33690060> [Consultado a 06-06-2020].

<sup>262</sup> Outro exemplo de “underbalancing” no Médio Oriente é o fato de que nenhum Estado muçulmano se aliou, oficialmente, com Israel, num pacto anti-Irão. Logicamente, tal já teria ocorrido devido a receios comuns, no entanto, as diferenças ideológicas e o impacto que uma possível aliança, por exemplo, Israel-Arábia Saudita teria na sociedade de ambos os Estados fá-los recuar em tomar alguma medida. Os ganhos regionais não se sobrepõem à estabilidade dos governos e à soberania dos Estados. Em Gause, *Ideologies, Alignments, and Underbalancing in the New Middle East Cold War*, p. 675.

Even as they fail to form new alliances, however, regional actors are taking steps domestically to increase their military power and cultivating non-state actors to increase their regional influence. This “underbalancing” (Schweller 2004, 2006) in terms of state-to-state alignment is best explained not by sectarianism or balance of power logic but rather by a variant of Walt’s (1987) balance-of-threat framework that emphasizes ideology and domestic-regime security issues. (...) By pure balance-of-power logic, the region should have witnessed a Turkish-Saudi-Israeli-Egyptian alignment aimed at checking and rolling back Iranian power.<sup>263</sup>

Após a análise do estudo de caso através do quadro teórico-conceitual apresentado, é necessário apontar algumas falhas que a teoria pode apresentar quando utilizada na região do Médio Oriente, começando pela natureza das relações centro-periferia. A penetração de atores internacionais em questões de natureza regional não significa que a região esteja desprovida de qualquer autonomia em termos de política externa; pelo contrário. Décadas após a formação da maioria dos Estados do Médio Oriente, num quadro de bipolaridade, resultaram numa certa capacidade de negociação e de um certo grau de independência ganho.<sup>264</sup>

Outra limitação a apontar é a existência de espaço para incoerências de um governo devido a uma variedade de fatores. Apesar de ser assumido que o Estado é um ator racional, existe falta de informação em circulação no sistema internacional, algo inevitável, levando a uma possível margem de erro por parte deste ator. Todas as considerações descritas não são uma descrição total do mundo pois tal, simplesmente, não é possível. Não é fácil assumir, no Médio Oriente, que todas as ações tomadas pelos Estados são racionais e, caso apresentem consequências negativas, sejam devido a limitações como falta de informação. O sistema estatal está ainda numa fase de consolidação, ou seja, muitas decisões tomadas pelos governos dos Estados da região

---

<sup>263</sup> Gause, *Ideologies, Alignments, and Underbalancing in the New Middle East Cold War*, p. 672.

<sup>264</sup> “Global penetration does not mean the region lacks all autonomy in the conduct of foreign policy. First, as Oran Young argues, there is always a certain discontinuity between the possession of global power and its exercise in regional arenas: to the extent great powers are unable or uninterested in fully controlling a regional subsystem. (...) Bipolarity arguably gave local states a crucial three-decade window of opportunity to consolidate their autonomy” Em Hinnebusch e Ehteshami, *The Foreign Policies of Middle East*, pp. 4-5.

podem não fazer grande sentido, quando inseridas na estrutura regional, no entanto, eram necessárias para a estabilidade doméstica, algo pelo qual os governos ainda lutam. Assim, apesar da análise ter sido realizada ao nível regional, é possível assumir-se que, em termos de prioritização de necessidades, existem três ambientes conceitualmente diferentes para os Estados: primeiramente, a estabilidade doméstica; de seguida, o seu papel no sistema regional e, apenas no final e com um papel bastante menor, o sistema internacional.<sup>265</sup>

A produção de política externa por parte dos Estados do Médio Oriente, apesar dos avanços positivos, continua a ser difícil, especialmente quando comparada com outras regiões do globo. A falta de condições implícitas no Realismo, como impermeabilidade ou identidade nacional, faz com que conceitos realistas como o “interesse nacional” sejam facilmente contestados.<sup>266</sup>

A “Nova Guerra Fria do Médio Oriente” é o novo ‘tabuleiro’ onde a política internacional está a ser jogada. Há rivalidades geopolíticas e geoeconómicas a serem testadas, no presente atual, à espera que surja um novo sistema internacional.

At the regional level, the Middle East experiences a geopolitical rivalry between the US and Russia and a geoeconomic rivalry between the US and China. At the global level, there is great power politics with classical realist aspect taking place between the US, China and Russia. This global struggle between great powers has the quality of transforming the structure and the principles of the new emerging international system beyond merely changing the geopolitics of the Middle East. In other words, the New Great Game is being played by great powers in Syria, the new chessboard of the 21<sup>st</sup> century.<sup>267</sup>

---

<sup>265</sup> Hinnebusch e Ehteshami, *The Foreign Policies of Middle East*, pp. 1-2.

<sup>266</sup> “The unique features of the Middle East state system, specifically the uneasy relation of identity and state sovereignty, immensely complicate foreign policymaking in the Middle East. (...) Many Middle Eastern states lack the full features – impermeability, secure national identity – that realism assumes. (...) the resulting often arbitrary borders and ill fit between states and national identities mean that loyalty to the individual states is contested by substate and suprastate identities. (...) the “national interest” that realism assumes underlies foreign policy is problematic and contested”. Op. cit., p. 7.

<sup>267</sup> Eksi, *The Syrian Crisis as a Proxy War*, p. 120.

## Considerações Finais

O sistema de Estados de Vestefália, exportado para o Médio Oriente, nunca resultou na perfeição. Tal como noutras regiões em desenvolvimento no globo, assistiram-se a falhas estruturais nos Estados recém-formados, assim como a uma cristalização de padrões de diálogo entre atores pré-sistema de Vestefália. A democratização e a liberalização são processos diferentes e, geralmente, não ocorrem ao mesmo tempo no Médio Oriente. Enquanto a democratização envolve o aumento de estruturas formais que possibilitem a participação das populações, a liberalização refere-se à expansão de direitos cívicos e políticos. Algo assistido na região é a lenta liberalização da sociedade devido aos regimes instalados. Recorrentemente, a liberalização foi pressionada pelas populações e feita através de reformas políticas – evitando a democratização e consequente participação ativa da sociedade.

Após ter atingido o seu pico de funcionamento na década de 80, o sistema regional do Médio Oriente assistiu à sua maior desregulação durante a Primavera Árabe. Foram décadas de esforço conjunto em prol da unidade árabe, levando a um défice de individualidade que qualquer Estado do sistema de Vestáfia deveria de ter, assim como de luta por causas comuns, tais como o conflito israelo-árabe. Mesmo os desejos de partilhar uma identidade árabe comum que aspirasse a uma ordem regional mais estruturada e apoiada em instituições não resultariam, devido à falta de recursos económicos e de esforço em fundar a interdependência financeira.

O final destes anos de tensão trouxe uma configuração mais completa das entidades estatais árabes através de uma maior capacidade de controlo das suas populações, ainda que de forma opressiva, como é possível verificar ao analisar regimes como o iraquiano, sírio ou líbio. A ideologia transnacional do Arabismo coincidiu com a política de vários Estados árabes de dificultar o acesso político às populações, de forma a fortalecer os governos através da força. O Líbano e o Líbano permaneceram fracos em termos governamentais devido à interferência externa durante os anos 70 e 80, servindo como exceções. Momentos como a “Guerra Fria Árabe”, dotados de um elevado número de interações entre atores no Médio Oriente, comprovaram a repetição de

comportamentos entre Estados, levando a uma cristalização de padrões. Parte destes padrões passam pela influência ocidental no funcionamento de parte dos Estados Árabes, a permeabilidade das políticas domésticas, a constante luta entre Estados para se tornarem a hegemonia regional e as interações cada vez de maior relevo com atores não-árabes do Médio Oriente, como se verificou na Guerra Civil Síria e o papel primordial do Irão e da Turquia.

Estes padrões justificam uma maior busca de apoio externo (dentro e fora da região), devido ao enfraquecimento generalizado dos Estados árabes. Para além destes fatores, que explicam o enfraquecimento individual de cada Estado e consequente enfraquecimento geral do Médio Oriente, também não foi possível formar uma aliança ou organização regional forte. Desde a sua fundação, a Liga Árabe, a organização mais antiga e com um papel mais relevante, tem uma base fraca e contraditória – defendendo a soberania de cada Estado árabe e, em conjunto, apelando à unidade árabe. Esta contradição expôs as fragilidades da organização e, consequentemente, dos Estados árabes, cuja legitimidade era posta em causa. Durante a Primavera Árabe, vários Estados tornaram-se Estados falhados, em clima de guerra civil e sem capacidade de se recuperarem nos próximos anos.

A falta de participação destes no sistema criou espaço para uma entrada mais proeminente de outros atores da região, alterando a natural balança de poder, já fraca desde a sua formação neste modelo de Estado. A penetração de outros atores no sistema regional gera resistências, gerando movimentos capazes de se unificarem num esforço de contrabalança. Onde os interesses dos regimes locais se cruzam com os de grandes e médias potências, ambos os atores tendem a aliar-se pelo mesmo propósito, alimentando a sensação de “badwagoning” sentida nas relações entre Estados. O Médio Oriente é uma região volátil e que se altera dependendo dos atores ativos.

A ‘Nova Guerra Fria no Médio Oriente’ tem aspetos estruturais em comum com o modelo verificado nas décadas 50 e 60. Nessa fase histórica do Médio Oriente, figuras de destaque como Nasser, juntamente com o nacionalismo ‘progressivo’ de Karim Qasim, governante iraquiano que levou à queda da monarquia iraquiana, e o Partido

Ba'ath da Síria lutaram contra a permeabilidade do sistema regional árabe, quer diretamente (denunciando posições ideológicas ocidentais), quer indiretamente (reprovando governos apoiados pela superpotências, principalmente as monarquias, como a Arábia Saudita e a Jordânia). Outro aspeto em comum é o facto desta nova guerra ir para além do mundo árabe. O Irão surge como um ator principal e a Turquia começa a ganhar cada vez mais importância quando enquadrada no Médio Oriente.

Apesar destas semelhanças, é de relevo notar que, contrariamente à Guerra Fria Árabe, as grandes potências assumem um papel importante mas não o principal; tomando a Guerra Civil Síria como exemplo, nem a Rússia nem os EUA são considerados os *drivers* dos acontecimentos. O efeito *bottom-up* que, conforme referido anteriormente, caracteriza a Guerra Civil Síria e as tensões durante a Primavera Árabe, justifica-se pelo facto dos Estados não cobrirem todas as lacunas, precisando de convidar outros atores para agirem diretamente nas suas redes domésticas e combaterem as rivalidades locais – não conseguem manter o monopólio de uso legítimo da força. As populações sentem desconfiança em relação aos seus regimes pois estes não correspondem às necessidades básicas, depositando a sua lealdade em grupos sub-nacionais, que defendem interesses em concreto e/ou áreas do território.

Outra diferença crucial é o facto desta não ser uma batalha ideológica entre 'progressistas' e 'reacionários', algo verificado na Guerra Fria anterior, focando-se agora em linhas mais identitárias do que ideológicas. A questão identitária vai ganhando cada vez mais dimensão – por exemplo, os Curdos têm um papel crucial na Guerra Civil Síria, sendo que a sua participação é motivada pela necessidade de defender a sua identidade étnico-nacionalista. Também as outras fações da guerra apresentam os mesmos mecanismos. Com a autoridade local colapsando, a minoria alauita apoiou-se cada vez mais noutras minorias religiosas do território, levando a que, ao longo da guerra, a oposição se caracterizasse cada vez mais por grupos armados de sunitas islamistas - um grande contraste com a fase inicial da guerra, fundamentalmente levada a cabo pela população civil síria, na sua generalidade, em busca de uma estrutura democrática.



Para além destas dicotomias identitárias, o Islão Político tornou-se a maior força política no Médio Oriente, espalhando-se também para o Norte de África e, conseqüentemente, destronando o Pan-Arabismo. Dependente de ferramentas para mobilizar as populações, como o sectarismo, os atores que utilizaram o Islão Político como bandeira das suas ações alteraram drasticamente os alinhamentos na região. O fato de ser o Islão e não a cultura árabe a unificar as populações do Médio Oriente significa que as questões políticas dos Árabes deixaram de ser exclusivamente defendidas e praticadas pelos Árabes, como é possível confirmar pelo aumento da posição do Irã no sistema regional. A política tornou-se ‘pós-Árabe’, ou seja, as decisões tomadas são devido a motivos relacionados com a soberania estatal dos Estados no Médio Oriente ou com as divergências sentidas no Islão, não estando necessariamente relacionadas com a posição dos Árabes.

Apesar das mudanças políticas ocorridas na região décadas após a ‘Guerra Fria Árabe’, o respeito pelo princípio da não-intervenção é ainda debatível devido à porosidade verificada nas fronteiras; uma série de atores, especialmente não estatais (mas financiados por Estados), prolongam a ideia de serem representantes da ‘causa árabe’. O reconhecimento mútuo dos Estados não resultou diretamente no reconhecimento popular desses regimes, levando a uma queda de regimes. Atualmente, regimes da região do Médio Oriente continuam a surgir como distantes das sociedades, não resultando numa ligação maior conforme expectável.

Anos após a *Pax Americana* e a fase de unipolaridade, os EUA estão mais focados nos seus interesses na região, mais concretamente, na proteção da indústria petrolífera e do seu mercado interno que depende deste bem. Como um ator de grande relevo na região, deveria também de combater grupos terroristas que possam ameaçar o seu território. **O que é que os EUA perderam, em termos de geoestratégia, ao se limitarem, na Guerra Civil Síria, a considerarem o auto-proclamado Estado Islâmico como principal alvo?** Maioritariamente a capacidade de evitar um efeito “spill-over” em termos de propagação das ondas de violência na região. Analisando os anos da unipolaridade americana, é bastante debatível uma possível vitória americana na região,

mesmo acrescentando a presença dos seus aliados regionais na equação. Os objetivos diretos foram efetivamente cumpridos – a estabilidade prometida não. Aliás, em plena fase de “Inverno Árabe”, os EUA estão afastados ou em fases de negociação em quase todos os seus teatros de intervenção.

Para além do papel secundário que desempenhou durante os anos mais intensos da Guerra Civil Síria, que resultaram num papel igualmente secundário nas negociações de paz, os Estados Unidos não encontraram uma forma prática e eficiente de colaborar com os seus aliados na região. Durante a Administração Obama, em especial, as negociações sobre o programa nuclear entre o Estado americano e Teerão geraram desconforto por parte dos parceiros de Washington, devido às presentes contrariedades da política externa americana no Médio Oriente: o apoio à paz e regularização das relações na região com atores considerados condenáveis pelo aparente código da política externa americana.

A sensação de ameaça por parte da Arábia Saudita em relação ao Irão iniciou com o aumento de tensão sentida na região. A mudança para um modelo de política mais islamista por parte do Egito e da Tunísia, ainda que sem laços diretos ao Irão, apenas aumentaram a sensação de abandono do projeto árabe iniciado há décadas. A Arábia Saudita sempre se posicionou como um ator importante na defesa da cultura árabe, abrangendo cidades muçulmanas consideradas sagradas, e o seu modelo governamental passava não só pela república islâmica mas também pela monarquia absoluta Wahhabista.

Enquanto parceiro americano, o papel da Arábia Saudita não foi de revelado na Guerra Civil Síria, sendo um Estado militarmente fraco e dependente de atores ocidentais para participar de uma forma mais proeminente – algo visto com maus olhos pela comunidade árabe, na sua generalidade. Durante a Primavera Árabe, governos pró-americanos seculares como Mubarak no Egito, foram derrubados e a Arábia Saudita demorou a compreender as mudanças no sistema regional e o que poderiam significar para o centro do mundo sunita. Sem saber como se posicionar nas variadas frentes da guerra, perdeu o momento de se voltar a mostrar como a mais importante força do

mundo sunita, sendo ultrapassada, na guerra, por atores como a Turquia e o Qatar. A decisão do Estado saudita de apoiar atores considerados terroristas pelos EUA e pela União Europeia, como a Jabhat al-Nursa e semelhantes grupos armados seguidores do salafismo jihadista, apenas deteriorou as relações diplomáticas entre estes Estados. Em termos geoestratégicos, as más decisões quer dos Estados Unidos quer dos seus parceiros locais, afetaram a capacidade de defenderem igualmente os seus interesses partilhados na Guerra Civil Síria.

A Guerra Civil Síria poderá parecer uma vitória para o Irão: Bashar al-Assad, alauita, não foi retirado do poder. A sensação de vitória advém também de outro fator, que é a fraqueza do Médio Oriente enquanto sistema. Quando a Revolução Iraniana ocorreu, o modelo de Estado islamista revolucionário não se propagou para outros Estados, não por falta de apoio das populações mas sim pelo mecanismo de repressão que, na altura, os Estados tinham, mais fortes e capazes. É possível considerar-se que a verdadeira 'Nova Guerra Fria do Médio Oriente' não começou apenas com a Primavera Árabe, mas sim com o enfraquecimento do Iraque após a intervenção americana, levando o Irão a adquirir maior influência, assim como no Líbano e no Lémen. A mudança de campo político destes Estados criou instabilidade e a sensação de ameaça que a Arábia Saudita sentiu foi maior. **A Guerra Civil Síria proporcionou um novo mapa de ação externa para o Irão.**

Com o enfraquecimento dos aparelhos estatais e conseqüente insegurança sentida no sistema regional, estamos assim a assistir a uma nova forma de Nacionalismo Árabe, com uma agenda comum relativamente a assuntos que são importantes para as populações árabes, que têm uma identidade islâmica. O Irão consegue unificar as populações da região através do apelo a essa identidade, ainda que não traga uma resposta definitiva para os problemas das populações.

Atualmente, o sistema internacional está a assistir ao declínio dos projetos políticos do final da primeira 'Guerra Fria do Médio Oriente'. É este enfraquecimento do poder dos aparelhos estatais, mais do que o sectarismo ou o Islamismo radical, que estão a criar as verdadeiras dificuldades à manutenção da soberania dos Estados. A rede

de apoio entre os Estados da região baseia-se nesta divisão séctaria, contudo, nenhum dos Estados principais (Irão e Arábia Saudita) está a ser motivado por tal – ambos querem apenas manter os seus regimes e controlar o jogo clássico da balança de poder.

Os maiores aliados da ex-União Soviética sofreram as consequências da dissolução da URSS a longo prazo: Estados como a Síria, Iraque e Líbia tiveram de reconfigurar as suas estruturas político-económicas e como estas comunicavam com as populações. Não é coincidência que todos estes Estados estejam, atualmente, em clima de guerra civil ou, no mínimo, com uma instabilidade generalizada.

**Quais foram os ganhos russos ao participar na guerra, defendendo o regime sírio?** Através da sua intervenção na Síria, é possível depreender que a Rússia pretende manter-se envolvida nos assuntos do Médio Oriente, assumindo uma posição ativa. Os princípios que mobilizam a política externa russa – estabilidade, prestígio e comércio – foram alargados, abrangendo mais aspetos económicos e diplomáticos que vão de encontro aos interesses de Moscovo. Estados considerados aliados dos Estados Unidos, como o Egito e o Bahrain, demonstraram o seu desagrado pelas políticas da Administração Obama ao realizarem acordos comerciais com a Rússia, maioritariamente de aquisição de armamento. A Administração Trump terá agora de decidir se pretende aumentar, ou não, a relevância do Médio Oriente na sua política externa e os custos que surgirão dependendo da sua decisão.

Esse aumento de influência a aplicar na região poderá ter um custo que a Rússia não está pronta a pagar. Com as sanções económicas da União Europeia e os EUA, assim como as flutuações de preço do petróleo, Moscovo não tem uma economia completamente estável e forte para agir livremente na região. O próprio Estado russo apresenta dificuldades domésticas que são prioritárias em relação a qualquer ação externa. Outro desafio na política externa russa que poderá ganhar uma maior dimensão é a sua capacidade de trabalhar com múltiplos atores, muitos destes em posições opostas no sistema regional. O Irão e a Arábia Saudita, em particular, poderão envolver a Rússia nos seus atritos, o que poderia obrigar Moscovo a tomar lados nesta contenda

no Médio Oriente. Será necessário analisar atentamente que ocorrências justificam a entrada da diplomacia russa em ação.

É possível constatar que o Estado que participou na Guerra Civil Síria e enfrenta mais desafios em matéria de política doméstica, no presente e no futuro, é a Turquia. Antes do seu envolvimento neste conflito, a posição de Ancara era consideravelmente neutra nos assuntos relativamente à região devido à sua política de “zero problemas com os vizinhos”, ou seja, o respeito pela soberania dos Estados vizinhos. Contudo, após a entrada efetiva na guerra, compreendeu-se que tal agenda de política externa não seria realizável, pois a Turquia faz fronteira com um Estado parcialmente falhado. Para além desta questão de matéria externa, decisões como o ataque às posições Curdas na Síria tiveram consequências na política doméstica da Turquia, agitando seções da sociedade.

Com o Estado mais fragilizado da região árabe, levando a uma penetração facilitada nos seus sistemas, dois grupos de Estados foram favorecidos – as monarquias árabes e os Estados não-árabes, sendo que a Turquia se insere neste segundo grupo. Apesar de ter visto a sua política de “zero problemas com os vizinhos” a balança de poder na região provou ser extremamente favorável a Ancara, governada por Recep Erdogan, presidente da Turquia há mais de cinco anos. Tal como o Irão e a Arábia Saudita, a Turquia tem suficientes recursos e alguma considerável estabilidade, sendo capaz de moldar o sistema regional no pós-Primavera Árabe. **As dificuldades estão, principalmente, na questão dos Curdos e dos refugiados que albergou no seu território.** Atualmente, bastante ativa na defesa das suas fronteiras, a Turquia tenta controlar a possível expansão dos Curdos no norte da Síria, assim como aprofundar as reformas iniciadas pelo governo de Erdogan. As relações da Turquia com os Estados à sua volta, como a Síria e o Iraque, nunca foram as melhores, devido ao fato destes governos tentarem manter relações mais cordiais com os Curdos – por exemplo, a Síria recebe guerrilheiros do PKK, considerados terroristas pela Turquia.

O Médio Oriente encontra-se numa situação de multipolaridade em termos de centros de poder, assim como de ideologias, e a Turquia está presente nesse esquema.

O fato de ser considerado um modelo de governação pelos próprios Estados árabes gera considerável desconforto por parte dos seus aliados ocidentais e membros da NATO, com os quais têm havido vários choques, como o bloqueio económico que os EUA impuseram à Turquia, em 2019. Enquanto o Irão apresenta uma natureza revolucionária e de rejeição do atual sistema regional e a Arábia Saudita mantém a sua versão conservadora e salafista de governação, a Turquia tem uma estrutura mais versátil e bem-sucedida – uma democracia populista, islamista e sunita. É possível afirmar que mesmo o autoproclamado Estado Islâmico retirou inspiração deste modelo de governação.

Apesar destes pontos, considerados positivos pelo governo de Erdogan, que pretende aumentar a sua posição no Médio Oriente, Ancara terá de enfrentar diversas adversidades: um novo posicionamento das suas relações com os EUA, assim como com a União Europeia, à qual é candidato de longa data. A natureza do atual Estado turco levanta sérias questões, em termos de liberdade e Direitos Humanos, e terá de encontrar uma forma de manter canais de diálogo entre o Ocidente e o Oriente. Os Curdos e os milhares de refugiados no seu território continuam a ser um problema, que envolveu ataques em conjunto com a Rússia, de forma a controlar a população curda síria. Existem vários cenários possíveis em cima da mesa quanto ao alinhamento dos poderes que se envolveram na Guerra Civil Síria, sendo um desses o alinhamento entre a Rússia e a Turquia. A Rússia poderia ganhar um novo aliado caso conseguisse reduzir a sensação de insegurança e se aproximasse da Turquia, graças à questão curda, ao ponto de não colocar em causa a aliança Rússia-Síria. Se tal acordo não ocorresse e a formação de um Estado Curdo realmente acontecesse, Ancara teria de escolher aliar-se aos EUA ou à Rússia, considerando que são rivais nas questões energéticas – de salientar que o Irão, vizinho do território, não simpatiza propriamente com a causa deste povo.

Uma das maiores incógnitas em relação ao futuro do novo sistema na região são também as relações EUA-Irão, que envolvem um conjunto alargado de Estados alinhados com estes poderes, ainda que de dimensões diferentes. A Arábia Saudita e a Turquia, uma potência regional de destaque e outra em ascensão, irão também

influenciar ainda mais a balança de poder. Por fim, a nível global, os EUA e a Rússia continuam a ter um papel fulcral na região e o nível de investimento que pretendem fazer determinará a balança de poder do Médio Oriente.

O Médio Oriente permanece uma região relativamente negligenciada relativamente à teorização das Relações Internacionais. Generalizando, a região é vista como demasiado única e específica, dificultando a inserção desta em qualquer quadro teórico-concetual e possível análise. Esta especificidade advém de fatores como a identidade e a religião, que ganham uma especial relevância no Médio Oriente, assim como o fato da região incluir Estados não-árabes importantes, o que requer uma análise mais individual de cada um destes atores.

Não sabendo que Estados serão aliados ou adversários, é claro que o futuro do Médio Oriente é plural, não hegemónico.

## Anexos

1. Tabela criada por Morten Valbjorn e André Bank, comparando sucintamente a ‘Guerra Fria Árabe’ e a ‘Nova Guerra Fria do Médio Oriente’. Em: Valbjorn, M., e Bank, A. (2011). *The New Arab Cold War: Rediscovering the Arab Dimension of Middle East Regional Politics*. *Review of International Studies*, vol. 38, nº1, p. 16.

### 16 Morten Valbjorn and André Bank

	The Old Arab Cold War	The New Arab Cold War
<i>Context</i>	‘Arab state system’ combining anarchy with common identity based on special bonds among Arab-speakers belonging to the same Arab nation Shared ‘Arab interests’ with Palestine as major symbolic reference point	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Mainly <i>secular</i> Arab public</li> <li>● Trans-Arab media: ideological tool of leading regional power (prototype: Egyptian <i>Sawt al-Arab</i>)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Arab-Islamic public</li> <li>● Trans-Arab media: commercial, quasi-independent (prototype: Qatari <i>al-Jazeera</i>)</li> </ul>
<i>Rivalry</i>	About monopolising the meaning of Arab interests and discrediting rivals as acting at odds with them	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Interstate</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● states/regimes vs. Islamist societal actors with popular appeal</li> </ul>
<i>Players</i>	Arab actors are key figures	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Arab states</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Arab states and Arab-Islamist societal actors as well as non-Arab Iran, Israel and Turkey</li> </ul>
<i>Cleavage</i>	Pro-Western ‘moderate’ vs. anti-Western ‘radicals’	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● ‘Radical’: secular, socialist-leaning regimes (prototype: Nasser)</li> <li>● Key opponents: Egypt vs. Saudi-Arabia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● ‘Radical’: Arab-Islamist movements (prototype: Nasrallah)</li> <li>● Key opponents: Egypt &amp; Saudi Arabia vs. Hizballah &amp; Hamas</li> </ul>
<i>Means</i>	‘Soft power’: popular legitimacy derived from being perceived to observe ‘Arab interests’ more threatening than military ‘hard’ power	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Arab League</li> <li>● Radio (<i>Sawt al-Arab</i>)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● ‘Duelling Arab Summits’</li> <li>● Trans-Arab satellite channels (<i>al-Jazeera, al-Arabiya</i>)</li> </ul>
<i>Theatre of rivalry</i>	Domestic regime/people divide related to regional scene and regional politics do also take plays at domestic scene	
<i>Impact</i>	Foreign policy at odds with narrow <i>raison d’état</i> as a reaction to protests at popular level	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Popular revolts and coup (attempts)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Rise of a parallel non-statist Arab order next to official Arab state system</li> <li>● Further delegitimised Arab authoritarianism</li> </ul>



## Bibilografia

### Artigos e Capítulos de Livros

Al Sarhan, A. S. (2017). United States Foreign Policy and the Middle East. *Open Journal of Political Science*(7), pp. 454-472.

Ashford, E. (2018). Unbalanced: Rethinking America's Commitment to the Middle East. *Strategic Studies Quarterly*, 12(1), pp. 127-148.

Barnett, M. (Setembro de 1993). Institutions, Roles and Disorder: The Case of the Arab States System. *International Studies Quarterly*, 37(3), 271-296.

Chapnick, A. (1999). The Middle Power. *Canadian Foreign Policy*, 7(2), pp. 73-82.

Donnelly, J. (2005). Realism. Em S. Burchill, A. Linklater, R. Devetak, J. Donnelly, M. Patterson, C. Reus-Smit, e J. True (eds.), *Theories of International Relations* (pp. 29-54). Nova Iorque, NY: Palgrave Macmillan.

Ehteshami, A., e Mohammadi, A. (2017). Saudi Arabia's and Qatar's Discourses and Practices in the Mediterranean. Em A. Ehteshami, D. Huber, e M. C. Paciello (eds.), *The Mediterranean Reset: Geopolitics in a New Age* (pp. 101-123). Global Policy.

Eksi, M. (Novembro de 2017a). Regional Hegemony Quests in the Middle East from the Balance of Power System to the Balance of Proxy Wars: Turkey as Balancing Power for the Iran-Saudi Rivalry. *Gazi Akademik Bakış*(21), pp. 133-156.

Eksi, M. (2017b). The Syrian Crisis as a Proxy War and the Return of the Realist Great Power Politics. *Uluslararası Kriz ve Siyaset Araştırmaları Dergisi*(2), pp. 106-129.

El-Hussari, I. A. (2014). Yet another version of the "Arab Spring": Ramifications of the Syrian Armed Conflict for the Existing Arab Order and Beyond. *Central European Journal of International & Security Studies*, 8(3), pp. 130-149.

Gause III, F. G. (1992). Sovereignty, Statecraft and Stability in the Middle East. *Journal of International Affairs*, 45(2), pp. 441-469.

Gause III, F. G. (2011). Why Middle East Studies Missed the Arab Spring: The Myth of Authoritarian Stability. *Foreign Affairs*, 90(4), pp. 81-90.

Gause III, F. G. (2015). Revolution and threat perception: Iran and the Middle East. *International Politics*, 52(5), pp. 637-645.

Gause III, F. G. (2017). Ideologies, Alignments, and Underbalancing in the New Middle East Cold War. *Politics Symposium*, 50(3), pp. 672-675.

Görgülü, A., e Dark, G. (2017). Turkey, the EU and the Mediterranean: Perceptions, Policies and Prospects. Em A. Ehteshami, D. Huber, e M. C. Paciello (eds.), *The Mediterranean Reset: Geopolitics in a New Age* (pp. 124-138). West Sussex e Durham: Global Policy.

Güner, S., e Ezgi Koc, D. (Junho de 2017). Shifting Balances of Power in the Syrian Conflict. *Turkish Policy Quarterly*, 16(1), 123-131.

Hinnebusch, R. (2009). The politics of identity in Middle East international relations. Em L. L. Fawcett, *International Relations of the Middle East* (pp. 148-69). Oxford; Nova Iorque: Oxford University Press.

Hinnebusch, R. (2013). Security Conceptions and Practices in the Middle East: The Case of the Arab League. Em S. Aris, e A. Wenger (eds.), *Regional Organisations and Security: Conceptions and Practices* (pp. 121-138). Londres e Nova Iorque: Routledge.

Hinnebusch, R. (2015). The Arab Uprising: Consequences for State and System. Em R. Hinnebusch, *The International Politics of the Middle East* (pp. 272-312). Manchester, UK: Manchester University Press.

Hinnebusch, R. (2015). The Middle East under US Hegemony (1990-2010). Em R. Hinnebusch, *The International Politics of the Middle East* (pp. 225-271). Manchester, UK: Manchester University Press.

Hinnebusch, R. (2015). War and Order in the Regional System. Em R. Hinnebusch, *The International Politics of the Middle East* (pp. 175-224). Manchester, UK: Manchester University Press.

Hinnebusch, R. (2018). From Westphalian Failure to Heterarchic Governance in MENA: The Case of Syria. *Small Wars and Insurgencies*, 29(3), pp. 391-413.

Hunter, R. E. (2010). Building Blocks for Regional Security Structure. Em R. E. Hunter, *Building Security in the Persian Gulf* (pp. 93-120). Santa Mónica, Califórnia: RAND Corporation.

- Isaac, S. K., e Kares, H. E. (2017). American Discourses and Practices in the Mediterranean Since 2001: A Comparative Analysis with the EU. Em A. Ehteshami, D. Huber e M. C. Paciello (eds.), *The Mediterranean Reset: Geopolitics in a New Age* (pp. 13-47). Global Policy.
- Lebow, R. N. (2013). Classical Realism. Em T. Dunne, M. Kurki, e S. Smith, *International Relations Theories: Discipline and Diversity* (pp. 59-76). Oxford, Reino Unido: Oxford University Press.
- Leffler, M. P. (1994). National Security and US Foreign Policy . Em M. P. Leffler e D. S. Painter, *Origins of the Cold War - An International History* (pp. 15-41). Nova Iorque: Routledge.
- Lustick, I. S. (Primavera de 1997). The Absence of Middle Eastern Great Powers: Political "Backwardness" in Historical Perspective. *International Organization*, 51(4), 653-83.
- Mahdian, H. (2018). Islamic Cold War. *Studia Politica*, 412(81), pp. 12-40.
- Mearsheimer, J. J. (2013). Structural Realism. Em T. Dunne, M. Kurki, e S. Smith, *International Relations Theories: Discipline and Diversity* (pp. 77-92). Oxford, Reino Unido: Oxford University Press.
- Milchman, A. (Primavera de 1965). D.F. Fleming on "The Origins of the Cold War". *Left and Right*(nº1), pp. 64-83.
- Noi, A. Ü. (2013). A Clash of Islamic Models. *Current Trends in Islamist Ideology*, 15, pp. 92-114.
- Pedro, N. d. (2017). How Does Russia Conceive of the Mediterranean Spaces in Its Official Discourse and Narratives? A Critical Discourse Analysis. Em Ehteshami, D. Huber e M. C. Paciello, (eds.), *The Mediterranean Reset: Geopolitics in a New Age*, (pp. 48-59). Global Policy.
- Podeh, E. (Novembro 1998). The Emergence of the Arab State System Reconsidered. *Diplomacy and Statecraft*, 9(3), 50-81.
- Raine, F. S. (1994). The Iranian Crisis of 1946 and the Origins of Cold War. Em M. P. Leffler e D. S. Painter, *The Origins of the Cold War - An International History* (pp. 93-111). Nova Iorque: Routledge .
- Realist Theories . (2014). Em J. S. Goldstein e J. C. Pevehouse, *International Relations* (pp. 42-81). Nova Jérícia, EUA: Pearson.

Rivlin, P. (2014). \$800 Billion and Rising: The Costs of the Arab Winter. *Middle East Economy*, 4(1), pp. 1-5.

Roberts, G. (1994). Stalin and Soviet Foreign Policy. Em M. P. Leffler e D. S. Painter, *Origins of the Cold War - An International History* (pp. 42-57). Nova Iorque: Routledge .

Salloukh, B. F. (Junho de 2013). The Arab Uprisings and the Geopolitics of the Middle East. *The International Spectator*, 48(2), 32-46.

Sasley, B. E. (2011). Studying Middle Eastern International Relations through IR Theory. *Ortadogu Etüleri*, 2(2), pp. 9-32.

Sela, A. (2017). The Vicissitudes of the Arab States System: From its Emergence to the Arab Spring. *India Quarterly*, 73(2), pp. 145-179.

Valjborn, M., e Bank, A. (2007). Signs of a New Arab Cold War - The 2006 Lebanon War and the Sunni-Shi'i Divide. *Middle East Report*(242), pp. 6-11.

Valjborn, M., e Bank, A. (2011). The New Arab Cold War: Rediscovering the Arab Dimension of Middle East Regional Politics. *Review of International Studies*, 38(1), 1-22.

Viotti, P. R., e Kauppi, M. V. (2012). Realism: The State and The Balance of Power. Em P. R. Viotti e M. V. Kauppi, *International Relations Theory* (pp. 39-82). Glenview, EUA: Longman.

Wohlforth, W. C. (2008). Realism. Em C. Reus-Smit e D. Snidal, *The Oxford Handbook of International Relations* (pp. 132-149). Nova Iorque, EUA: Oxford University Press.

Yakubu, M. J., Falode, A. J., e Britto, B. R. (2018). The Pitfalls of Unilateralism: The United States in Syria. *Global Journal of Human-Social Science (F)*, 18(5), pp. 9-17.

## **Livros**

Baylis, J., Smith, S., e Owens, P. (2011). *The Globalization of World Politics: An Introduction to International Relations*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press.

Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.

ed. Hinnebusch, R., e Ehteshami, A. (2002). *The Foreign Policies of Middle East*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.

Fawcett, L. (2005). *International Relations of the Middle East*. Oxford: Oxford University Press.

Green, S. (1988). *Living by the Sword: America and Israel in the Middle East 1968-87*. Londres: Faber and Faber Limited.

Hinnebusch, R. A., e Ehteshami, A. (1997). *Syria and Iran - Middle Powers in a Penetrated System*. Londres, Reino Unido: Routledge London.

Marsh, D., e Stoker, G. (2002). *Theory and Methods in Political Science*. Nova Iorque, NY: Palgrave Macmillan.

Pinto, M. do Céu (2008). *"Infiéis na Terra do Islão": Os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Podeh, E. (1999). *The Decline of Arab Unity: The Rise and Fall of the United Arab Republic*. Sussex: Sussex Academic Press.

Seddon, D. (2004). *A Political and Economic Dictionary of the Middle East*. Londres: Europa Publications: Taylor & Francis Group.

Strauss, A. L. (1987). *Qualitative Analysis for Social Scientists*. Cambridge: Cambridge University Press.

### **Papers e Relatórios**

Anderson, T. (2015). Lessons from the Iranian Revolution. Em C. S. Iran (Edits.), *The Islamic Revolution of Iran: from the viewpoint of Australian Scholars* (pp. 16-38). Canberra, Austrália: Cultural Section of the Embassy of the Islamic Republic of Iran.

Bensahel, N. (2004). Political Reform in the Middle East. Em N. Bensahel, e D. L. Byman (eds.), *The Future Security Environment in the Middle East: Conflict, Stability, and Political Change* (pp. 15-56). Santa Mónica, Califórnia: RAND Corporation.

de Soysa, I. (s.d.). *Proxy Wars: Implications of Great-Power Rivalry for the Onset and Duration of Civil War*. Trondheim: Norwegian University of Science and Technology.

- do Vale Faria, J. A. (Outubro de 2011). A Islamização da Europa: Do Al-Andaluz à Eurásia. Mestrado em Relações Internacionais. Escola de Economia e Gestão: Universidade do Minho
- Gause III, F. G. (2014). *Beyond Sectarianism: The New Middle East Cold War*. Doha: Brookings Doha Center Analysis Paper.
- Harrison, R. (2018). *Shifts in the Middle East Balance of Power: An Historical Perspective*. Doha: Al Jazeera Centre for Studies.
- Kabbani, N., e Kamel, N. (2007). *Youth Exclusion in Syria: Social, Economic, and Institutional Dimensions*. Dubai: Wolfensohn Center for Development.
- Kettunen, P., & Aunesluoma, J. (2008). *History in the Cold War and the Cold War in the Present*. Helsínquia, Finlândia: Universidade de Helsínquia.
- Kerr, M. H. (1965). *The Arab Cold War. Gamel Abd al-Nasr and his Rivals, 1958-1970*. Oxford: Oxford University.
- Magalhães, P. S. (2016). A União Europeia e a Segurança Humana - O Caso dos Refugiados Sírios. Escola de Economia e Gestão: Universidade do Minho.
- Sladden, J., Wasser, B., Connable, B., e Grand-Clement, S. (2017). *Russian Strategy in the Middle East*. Obtido de RAND Corporation: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE340.html>
- Souza, C. E., Peixoto, D. M., Correa, F. B., e Santos, W. A. (2017). A Guerra Civil na Síria: atores internos, jogos de poder e possíveis reflexos para o Brasil a partir da situação dos refugiados desse conflito. *14º Congresso Académico da Defesa Nacional*, (pp. 1-13). Rio de Janeiro.
- Wasser, B. (2019). *The Limits of Russian Strategy in the Middle East*. Obtido de RAND Corporation: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE340.html>

